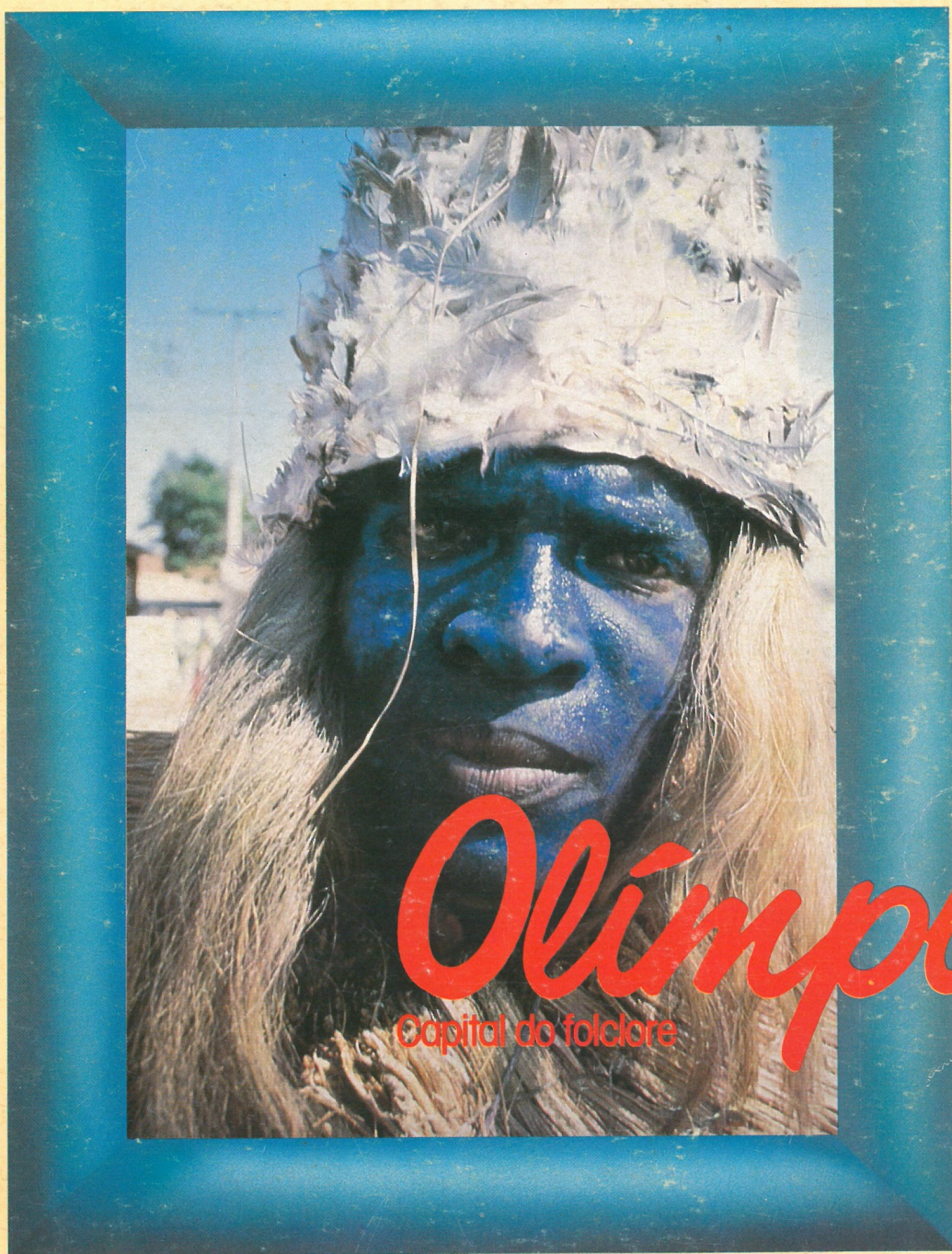


19^o Festival do Folclore

de 14 a 21
de agosto
de 1983

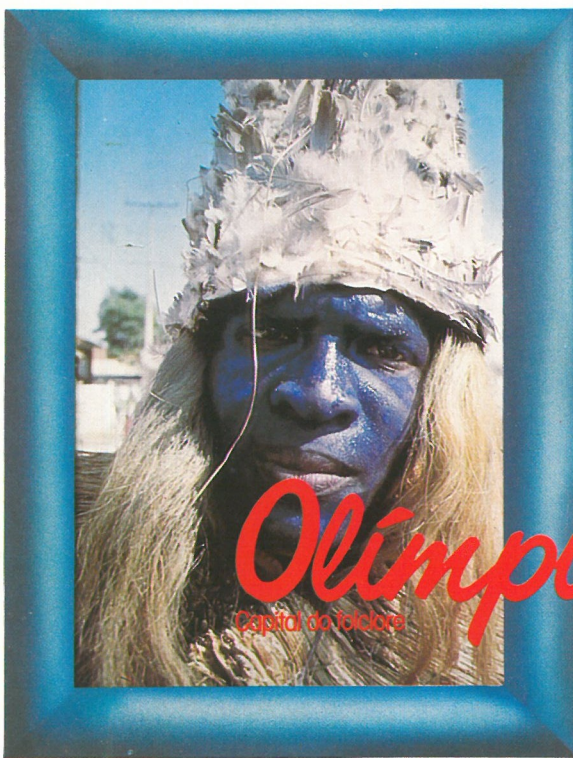


Olímpia^{SP}
Capital do folclore

Colaboração

BRADESCO

o banco brasileiro



CAIAPÓ

Caiapó (ou Caiapô) é bailado folclórico de origem indígena. Aparece em alguns Estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A dança relembra o episódio ocorrido na fase da colonização lusitana, narrado pela tradição oral indígena, quando uma bugrinha foi raptada pelos portugueses. É dança interpretada por um número de trinta a cinquenta figurantes, trajados de índios.

A vestimenta é de capim barba-de-bode, capim membeca. Usam colares de penas de galinha, de preferência galinha-de-angola. As partes descobertas do corpo são pintadas de azul. Utilizam os instrumentos musicais: viola, tambor, caixa, pandeiro, reco-reco e matraca. Também servem como instrumentos de percussão: arco e flecha, espada de madeira e osso de boi ou burro. Até machado figura no grupo de caiapós. Destaca-se, como instrumento, a buzina (berrante) usada pelo chefe (cacique, pajé ou capitão) que dirige o grupo e toda a coreografia. Batem os pés, descalços, durante a dança, ao som das espadas. Quando ouvem barulho de fogos, jogam-se no chão, atitude de índios, quando ouviam trovões.

Participam do folguedo duas meninas (geralmente meninos vestidos de meninas), uma de roupa vermelha e outra de azul, chamadas **bugrinhas**, que são protegidas pelos flecheiros. A bugrinha vestida de vermelho significa personagem não batizada e a vestida de azul é a que deixou de ser pagã. E isto é muito importante para os caiapós. Quando uma das bugrinhas é raptada, os caiapós param o batuque. Uma buzina, tocada pelo chefe do grupo, anuncia que é hora de iniciar a recuperação da bugrinha raptada. Os caiapós seguem, apressados, à procura da bugrinha e de seu raptor. Logo após o encontro, os espadeiros, com suas batidas ritmadas, entrecruzadas, iniciam a caminhada de volta, carregando a bugrinha nos braços, batendo vigorosamente os tambores, numa apoteose de alegria. É uma grande festa. O raptor, para ser solto, deve pagar em dinheiro ao caiapó que recuperou a bugrinha.

Alguns grupos de caiapós apresentam o porta-bandeira (estandarte) e dançam em louvor a São Benedito. Não há fala, nem canto. O ritmo e a coreografia indicam a teatralização do folguedo.

Os grupos de **Caiapós** que se tornaram famosos nos festivais de Olímpia são os de: São José do Rio Pardo — SP, Campestre — MG, Cabo Verde — MG e um outro grupo bem diferente desses, a **Bugrada**, de Itapetinga — SP. Há muito o que escrever a respeito desse folguedo folclórico. No **Caiapó de Campestre** há ainda, dois figurantes que enfeitam a cabeça com capacetes adornados de enormes chifres (cabeça de boi). Outros dois se trajam como palhaços de folhas de reis, cobrindo a cara com horrendas máscaras. São os rezadores que defendem os caiapós.

Prof. José Sant'anna

Capa: Dançador de Caiapó, de São José do Rio Pardo - SP — 17º FEFOL de Olímpia (1981). Foto de Emídio Luisi.

Na batalha da vida combate-se quase sempre, de baixo para cima e ganhar sem esforço seria, talvez, ganhá-la sem honra. Se não houvesse dificuldades, não haveria sucesso. As dificuldades servem de estímulo para as pessoas decididas e corajosas. Toda a experiência da vida prova que os obstáculos semeados na carreira humana podem ser superados por uma conduta, por um zelo honrado, pela atividade e perseverança, e sobretudo pela vontade decidida de vencer as dificuldades e de resistir, corajosamente, ao infortúnio.

A satisfação com nós mesmos, satisfação com os nossos sentimentos e com os resultados dos nossos esforços são fatores importantes para a nossa vida. O segredo é este: Levante os grandes ideais e viva para eles.

Executar o trabalho durante longo período de 19 (dezenove) anos, com governos diferentes e persistir em face de todas as derrotas, sem perder a serenidade de ânimo, sem afrouxar na experiência, é um exemplo notável de perseverança.

No tempo do Festival do Folclore em Olímpia, no mês de agosto, o caráter bondoso e hospitaleiro de sua gente faz com que tudo na natureza se descance e exulte. É mais melodioso o canto das aves, o ar parece mais balsâmico e puro e há por toda a parte um espírito de alegria que anima e atravessa a cidade. E esse poder é um rio caudaloso que corre silenciosamente.

Os passarinhos cantam nos galhos dos arvoredos saudando com reconhecimento as promessas benignas dos dias da festa. Tudo sorri. Os olímpenses e visitantes acompanham instintivamente este concerto de felicitação nacional, repetindo, em coro, as toadas de nossa terra. E todos seguem, felizes e engolfados nas harmonias que os fenômenos folclóricos exalam e vêm morrer casados em suas almas, num abraço divino e misterioso.

Mas para que o Festival prosseguisse foi preciso manter, no espírito, pensamentos são e alegres. Tudo causou muita dificuldade, mas está absolutamente dentro do nosso poder mental, provando que Deus esteve sempre conosco. Para tanto, tivemos que semear antes de colher e esperar muito tempo, mas nos contentaríamos, com a esperança da colheita. O grande prazer da vida consiste no trabalho franco, aturado e consciencioso, do qual principalmente dependem a energia, a confiança e as boas qualidades. Aqueles que trabalham para o bem público, devem trabalhar por muito tempo e com paciência e muitas vezes sem o alento da esperança de sucesso ou de recompensa imediata. A semente que espargem fica, às vezes, enterrada debaixo da garoa do inverno e é possível que, ao regressar a primavera, os cultivadores já tenham ido para o lugar do eterno repouso.

Não há coisa alguma, por pequena que seja, que se deva desprezar, nem fato, ainda mesmo trivial, que não possa ser de alguma utilidade sendo cuidadosamente interpretado. O olho inteligente do observador atento dá valor às manifestações aparentemente simples.

A observação atenta de coisas pequenas é nas artes, nas ciências e em todas as carreiras o segredo do sucesso. O conhecimento humano não é mais do que uma coleção de fatos pequenos formada por sucessivas gerações cuja parcela de saber e experiência, cuidadosamente acumulados, formaram, afinal, uma pirâmide imensa. Apesar de muitos destes fatos e observações não terem tido ao princípio senão pouca importância, todos eles acharam a sua utilidade e o seu lugar adequado.

Toda a lei da harmonia, da felicidade e do caráter está contida neste preceito de São Paulo: "Tudo o que for puro, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for honesto, tudo o que for justo, tudo o que for amável, tudo o que for de boa reputação, tudo o que for virtuoso, tudo o que for louvável e digno, pensai-o, louvai-o e venerai-o".

As bênçãos dos grupos folclóricos, através de suas músicas, cores e ritmos, convertidos por Deus em flores, sejam o tapete que, na carreira de muitos anos de vida, se desdobre aos pés dos olímpenses.

José Sant'anna

ANUÁRIO DO FOLCLORE

19.º FESTIVAL DO FOLCLORE
14 a 21 de agosto de 1983

Ano X

22 de agosto de
1983

N.º 13

Departamento de Folclore
Museu de História e Folclore

83 "D. Maria Olímpia"
Comissão de Folclore
(Conselho Municipal de Cultura)
Olímpia — SP

*No André Luiz,
com votos de
muito sucesso*

W. Santana

EXPEDIENTE

Rua Jorge Tibiriçá, 420

Caixa Postal 60

Patrimônio de São João Batista
15400 — Olímpia — SP

Diretor: Prof. José Sant'anna

Redator-Chefe: Prof. Rothschild
Mathias Netto

Assistentes: Antônio Clemêncio da Silva
e Célio José Franzin

SUMÁRIO

O Folclore e a Educação Artística
(Maria de Lourdes Borges Ribeiro)

O Cordão de Bichos de Tatuí
(Rothschild Mathias Netto)

A Influência Francesa nas Rodas Infantis do Brasil
(Laura Della Mônica)

Parlendas
(Iseh Bueno de Camargo)

Subsídios para o Folclore do Mel
(José Carlos Rossato)

Anjo Custódio e a Origem de Sua Oração
(Victório Sgorlon)

Brinquedos Tradicionais Infantis
(Afonso Calixtro)

Adivinhas
(Meire Iráni)

Batuque
(Antônio Clemêncio da Silva)

Em Busca da Criação de uma Faculdade de Folclore - II

Noticiário

Todo trabalho de redação
assinado é de total
responsabilidade do autor

BRADESCO

Quem decide sobre seguro de vida em sua casa: você ou seu marido?



Se seguro de vida faz você querer mudar de assunto, está na hora de ouvir algumas palavras sobre o Top Clube Bradesco.

O Top Clube parte da coisa mais importante que existe para você: a família.

Por isso o Top Clube criou planos e facilidades que acabam com qualquer razão para você ainda não ter seguro de vida.

Com uma outra grande vantagem: o Top Clube Bradesco sempre tem uma solução melhor de seguro para você.

**TOP CLUBE
BRADESCO**

O resultado do Top Clube proporciona aos 22.100 alunos de 21 escolas da Fundação Bradesco, educação, alimentação, vestuário e assistência médica.

A melhor solução de seguro para você.

O FOLCLORE E A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

MARIA DE LOURDES BORGES RIBEIRO
(Assessora de Folclore — MEC)

No plano do desenho, das artes manuais e prendas domésticas, a importância do folclore não necessita ser posta em relevo, tal a sua evidência. Mas, na escola rural, o interesse ultrapassa o ensino em si, para ser acentuadamente social, ou, se quiserem, para dar destino à grande parte do ensino. Porque, um dos problemas mais graves com que nos defrontamos e cujas implicações envolvem os planos de desenvolvimento do Brasil, é o êxodo dos campos e a hipertrofia das cidades.

Uma das soluções cabe à escola, a de fazer a ligação do homem à terra. Não lhe compete toda a tarefa, mas pode iniciá-la auspiciosamente, e, nesse sentido, o ensino das artes deve ser funcional. A escola precisa aproximar-se das indústrias rurais da região. Se estamos em zona de cerâmica utilitária ou lúdica, numa área de madeira ou de couro, verificado o caráter do meio, o professor orientará seus debuxos, suas artes manuais para aqueles centros de interesse, valorizando o que possuímos tradicionalmente. Se a escola está numa região de rendas ou de tecelagem, deve ser ensinado o que se refere ao assunto, nas normas locais, podem ser dados elementos que desenvolvam a fantasia e a criatividade, mas não pontos de renda completamente diversos. Talvez mais bonitos, porém há o temor de que subestimem a arte tradicional folclórica. Daí a necessidade de informação precisa das características ecológicas da região para que, no seu enquadramento, o ensino seja orientado nesse particular, onde o folclore passa a ter um valor social irrecusável.

Para a formação dos artesanatos, as artes caseiras e folclóricas são importantes e significativas, porque constituem, em todos os países, invejável fonte de renda. Em vez de deixarmos que seja monopolizada a atividade de lembranças folclóricas, industrializando-as em série, será melhor criarmos os artesãos, que sempre as farão amorosamente. Por que não especializarmos nossa gente nessa atividade altamente lucrativa, como acontece na Europa, em que o pitoresco dessas coisas está sempre ligado à autenticidade? Muito se poderia dizer sobre a exigência de proteção a essas artes, mas o assunto foge a estas considerações.

O Folclore é indispensável ao desenho e às artes manuais e caseiras e vemos com tristeza, nas cadeiras de Artes Plásticas de nossas escolas, professoras perderem tempo fazendo objetos vulgares e incaracterísticos, quando podiam aproveitar elementos folclóricos, que tanto interessariam aos alunos. Carmélia de Andrade, num estudo sobre O Folclore e o Ensino de Trabalhos Manuais, mostra como nessa disciplina "a utilização do Folclore pode contribuir fortemente para melhorar o artesanato e o julgamento das artes populares", utilizando técnicas artesanais folclóricas em madeira, metal, matéria plástica, etc.

Muitos artistas do povo encaminham a sua sensibilidade para o setor de figuras (homens e animais), criando-as em barro ou madeira, sempre em decorrência dos aportes culturais da região. Santeiros ou figureiros, ou ainda imaginários unem a arte à sua feição religiosa ou aos frutos de sua criatividade. Há também os que esculpem carrancas (figuras de proa dos barcos do São Francisco), dando-lhes um cunho sobrenatural, e ex-votos, para cumprimento de promessas.

Para melhor conhecimento das artes e artesanatos da comunidade, e mesmo para o seu levantamento, a escola deverá promover visitas que possibilitem contato com o

artesão e o artista, observação de sua técnica, do meio em que vive e o reflexo de sua atividade nos setores sócio-econômico-cultural. Deve, ainda, se interessar junto às autoridades municipais para a organização de uma exposição-feira (periódica ou permanente), que não será simples mostra da tradição artística da gente do povo, mas plena confirmação e revelação do seu mérito no desenvolvimento do homem brasileiro. Através das expressões de arte será alcançada a integração racial e social, fornecendo a homogeneidade nacional e acalentando o sentimento de brasilidade. Lendas e mitos, usos e costumes se constituirão em temas para a livre manifestação do mundo interior do aluno, revelando os seus pendores para o impressionismo, realismo, classicismo ou o ingênuo primitivo. A arte, para atingir a universalidade, deve ter suas raízes na terra em que nasceu. O conhecimento e o amor por essas raízes, se não nascem no lar, precisam nascer na escola.

E a música? será talvez onde estamos melhor, mas muito ainda há por fazer. O ritmo é um elemento nacionalizante por excelência e visto possuímos grandes núcleos de estrangeiros, devemos dar ênfase ao canto, mas ao canto folclórico, de um lado para ensinar as nossas melodias e ritmos, de outro, para erradicar, paulatinamente, os ritmos nativos desses alunos, que transportarão aos seus lares a nossa rítmica, um dos fatores para a sua integração na terra nova, que será sua pátria. Insisto que se cante e se dance nas escolas coisas nitidamente locais, particularmente nos centros de estrangeiros. É preciso proporcionar-lhes, com constância, os ritmos e as melodias dos nossos recortados, dos nossos moçambiques, de nossas cirandas e batuques, de nossos cururus e sambas, de nossas modas de viola, numa atividade tanto ligada aos poderes federais como estaduais e municipais.

Uma investigação sociológica feita por Florestan Fernandes, em bairros de São Paulo, demonstrou que as crianças se agrupavam unidas pelo folclore, e, ainda que em sua maioria fossem brasileiras, também em maioria os pais eram estrangeiros. Mais do que o dirigismo político, mais do que as providências coercitivas, estaremos tornando-os, pelos seus filhos, bons, excelentes brasileiros, com a nossa melodia, com o nosso ritmo, com as nossas danças, com as festas do Divino, de Santa Cruz, de São Benedito, de São João, etc. No Paraná, sei de poloneses que se pintaram de preto para tomar parte em Congadas; em São Paulo nisseis integram representações dos Pastoris de Alagoas; filhos de italianos se incorporam às fileiras de Moçambique no Vale do Paraíba (SP). Essa é a boa política e a escola está chamada a desempenhar um grande papel nesse nacionalismo belo e fecundo, que nada tem de agressivo nem de violento. É a incorporação musical do estrangeiro que vem viver nesta terra generosa e que deve não apenas se preparar para servi-la, mas também para amá-la.

O folclore é uma força de interação, suave e sugestiva, pitoresca e divertida, a ser utilizada na escola. Acredito, autorizada pelo meu duplo amor ao ensino e ao folclore, que as autoridades de educação deveriam reunir especialistas nas duas atividades para formulação de instruções metodológicas.

A música pode ser utilizada nas rodas infantis, nos brinquedos cantados, nas danças de conjunto (algumas das quais são de tanto efeito para as festas escolares, como o Pau-de-Fita, a Ciranda, não só de roda mas dançada) e nos corais. Alexina de Magalhães Pinto nos mostra que, gostando as crianças de imitar a natureza, a cantiga da Corda da Viola oferece ensejo para uma série de perguntas sugestivas e indutivas, relativas às vozes de animais, insistindo no alcance educativo dos brinquedos imitativos. A ilustre folclorista mineira não só se preocupou em utilizar o folclore no fortalecimento da unidade nacional, mas tam-

bém com o comportamento de folcloristas e educadores ante o assunto.

Já há 30 anos escrevia Villa-Lobos: "Hoje não é mais possível fazer abstração do material fornecido pelo folclore musical para as questões educacionais da infância. Pois é perfeitamente intuitivo que a consciência musical da criança não deve ser formada tão somente pelo estudo dos mestres clássicos estrangeiros mas, simultaneamente, pela compreensão racional e quase intuitiva das melodias e dos ritmos fornecidos pelo próprio folclore nacional, o que facilmente se compreende, pela analogia que existe entre a mentalidade ingênua, espontânea e primária do povo e a mentalidade infantil, igualmente ingênua e primitiva. (. . .) O folclore é hoje considerado como uma disciplina fundamental para a educação da infância e para a cultura de um povo. Porque nenhuma outra arte exerce sobre as camadas populares uma influência tão poderosa quanto a música, como também, nenhuma outra arte extrai do povo maior soma de elementos de que necessita como matéria-prima. Acresce a circunstância de que algumas das nossas canções folclóricas apresentam o aspecto de uma beleza tão pura e característicos de brasilidade tão acentuados que nos fazem admirar, sem restrição, o talento simples que as criou."

A organização de corais de primeiro e segundo graus incluirá melodias autênticas do povo, das quais já existe um grande e variado documentário escrito e gravado.

A iniciação musical, setor a que Lidy Mignone deu diretivas tão seguras com suas bandinhas rítmicas, servirá, com o aproveitamento do folclore, para que as crianças se habituem, desde cedo, com as formas musicais e as danças do nosso povo. Parte, assim, a cultura musical infantil, daquilo que lhe é familiar (cirandas, cantigas de roda e de ninar), de modo que o folclore será seu "lastro-ouro".

O CORDÃO DE BICHOS DE TATUÍ

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Tatuí conta com um dos mais interessantes folguedos populares do Estado de São Paulo. Idealizado pelos operários da Fábrica São Martinho, de famílias nordestinas, que lá passaram a viver, chamou-se primitivamente, **Arca de Noé**. Apresentava-se, havia anos, durante o Carnaval, em hilariantes desfiles, por ruas e praças daquela cidade, exibindo pessoas com máscaras de aves e outros animais, alguns até exóticos, já que eram estranhos à nossa fauna, num arremedo do episódio bíblico.

Com o tempo, o conjunto sofreu alterações radicais, passando a denominar-se **Cordão de Bichos**. Formado, atualmente, por mais de cinquenta figurantes, há nele aranhas, boi, vacas, borboleta, cegonha, girafa, gorila, leão, porco, sapo, tartaruga, tatu, tigre, além de anões, gigantes e bruxas, bem como toureiros e outras figuras humanas, de rara comicidade. O grupo, sempre acompanhado da "Furiosa", a bandinha de música, ao som da qual desfila, causa risos e diverte, tanto as crianças como os adultos.

O Cordão de Bichos continua a animar os carnavais de Tatuí como no passado, porém durante todo o ano, participa, com enorme sucesso, de festas, em vários lugares, aos quais leva recreação e alegria.

Desde o 3.º Festival do Folclore, em 1967, Olímpia habitou-se a ver passar o engraçado cortejo, por suas ruas ensolaradas. Somente, em 1981, lamentável acidente impediu que o grupo viesse à nossa cidade. Destruídas as armações dos bichos, por um incêndio, no barracão, do Bairro Quatrocentos, ficaram, os olímpenses e os visitantes, privados, naquele ano, do curioso espetáculo que sempre proporciona o Cordão de Bichos, de Tatuí.



A Influência Francesa nas Rodas Infantis do Brasil

LAURA DELLA MÔNICA
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Digna de registro é a influência francesa que correu para a formação do nosso cancionário folclórico infantil. Na realidade não é tão pequena como geralmente se julga.

As nossas rodas infantis, de procedência francesa são, na maioria dos casos, melodias assimiladas pelas crianças brasileiras, educadas em colégios de freiras ou missionários franceses. É o Folclore de Enxerto (ou de Empréstimos), por via da permeabilidade social, de cima para baixo, ou seja, do erudito para o popular, de vez que as melodias eram cantadas nos colégios de freiras francesas: "Sacré Coeur" e "Notre Dame de Sion", por via eclesiástica. Sofreram, essas melodias, inevitáveis deformações e profundas transformações, quando passaram para o nosso folclore.

Elza Gomes, no seu interessante estudo a respeito, conta-nos que as rodas infantis dessa procedência foram, em geral, traduzidas ou deformadas, nelas se observando somente a preocupação de conservar os sons e não o sentido das palavras.

Davenson, Henri no seu livro "Le Livre des Chansons" nos informa que a transformação espontânea não se dá só com as palavras. Observamos nitidamente esse fenômeno na melodia, pois nada é mais fluido e maleável do que ela. A memória do cantor fixa-se mais nas palavras devido à lógica e à rima, chegando muitas vezes a transformar completamente o valor expressivo e mesmo a estrutura da canção.

Vamos tentar, através de algumas documentações, esclarecer ao leitor as nossas observações:

1 — Começaremos com a roda francesa "Giroflé-Girofla".

A roda é cantada em diálogo, por uma menina que faz o solo e outras que, com as mãos dadas, em fila, avançam e recuam. Essa maneira de brincar é semelhante ao nosso "mando-tiro-tiro-lá" e também ao conhecido "Eu sou pobre, pobre, pobre". Não afirmamos que as referidas rodas brasileiras tenham se originado da francesa, mas a melodia corresponde perfeitamente e a identidade na maneira de brincar, bem como, em muitos pontos, no pala-

vreado: a solista do “mando-tiro-tiro-lá” canta o mesmo assunto.

O “Giroflé-girofla” francês perdura em nosso cancionário infantil. As nossas versões não apresentam todo o documento original. Vejamos:

- a) Vamos passeá no jardim celeste,
jerunfrê, jerufrá...
o que foste fazê lá
jerunfrê, jerufrá...
- b) fui passear no jardim celeste
giroflé, giroflá

Fato curioso é que, para conservar o mesmo som da palavra francesa, aparece em nossas versões, o vocábulo “CELESTE”, cujo correspondente no original referido é SEULETTE. “J’irai au bois seulette” deu para o nosso idioma a expressão: Vamos ao jardim celeste.

Outra observação, conforme documentos encontrados, que podemos apresentar é a influência da conhecidíssima “La na ponte da Vinhança” que se relaciona com a roda francesa “Sur le pont d’avignon L’on y passe, L’on y danse, Sur le pont d’Avignon/L’on y dance tout en rond.

Les messieurs font comm’ça (on salue du chapeau)
Les dames font comm’ça (on fait la révérence)

Eis as variantes em nosso cancionário folclórico infantil:

- 1) Sob (ou sobre) a ponte de vinhança
todo mundo passará
- 2) Lá na ponte da Vinhança
- 3) Na ponte do gavião
- 4) Na ponte da aliança
- 5) Surupango da Vingança
- 6) Soprano da Vingança
- 7) Na ponte da viola
- 8) Na corda da viola

Todo o mundo passará
as lavadeiras fazem assim.
as engomadeiras... cavaleiros...

Nota: A coreografia e a melodia se identificam com a francesa.

Nosso terceiro exemplo é a roda infantil “Na mão direita tem uma roseira” que também nos parece de origem francesa. Segundo Werckerlin é assim a letra:

A ma main droit Y a-t-un rosier (bis)
qui porte rose au mois, au mois,
qui porte rose au mois, de mai

Entrez en danse, jolie rosier, (bis)
sortant d’la danse, vous embrass’rez
Cell de la danse que vous voudrez

Versão brasileira:

a mão direita
tem uma roseira
que dá flor na primavera (bis)

Bela roseira
entrai na roda
abraçai a mais faceira (bis)

O texto literário é quase uma tradução do documento francês.

Na França as crianças cantam “qui poète rose au mois de mai”; no Brasil: “Que dá flor na primavera”; em outro trecho, os franceses dizem: “Vous embrasserez celle de la danse que vous voudrez” e nós: “abraçai a mais faceira”.

A maneira de brincar é também semelhante.

O quarto exemplo que trazemos para os leitores é a roda “Margarida está no Castelo” comparando-a ao original francês “Où est la Marguerite?”

Où est la Marguerite?
Oh gai! Oh gai! Oh gai!
Où est la Marguerite?
Oh gai, franc cavalier

Elle est dans son château
Oh gai! Oh gai! Oh gai!
Elle est dans son château
Oh gai, franc cavalier.

Localizamos em Vitória do Espírito Santo uma roda que é quase inteiramente traduzida:

Onde está a Margarida?
olé, olé, olá
Onde está a Margarida
Olé seus cavaleiros.

Ela está em seu castelo
olé, olé, olá
ela está em seu castelo
olé, seus cavaleiros.

Encontramos ainda, em São Paulo, Minas e Mato Grosso, versões muito parecidas. Música e maneira de brincar também se identificam.

A “canção de jogo” francesa: “Promenon-nous dans le bois” também tem sua versão no Brasil:

Eis a roda francesa:

prom’nous dans les bois
tandis que le loup n’y est pas.
si le loup y était il nous mangerait
— falando: Loup, y es-tu?
O lobo: Non, j’mets ma ch’mise...

Essa roda aparece no Brasil sob o título: Vamos passear na floresta.

Vamos passear na floresta
enquanto seu lobo não vem,
vamos passear na floresta,
enquanto seu lobo não vem

falando:

Seu lobo está pronto? (ou, Está pronto, seu lobo?).
— Não. Está pondo as botas, etc.

A diferença existente no brinquedo é a seguinte: quando o lobo tenta apanhar uma das meninas aparece a corça para salvá-la.

É encontrada no Brasil numerosa versão do conhecido “Frère Jacques” com o nome de “Frade Jaques”, “Irmão Jaques”, “Frei Martinho”, “Frei Diogo”.

Vejamos o original francês:

Frère Jacques, frère Jacques
dormez vous, dormez vous?
Sonnez les matines,
sonnez les matines
dig, din, don
dig, din, don

Versões brasileiras:

Irmão Jaques (bis)
está dormindo (bis)
vá tocar o sino (bis)
dim, dom, dom (bis)

Frei Martinho
Sobe à torre
vai tocar o sino
dem, dem, dem

Outra semelhança é da roda infantil “Je suis pauvre...” Segundo Prof. L. Lavennère esta cantiga, de origem francesa, diz assim:

je suis pauvre, pauvre, pauvre
je mourrais, mourrais, mourrais
je suis pauvre, pauvre, pauvre
je mourrais ici...

Eis algumas versões:

eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré
eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, de si (de Cy)

Eu sou pobre, etc.
gemavé, mavé, mavé
eu sou pobre, etc.
gemavé, gessi.

Segundo Renato Almeida, a roda “Eu sou pobre, pobre, pobre” tem sua original na França. Entretanto, não podemos encontrar nada que nos permitisse fazer a comparação, pois as fontes francesas que procuramos não foram capazes de nos apresentar o original francês, que segundo dizem, teria o estribilho: “Je m’envais, m’envais, m’envais. Je m’envais d’ici”.

Terminaremos as notas sobre a influência francesa no Cancioneiro Folclórico Infantil Brasileiro, apresentando uma roda infantil Gerofrê-gerofrá, recolhida no Município de Olímpia — distrito de Ribeiro dos Santos, em 1956, pelo Prof. José Sant’anna. Ainda hoje as meninas apreciam e executam o brinquedo.



Foto da roda infantil durante a execução da última estrofe da música — Ribeiro dos Santos (1982). Foto: Quico.

GEROFRÊ-GEROFRÁ

Gerofrê-gerofrá é brinquedo de roda, só brincando por meninas.

Há uma curta história: a figurante principal da brincadeira é a **princesinha**. A princesinha procura distinguir-se das demais companheiras do brinquedo usando lenço ou fitas na cabeça. Ela entra no brinquedo fingindo-se de manca, apoiada num bastão e vai para o centro da roda.

Durante algum tempo ela acena uma das mãos às coleguinhas, girando-se apoiada na bengala.

Não há número limitado de meninas. Participam quantas quiserem. A roda inicia-se assim:

A princesinha entra sozinha para o local da brincadeira. Enquanto ela entra, as meninas começam a cantar e formam uma roda, dando-se as mãos. Enquanto cantam, dançam batendo, alternadamente, palmas para a direita e o pé direito para a esquerda e palmas para a esquerda e o pé esquerdo para a direita. A princesinha também acompanha o ritmo da melodia, girando em um só pé ora para a direita, ora para a esquerda.

Junto à roda está sempre uma menina com a finalidade especial de entregar, na hora precisa, uma margarida (flor) para cada participante do brinquedo.

Ao ser cantada a estrofe “Que fazer co’as margaridas?” as meninas caminham-se em direção da princesinha que se senta ao centro da roda. Em torno dela levantam as margaridas, formando um lindo ramalhete acima de sua cabeça. Ao entoarem a última estrofe da melodia, vão soltando as margaridas no chão as quais se amontoam em redor da princesinha. Então esta se levanta e sai manquiitolando e as colegas a acompanham. É o fim do jogo.

GEROFRÊ-GEROFRÁ

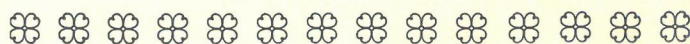
Gerofrê, gerofrá

1. On-de vai bela man-quinha? Goi Goi Goi Gá Passear lá na flo-
2. Que fa-zer lá na floresta? Goi Goi Goi Gá Vou colher as marg-
3. Que fa-zer co’as margaridas? Goi Goi Goi Gá Of’recer à prince-
4. ‘Sta mos todos na floresta Goi Goi Goi Gá Festejando à prince-

resta Ge - ro - frê ge - ro - frá.
ridas Ge - ro - frê ge - ro - frá.
sinha Ge - ro - frê ge - ro - frá.
sinha Ge - ro - frê ge - ro - frá.

X = pé direito à esquerda e palças à direita (alternando-se)
X = pé esquerdo à direita e palmas à esquerda

- Onde vai bela manquinha?
Goi, goi, goi, gá.
- Passear lá na floresta,
Gerofrê, gerofrá.
- Que fazer lá na floresta?
Goi, goi, goi, gá.
- Vou colher as margaridas,
Gerofrê, gerofrá.
- Que fazer co’as margaridas?
Goi, goi, goi, gá.
- Oferecer à princesinha,
Gerofrê, gerofrá.
- Estamos todas na floresta,
Goi, goi, goi, gá.
- Festejando a princesinha,
Gerofrê, gerofrá.



PARLENDAS

ISEH BUENO DE CAMARGO
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Será que alguém já te falou em “Parlenda”? Parlenga? Perlenda? Perlenga? Lengalenga? Não! Será novidade

dos nossos dias, um novo vocábulo criado para ampliar o nosso já tão rico Glossário?

Sim, já debes ter ouvido; no entanto, como lengalenga ficou sendo sinônimo de conversa comprida, disparatada, talvez nem tenhas percebido o parentesco existente entre as expressões acima citadas.

Conheces **Parlendas** desde a mais tenra idade. Embalam-te à cadência de uma perlenda. Em tuas brincadeiras, muitas vezes, teu riso soou feliz ao término de uma delas, um friozinho cortante correu-te pela espinha na expectativa final de uma lengalenga. Teus avós, teus pais, as velhas parentas que viviam ao teu lado, enriqueceram tuas horas despreocupadas da infância com lengalengas, cujas origens remontam a obscuras épocas. É provável, que antes mesmo da descoberta da imprensa, entre aquelas civilizações que povoaram nosso planeta em remotas eras, as mesmas já fossem utilizadas. No entanto, é somente no século XVI ou XVII que as mesmas se popularizaram, atravessaram fronteiras, sofrendo, nessa viagem prolongada, variações que nos assombram e encantam.

Falemos, em primeiro lugar, da origem do vocábulo Parlenda. Como é de se supor, a origem é latina — vem do verbo “parlare”, “fabulare”, falar.

Então, podemos, por aproximação, conceituar Parlenda, Parlenga, Perlenda, Perlenga ou Lengalenga, como “algo falado”. Parlenda — fiquemos com esta variação — nada mais é do que uma espécie de cantilena sem música, de cadência rítmica, algo que, falado, soa com verdadeiras nuances musicais.

As parlendas surgiram, supõe-se, como forma de entretenimento infantil, como forma singela de se levar a criança, por sinuosos caminhos, ao riso final, à gargalhada que deve ser o arremate da brincadeira. Têm funções mnemotécnicas — repetem-se, cadenciadas, entrelaçadas, ritmadas. Como não há fundamentação histórica para o seu aparecimento, como são comuns a muitos povos, como são “a voz do povo”, são consideradas manifestações folclóricas.

Há inúmeras parlendas. Veremos apenas umas duas, com suas sugestivas variações, exemplos colhidos na região de Olímpia sabendo, embora, que estudo mais detalhado, em nível estadual ou nacional, dar-nos-ia, sem dúvida, dezenas de variações em torno das escolhidas. A mais popular, aquela que quase ninguém desconhece:

- Cadê o toicinho daqui?
- O gato comeu.
- Cadê o gato?
- Está na floresta.
- Cadê a floresta?
- O fogo queimou.
- Cadê o fogo?
- A água apagou.
- Cadê a água?
- O boi bebeu.
- Cadê o boi?
- Está amassando trigo.
- Cadê o trigo?
- A galinha espalhou.
- Cadê a galinha?
- Está botando ovo.
- Cadê o ovo?
- O padre bebeu.
- Cadê o padre?
- Está na igreja.
- Onde é a igreja?
- É por aqui, por aqui, por aqui... (momento em que se faz cócegas pelo corpo todo da criança que, aos gritos e risos, encolhe-se, esconde-se e pede “mais”).

Observem o “cadê” — forma popular e generalizada de “que é de”, utilizado por muita gente erudita, ou melhor, por quase todo o povo brasileiro.

Em lugar de: “cadê a floresta?”, usa-se muito:

- Cadê o mato?
- O fogo queimou...

E as variações vão por aí a fora. Uma singela brincadeira, que está levando sociólogos, folcloristas, etnólogos e psiquiatras a se interessarem pelo assunto, não só pelo seu aspecto popular, como pela durabilidade que mantém, através dos tempos, atravessando dias despreocupados e dias sombrios de destruição, brincadeira que faz com que os atuais meios de comunicação — tão procurados pela criança, fiquem relegados a segundo plano, desde que haja um perito “parlengador” (esse termo é meu, não confundas).

O sociólogo, o etnólogo entusiasma-se pelo fato de encontrar parlengas, cantilenas, lengalengas entre as mais diversificadas regiões, e sempre as mesmas, com suas variações peculiares.

A Pedagogia descobriu nas Parlendas um exercício mnemônico de força extraordinária, levando a criança a um aprendizado fácil, alegre e duradouro. O professor, entusiasta do assunto, amplia, modifica, cria novos temas e gestos são introduzidos para mais fácil aprendizagem e fixação.

- Um, dois — feijão com arroz (arrois)
- Três, quatro — feijão no prato (treis)
- Cinco, seis — feijão japonês (japoneis)
- Sete, oito — comi biscoito
- Nove, dez — comi pastéis (déis)

Ou: (mostrando os dedos da mão)

- Dedo minguinho (dedo mínimo)
- Seu vizinho (anular)
- Pai de todos ou Maior de todos (médio)
- Fura bolo (indicador)
- Mata piolho ou Cata piolho (polegar)

Nós, apaixonados pelas nuances folclóricas do tema, retornamos à cantilena do “toicinho”.

Eis algumas variações encontradas na região de Olímpia:

- “**CADÊ O BOI?**”
- Foi amassar trigo.
- Foi massá trigo.
- Tá massando trigo.
- Foi amassar farinha de trigo.
- Foi pastar.
- Tá pastando.
- Foi buscar trigo.
- Tá buscando trigo.
- Foi puxar trigo.
- Tá puxando trigo.
- Foi esfarinhar trigo.
- Tá esfarinhando trigo.
- Foi esfarelar trigo.
- Tá esfarelando trigo.
- Tá espalhando trigo.
- Foi buscar milho.
- Está amassando o barro.
- Está na roça.
- “**CADÊ O TRIGO?** (ou cadê o milho? ou cadê a roça?)
- A galinha espalhou.
- A galinha ciscou.
- A galinha barreu.
- A galinha comeu.
- A galinha espaiô.
- A galinha bicou...

— “CADÊ A GALINHA?”

- Foi botar ovo.
- Foi botá ovo.
- Tá botando ovo.
- Foi pôr ovo.
- Tá pondo ovo.
- Tá pondo. (supressão do ovo)

Observa bem a graça e riqueza destas variações, onde se empregam, com naturalidade, verbos compostos (ou perifrásticos), no infinito ou gerúndio.

— “CADÊ O OVO?”

- O padre bebeu.
- O frade bebeu.
- O padre comeu.
- O frade comeu.

— “CADÊ O PADRE?” (ou o frade?)

- Foi rezar missa.
- Foi rezar a missa.
- Tá rezando missa.
- Foi dizer missa.
- Foi dizê missa.
- Tá dizendo missa.
- Está caçando o gato.

— “CADÊ A MISSA?” (ou: Onde é o caminho da missa? ou: Onde é a missa?)

- Está no altar.
- Rodou córrego abaixo.
- Por aqui, por aqui, por aqui...
- Já se acabou.
- Está aqui, aqui, aqui...

Observa esta originalíssima variação do tema:

- Que dele o toicinho daqui?
- Gato comeu.
- Que dele o gato?
- Foi no mato.
- Que dele o mato?
- Fogo queimou,
- Que dele o fogo?
- Água apagou.
- Que dele água?
- Boi bebeu.
- Que dele o boi?
- Foi amassá o trigo.
- Que dele o trigo?
- Galinha comeu.
- Que dele a galinha?
- Foi botá o ovo.
- Que dele o ovo?
- Frade comeu.
- Que dele o frade?
- Foi dizê a missa.
- Que dele a missa?
- A missa acabou... por aqui, por aqui...

Deixando tantos bois, ovos e frades de lado, chegamos à conclusão de que a Parlenda tem sempre objetivos claros — alegrar, distrair; e implícitos: ensinar, transmitir. Toda Parlenda caracteriza-se, portanto, pela insistência no ritmo, sem conotação musical, embora se aproxime do acalanto. Todo o corpo da criança acompanha o ritmo, a cantilena da Parlenda: mãos, cabeça, órgãos dos sentidos, tronco, membros. E, à medida que prosseguem as perguntas e as respostas, cresce a expectativa final e como que uma corrente elétrica percorre o grupo — se são vários integrantes, ou a criança “submetida” à brincadeira, chegando-se a um ponto quase insuportável de tensão, no momento em que “o padre reza a missa”. Vem o momento culminante do jogo! E todo o corpo vibra. A alegria ambicionada aproxima-se, chega, invade tudo e fica

a lembrança feliz daquele toucinho distante que o gato comeu...

Vejamos, agora, outra Parlenda muito difundida, repleta de variações originais, conhecida em várias regiões do globo, antigas como as cantigas de ninar, recentes como o alvorecer de cada dia.

HOJE (ou amanhã) É DOMINGO

Hoje é domingo!
Pé de cachimbo,
Cachimbo de barro
Bate no jarro.
O jarro é de ouro
Bate no touro
O touro é valente
Bate na gente.

Hoje é domingo!
Festa do cahimbo
Cachimbo é de barro
Bate no jarro.
O jarro é de ouro
Bate no touro
O touro é valente
Que chifra a gente.

Hoje é domingo
Pé de cachimbo
Cachimbo de ouro
Bate no touro
Touro é valente
Bate na gente
A gente é fraco
Cai no buraco
Buraco é fundo
Acaba o mundo.

Hoje é domingo
perdeu o cachimbo
o cachimbo é de ouro
bateu no touro
o touro é valente
chifra a gente
a gente é fraco
cai no buraco
o buraco é fundo
acabou-se o mundo.

Hoje é domingo
pé de cachimbo
a areia é fina
deu no sino
o sino é valente
deu no tenente
o tenente é de ouro
deu no besouro
o besouro é de prata
deu na barata
a barata é de latão
deu no cão. (ou “vale um tostão”)

Encontram-se formas como:
Hoje (ou amanhã) é domingo

- Pé de cachimbo.
- Pede cachimbo.
- Festa do cachimbo.
- perdeu o cachimbo.
- Belo cachimbo.
- O touro é valente**
- Bate na gente.
- Derruba a gente.
- Chifra a gente.
- Pega a gente.
- Investe na gente.
- Investe a gente.

O buraco é fundo

- Acabô o mundo.
- Acabou-se o mundo.
- Cabe todo mundo.

Algumas originais versões:

Hoje é domingo!
Pede cachimbo
Cachimbo é de ouro
Deu no besouro
Besouro é valente
Deu no tenente
Tenente é mofino
Deu no menino
O menino é bom
Dom, dororom, dom, dom.

E esta, bem diferente das anteriores:

Hoje é domingo!
Que toca o sino
O sino é de ouro
Que dá no besouro
O besouro é valente
Que dá no tenente
O tenente é mofino
Que dá no menino
O menino é valente
Que dá no menino
O menino é bom
Que toca pistom...

Amanhã é domingo
Pé de cachimbo
Galo monteiro
Pisou na areia
A areia é fina
Que dá no sino
O sino é de ouro
Que dá no besouro
O besouro é de prata
Que dá na mata
A mata é valente
Que dá no tenente
O tenente é mofino
Que dá no menino
O menino é valente
Que dá em toda gente

Sei, se estás lendo até este ponto, com certeza, dezenas de parlendas estarão turbilhando em tua mente, levando-te de volta à infância tranqüila, àquelas horas suaves do entardecer, antes do advento da televisão, da bicicleta, da motocicleta, do automóvel, dos rápidos meios de comunicação, culpados pelo quase esquecimento dessas ricas brincadeiras. Estarás, com saudade, pensando no quanto teus filhos perderam por não terem sido alvo de tão inocentes e alegres lengalengas. E ao observares teus filhos, teus netos, teus alunos “vidrados” no vídeo, presos e enlatados que geram a violência, a ânsia do desperdício, a fúria dos gastos desnecessários em fantasias exóticas de “Superheróis”, “Mulheres-Maravilha”, lembrar-te-ás, com certeza, de que com teus vizinhos, suando, corados de alegria e prazer, fizestes uma “escolha”, brincando ao entardecer:

“Lá em cima do piano
Tem um corpo de veneno!
Quem bebeu mor...reu...
Quem saiu fui...eu...” (e saías correndo atrás deles).

ou

“Una, duna, tena, catena
Saco de pena
Pila, pilão
Conte bem que do...ze...são”.

ou

“A pombinha foi no mato.
Quantas penas ela leva?
Ela leva vinte e quatro.
Uma, duas, três e quatro,
Cara de ma...ca...co”.

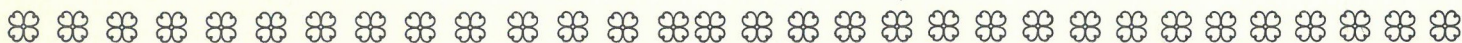
ou

“Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados
Mas não gosto de nenhum”.

Um...dois...feijão com arroz... Ou melhor, paremos no ponto em que estamos, pois o assunto é inesgotável e, se dermos trela, iremos ficar sem arroz, sem prato, sem biscoito. Parlendas! Sabes, agora, o que são? Não!? Retorna à infância e elas formarão o quadro da tua vida, completando, talvez, o elo que faltava para retornares à pura alegria de estar vivo, presente neste momento de progresso tecnológico e sentirás que teus alicerces perdem-se no passado que te fez tal qual és — pleno de amor ao “hoje”, esperançoso no “amanhã”...

Colaboração:

Pesquisas orientadas pelo Prof. José Sant’anna.
Ático Villas-Boas da Mota — esclarecimentos verbais.
Auxílio de “mamães e vovós olimpienses”.



Subsídios para o Folclore do Mel

JOSÉ CARLOS ROSSATO
(Departamento de Folclore — Olímpia)

MEDICINA

O homem tem utilizado o mel, através dos tempos, não só pelas propriedades nutritivas, como ainda pelo agradável sabor.

Acredita-se que o ser humano tenha surgido há um milhão de anos. Portanto, é bem mais jovem que as abelhas. Estas apareceram há cem milhões de anos.

Supõe-se que o mel de abelha tenha sido um dos primeiros alimentos do homem da caverna.

Inscrições existentes em pirâmides comprovam a existência da utilidade das abelhas, há 5 600 anos, ou seja, bem antes do advento de Cristo.

Também a Bíblia faz referência à existência de abelhas.

Antiquíssimos documentos chineses fazem referência à Apicultura.

Os romanos Catão e Varrão deixaram informações a respeito desses laboriosos insetos.

É verdade que a importância do mel foi muito maior do que é na atualidade. Isto porque ele era o único adoçante.

No século XVII, que o Brasil era o maior e quase o único produtor de cana, o açúcar era raríssimo e vendido em farmácias na Europa.

O Nordeste brasileiro, grande produtor, era opulento. Essa riqueza chegou a atrair os holandeses, o que provocou uma guerra por quase 1/4 de século.

A bem da verdade, as abelhas produzem mel para o próprio sustento. O excesso é que é coletado pelo homem.

Sempre o mel foi considerado um dos mais completos alimentos e medicamento da humanidade.

O mel, possuidor de glicose, foi, é, e certamente será largamente empregado na cura de moléstias, quer pelo uso externo, quer pelo interno.

A utilização do mel “in natura” ou sob outra forma, é benéfica e exerce influência positiva nos órgãos animais, não só humanos.

Eis uma série de aplicações de mel, como medicamento:

Afta — colocar mel com pedra-ume.

Abcesso (tumor) — unguento de mel quente amassado com cebola assada sobre o local, enrolando com um pano fino.

Anemia — tomar diariamente, de manhã, ovo esquentado, diluído em mel.

Asma — tomar mel ao deitar e ao levantar, puro, ou dissolvido em água morna.

Azia — tomar mel duas horas antes de cada refeição e antes de deitar.

Bronquite — pôr no fogo 3 colheres (sopa) de açúcar mascavo até dourar, juntando uma colher de manteiga e outra de mel. Mexer bem e adicionar uma xícara (chá) de leite. Quando ferver, tomar, à noite, porque é suador.

Cãibra — usar duas colheres (chá) de mel durante as refeições.

Cálculos na vesícula — tomar mel misturado com água morna.

Calmante — 1 — aveia amassada com água e mel. 2 — chá de erva-cidreira adoçado com mel. 3 — aveia amassada com banana e mel. 4 — uma colher (sopa) de mel com suco de meio limão, em água. 5 — duas colheres (sopa) de mel morno, antes de deitar.

Convalescentes e pessoas cansadas — dietas ricas em mel fazem restituir o vigor.

Cardíaco — tomar algumas colheres (sopa) de mel por dia, melhora.

Couro cabeludo — para evitar queda e conservar os cabelos, aplicar uma pomada preparada com mel derretido e tocinho de porco, em partes iguais.

Dentição — friccionar as gengivas com massa de mel e tintura de açafraão.

Depressão — uma colher (sopa) de mel, diariamente.

Diabetes — mel misturado à água para substituir o adoçante.

Diarréia — empregar o mel puro e morno, desde os primeiros sinais.

Dispepsia (má digestão) — uso cotidiano de mel, antes e após as refeições.

Eczema — aplicar máscaras de mel natural no local afetado.

Estômago — massa de mel com queijo, aveia e maçã ralada.

Expectorante — misturar mel com água morna.

Fadiga — (proveniente de trabalho físico, mental ou de atletas) — aumentar gradativamente o emprego de mel, antes, durante e após a atividade.

Ferida — 1 — aplicar mel morno e proteger o local com tecido. 2 — preparar emplastro de mel com óleo de fígado de bacalhau.

Fígado — substituir totalmente o açúcar por mel, diluído em água.

Furúnculo — banhar o local com mel, três vezes ao dia.

Garganta — 1 — gargarejo com água, uma colher (sopa) de mel e outra de vinagre. 2 — gargarejo de água e duas colheres (sopa) de mel, pela manhã. 3 — preparar pasta com partes iguais de farinha de trigo, gema de ovo, manteiga sem sal e mel. Colocar sobre o pescoço e amarrar um lenço.

Gripe — ver resfriado.

Hemorroidas — tomar, ao jantar, diariamente, algumas colheres (sopa) de mel.

Hepatite — emprego de mel com água, em partes iguais.

Inflamação — 1 — colocar depois de bem lavado, em partes iguais, mel puro com óleo de linhaça. 2 — pôr solução de mel com gema de ovo, em partes iguais.

Insônia — tomar, ao deitar, mel, progressivamente, até atingir seis colheres.

Intestino — uma colher (sopa) de mel em água morna, duas horas antes das refeições.

Lesão da córnea — pomada à base de mel diluído em água.

Má respiração — inalações à base de mel.

Nevralgia de nervos (dores ciáticas) — fricções contínuas, constantes, demoradas e repetidas de mel com cal virgem, misturados.

Olhos — 1 — colocar, ao deitar e ao levantar, 3 gotas de mel diluídas em água. 2 — Caso for mais branda, lavar os olhos, algumas vezes ao dia, com uma solu-

ção, em partes iguais, de mel e água, preparada quente.

Pele — 1 — preparar uma massa de mel com azeite e aplicar. 2 — colocar máscara de mel com gema de ovo.

Pneumonia — 1 — ferver até reduzir a 1 copo, um punhado de folhas de laranja, 1/2 xícara (chá) de mel, 1 pau de canela e um litro de água. É suador. Requer repouso total, por um dia, senão poderá ocasionar danos à saúde e provocar até lesão grave. 2 — outro xarope, que não é tão forte, é assim preparado: ferver por 3 minutos, caldo de 6 laranjas, casca de 1 limão em 1 copo de água. Coar. Juntar 1/2 xícara (chá) de mel e ferver até formar xarope.

Pós-operatório — o mel, por ser cicatrizante, pode ser misturado puro ou fazer parte com queijo, gema de ovo e outros alimentos, misturados.

Prisão de ventre — mel puro ou misturado com água, três vezes ao dia.

Queimadura — aplicar uma camada leve de mel e respingar pó de café, renovando de hora em hora.

Regime para perda de peso — o mel é recomendado porque sendo um açúcar invertido, não engorda e é logo absorvido pelo organismo.

Resfriado — 1 — xarope preparado com caldo de 3 limões, 3 cascas de canela, 1 litro de água, 4 colheres (sopa) de mel e casca de 1 limão que devem ser fervidos até ficar reduzidos à metade do volume. Tomar à noite. 2 — Suco de limão, adoçado com mel. 3 — Uma colher (sopa) de mel em 1 copo de leite quente. 4 — Colocar para ferver até reduzir à metade, 3 limões cortados em cruz, 3 xícaras (chá) de mel e 1 litro e meio de água. Tomar à noite e não pode ser usado por pessoas que sofram do fígado.

Reumatismo — fricções de mel, diversas vezes ao dia, principalmente ao deitar e ao levantar.

Rouquidão — o mesmo xarope recomendado para tosses.

Rim — uma colher (sopa) 3 vezes ao dia de mel, suco de limão e azeite de oliva.

Senilidade — o uso de mel retarda o advento da velhice.

Tosse — xarope preparado com um maço de agrião e 3 xícaras (chá) de mel, assim: espremer bem o caldo de agrião num guardanapo, juntar o mel e levar ao fogo. Deixar até o ponto de xarope. Tomar à noite.

Tuberculose pulmonar — 1 — mel dissolvido em leite com um pouco de banha de cachorro. 2 — suco de agrião, mel e leite de cadela, morno.

Úlcera estomacal — mel utilizado constantemente cessa essa enfermidade e aumenta o nível de hemoglobina no sangue, consideravelmente. Além disso, o mel não fermenta no estômago. É absorvido facilmente e daí o grande valor nos distúrbios gástricos, fazendo neutralizar a acidez do suco digestivo.

Venéreas — tomar "in natura" o produto e aplicar a solução de mel com mercúrio doce, na proporção de 2,5:1 (dois e meio por um), diversas vezes, quando estiver à vista.

Verrugas — esfregá-las com mel, o maior número de vezes possível, ao dia. Ao deitar esfregar bastante e colocar luva. Com o passar de poucas semanas, a pele afinará e a verruga desaparecerá.

Vômito — Tomar mel puro ou com água, de preferência, morna.

EXPRESSÕES POPULARES

Doce como mel = muito doce.

Descobrir o mel de pau = encontrar um negócio vantajoso ou bom serviço ou situação ótima.

Mel virgem = mel puro.
Não valer dez réis de mel = não ter valor algum.
Neste pau não tem mel = negação da expressão que segue.

Neste pau tem mel = aparência de algo oculto.
Passar mel no(s) beijo(s) = adular.
Passar mel na boca = tapear, enganar.
Saber o que custa mel de coruja = conhecer as dificuldades advindas do casamento.

PARAMIOLOGIA

Abelha só pica quem tem medo.
Mel se sente pela boca.
Miguel, se não tens abelhas, como vendes mel?
O mel é o melhor amigo do estômago.
Quem come mel, pela primeira vez, se lambuza.
Um mel não é igual a outro.

QUADRAS INFANTIS

No Folclore Escolar de Votuporanga, coletamos:

“A abelha trabalha sempre,
Não pára, não é vadia
Faz esse mel tão gostoso
Que toda a gente aprecia.”

“O melado, a rapadura
E o mel de abelha também
São alimentos preciosos
Que nos fazem muito bem.”

“Que o mel faz mal à saúde
É bobagem de quem disse
Uso e abuso do mel
Porque não creio em tolice.”

“Para viver muitos anos,
Com saúde e alegria
Durma oito horas por noite
E beba mel todo o dia.”

“Misturar leite com frutas
Nunca fez mal a ninguém
Mesmo que seja com manga
Use mel que vai fazer bem.”

“Para viver muitos anos,
Somente existe um segredo:
Comer bem, às horas certas
Tomando mel desde cedo.”

CULINÁRIA

Desde remotíssimos tempos, com o mel fabricam-se diversos pratos e numerosas bebidas.

É natural que com a descoberta do açúcar de cana, o consumo de mel foi diminuindo progressivamente. Para o bem da humanidade, felizmente, ainda não se extinguiu, muito embora, está diminuindo a olhos vistos, sobretudo lembrando que a espiral populacional é marcante. Isto se deve também a reduzida produção de mel e em decorrência os elevados preços do precioso produto natural.

Concordando com a sabedoria popular que diz: “o mel é o melhor amigo do estômago”, apresentamos o receituário coletado:

BALAS DE MEL

I

Ingredientes: 2 colheres (sopa) bem cheias de mel; 2 colheres (sopa) de manteiga; 2 gemas; 2 copos de leite; 2 copos de açúcar.

Preparo: Misturar bem os ingredientes. Levar ao fogo. Mexer até aparecer o fundo da panela. Despejar em pedra untada. Deixar esfriar um pouco e cortar. Embrulhar.

II

Ingredientes: 1 copo de mel; 7 copos de leite; 3 copos e meio de açúcar; 3 colheres (sopa) de manteiga; 2 colheres (chá) de bicarbonato.

Preparo: Colocar tudo frio em vasilhame e deixar até o ponto de puxa duro. Despejar em pedra untada. Cortar e embrulhar em papel impermeável.

III

Ingredientes: 3 colheres (sopa) de mel; 3 copos de leite; 3 copos de açúcar; 1 colher (sopa) de manteiga, bem cheia; 1 colher (café) de bicarbonato.

Preparo: Misturar e levar ao fogo. Mexer sem parar, até dar ponto (colocar um pouco numa vasilha com água e deve permanecer sem desmanchar). Despejar em pedra untada. Cortar e embrulhar.

IV

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 3 xícaras (chá) de açúcar; 2 xícaras (chá) de água; 3 paus de canela; suco de um limão galego.

Preparo: Colocar no fogo e dar o ponto de fio. Colocar em pedra untada. Cortar e embrulhar em papel impermeável.

V

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 litro de leite; 1/2 quilo de açúcar; 1 colher (café) de bicarbonato.

Preparo: Misturar tudo e levar ao fogo até obter o ponto de bala. Despejar em pedra untada. Cortar em pequenos pedaços. Embrulhar, caso não utilizá-las logo.

VI

Ingredientes: 4 copos de açúcar; 1 litro de leite; 5 colheres (sopa) de mel; 2 colheres (sopa) de manteiga; 1 colher (café) de bicarbonato, rasa.

Preparo: Colocar os ingredientes numa panela. Misturar muito bem. Levar ao fogo brando, mexendo sempre com colher de pau até obter o ponto de bala, não muito dura. Retirar e despejar em pedra untada. Deixar amornar. Enrolar cordões e cortar com tesoura. Depois de frias, embrulhar em papel impermeável.

Observação: Esta bala é do tipo tófi.

VII

Ingredientes: 1/2 copo de mel; 4 copos de leite; 3 copos de açúcar; 1 colher (sopa) de manteiga; 1 colher (sopa) de farinha de trigo, rasa; 1 colher (café) de bicarbonato, rasa; 1 gema de ovo.

Preparo: Misturar o leite, a farinha, a gema e o bicarbonato. Passar em peneira. Adicionar o mel, a manteiga e o açúcar. Levar ao fogo brando, mexendo sempre até o ponto de bala. Despejar em pedra untada. Enrolar em cordões. Cortar. Embrulhar em papel impermeável.

VIII

Ingredientes: 3 colheres (sopa) de mel; 3 copos de leite; 3 copos de açúcar; 1 colher (sopa) de manteiga; 3 colheres (sopa) de chocolate em pó; 1 pitada de bicarbonato.

Preparo: Dissolver em meio copo de leite, o chocolate e o bicarbonato. Juntar o restante do leite e levar ao fogo. Acrescentar o açúcar, o mel, a manteiga e misturar bem. Deixar o fogo bem baixo e mexer sempre até aparecer o fundo da panela e dar o ponto de bala, não muito dura. Retirar e espalhar sobre pedra untada e deixar amornar. Antes de esfriar, enrolar rapidamente cordões e cortar as balas do tamanho desejado. Depois de esfriar, embrulhar em papel impermeável.

IX

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de mel; 2 colheres (sopa) de manteiga; 2 copos de leite; 2 copos de açúcar; 2 gemas.

Preparo: Levar ao fogo todos os ingredientes misturados. Mexer até aparecer o fundo da panela. Despejar em pedra untada. Deixar esfriar um pouco e cortar. Embrulhar.

X

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 2 xícaras (chá) de açúcar; 3 colheres (sopa) de manteiga; 1 lata de leite condensado.

Preparo: Misturar os ingredientes e colocar no fogo até alcançar o ponto de bala. Despejar em pedra untada. Deixar esfriar. Cortar, de preferência com tesoura. Embrulhar em papel impermeável.

BANANAS COM MEL (Receita sem medidas)

I

Ingredientes: Mel; Bananas; Óleo para fritar.

Preparo: Cortar as bananas no sentido do comprimento. Fritar em óleo quente. Colocar em uma vasilha. Despejar mel e servir.

II

Ingredientes: Mel; Bananas; Canela moída.

Preparo: Cozinhar as bananas, com cascas. Retirá-las, após o cozimento. Servir com mel, salpicado de canela em pó.

BISCOITOS

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1/2 quilo de farinha de trigo; 1/2 quilo de manteiga; 2 copos de açúcar; 1 pitada de sal.

Preparo: Juntar o açúcar com a manteiga, misturando bem. Adicionar a farinha e o sal. Amassar bem. Abrir a massa com o rolo, em mesa enfarinhada. Pôr a massa em assadeira untada e enfarinhada. Cortar a massa em pequenos quadrados. Levar para assar. Forno moderado. Depois de frio, retirar da assadeira, passar no mel e no açúcar. Servir.

BOLINHO

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1 copo de leite de vaca; 1 copo de farinha de trigo; 1 ovo; 1 pitada de sal.

Preparo: Bater bem tudo misturado. Fritar as colheradas em óleo quente. Servir, ainda quente, acompanhados de mel.

BOLO DE MEL

I

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 3 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 lata de leite condensado; 1 lata de leite de vaca (mesma medida); 1 colher (chá) de canela em pó; 1 colher (chá) de cravo-da-índia, torrado e moído; 1 colher (chá) de café solúvel; 2 colheres (chá) rasas de fermento em pó; 2 colheres (café) de bicarbonato; 2 tabletes de chocolate, meio amargo, picados.

Preparo: Misturar bem, deixando de lado a farinha, o fermento e o bicarbonato (o chocolate também fica para o fim). Adicionar os outros ingredientes. Mexer. Despejar em assadeira untada e polvilhada. Forno médio. Depois de frio, cortar em pedaços da forma que quiser, passando em chocolate derretido.

II

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de mel; 1 lata de leite condensado; 1 lata de água (mesma medida); 1 colher (café) de canela em pó; 1/2 colher (café) de cravo-da-índia em pó; 10 colheres (café) de café, bem forte; 2 colheres (café) de fermento em pó; 4 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 xícara (chá) de leite de vaca; 2 colheres (chá) de bicarbonato de sódio.

Preparo: Misturar o leite de vaca, a água, o condensado, a canela, o café e o mel. Adicionar, depois de mexer bem, a farinha, o fermento e o bicarbonato. Mexer. Assar em forma untada e polvilhada. Depois de assado, espalhe sobre o bolo, glacê preparado em banho-maria, com: 1 xícara (chá) de açúcar; 3 colheres (sopa) de leite; 1/2 xícara (chá) de chocolate meio amargo.

III

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1/2 xícara (chá) de coalhada; 1 pitada de sal; 1 ovo; 1/2 xícara (chá) de manteiga; 2 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 colher (chá) de bicarbonato de sódio; 1/2 colher (chá) de gengibre; 1/2 colher (chá) de canela em pó.

Preparo: Peneirar a farinha, o bicarbonato e as especiarias. Bater a manteiga com o mel até ficar leve. Adicionar a coalhada aos ingredientes secos, já peneirados. Misturar tudo. Assar em forma untada.

IV

Ingredientes: 1/2 litro de mel; 1/2 litro de farinha de trigo; 1/2 litro de farinha de milho; 1/2 quilo de manteiga; 1 copo de amendoim cru.

Preparo: Amassar tudo. Quando estiver bem consistente, cortar. Passar em gemas e levar ao forno para assar.

V

Ingredientes: 2 copos de mel aquecido; 1 copo de óleo; 4 ovos; 3 xícaras e meia (chá) de farinha de trigo; 2 colheres (sopa) de canela em pó; 1 colher e meia (sopa) de fermento em pó; 12 cravos moídos.

Preparo: Bater os ovos, os cravos e a canela com o óleo e o mel. Despejar aos poucos sobre a farinha, misturando. Assar em forma untada. Forno brando.

Cobertura: Bater clara em neve e adicionar mel. Depois de bem batido, colocar chocolate em água. Bater bem e espalhar.

VI

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de açúcar; 1 xícara (chá) de leite; 3 xícaras (chá) de farinha de trigo; 2 colheres (sopa) de manteiga; 2 gemas; 2 colheres (sopa) de canela em pó; 1 co-

lher (chá) de noz-moscada, ralada; 1 colher (sopa) de fermento em pó.

Preparo: Bater a manteiga com o açúcar. Juntar os ovos batidos. Adicionar o restante dos ingredientes, mexendo sempre. Assar em forma untada.

Cobertura: Aplicar, ainda quente, uma mistura uniforme de: 1 colher (sopa) de mel, 1 colher (sopa) de manteiga, 3 colheres (sopa) de chocolate, 1 xícara (café) de leite e 1 xícara (chá) de açúcar.

VII

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de leite; 1 xícara (chá) de açúcar; 3 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de manteiga; 1 colher (chá) de canela em pó; 2 colheres (chá) de bicarbonato; 4 cravos moídos.

Preparo: Misturar o mel com o leite, a manteiga e o açúcar. Colocar a farinha, a canela, o cravo e bater bem. Juntar o bicarbonato, mexendo sem bater. Colocar em assadeira untada e polvilhada com farinha. Assar em forno quente. Depois de assado, ainda quente, aplicar glacê.

Cobertura: Misturar 1 colher (sopa) de manteiga, 1 colher (sopa) de mel, 1 xícara (chá) de açúcar e 3 colheres (sopa) de leite fervente.

VIII

Ingredientes: 1 copo de mel; 1 copo de óleo; 1 copo de café morno; suco e casca de 1 limão; 1/2 quilo de farinha de trigo; 1/2 quilo de açúcar; 6 ovos; 1 colher (sopa) de fermento em pó; 1 colher (café) de bicarbonato; 1 maçã ralada.

Preparo: Bater o açúcar com as gemas e o mel, até formar um creme. Juntar óleo e bater. Acrescentar o café, o limão. Bater. Adicionar lentamente os ingredientes secos peneirados juntos. Colocar a maçã ralada e por último as claras em neve. Colocar em assadeira untada e enfarinhada. Assar em forno moderado. Deixar esfriar. Cortar em pedaços.

IX

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 2 xícaras (chá) de farinha de trigo; 3 colheres (sopa) de manteiga; 2 colheres (café) de fermento em pó; 4 ovos.

Recheio: 1 xícara (chá) de mel e 1 colher (sopa) de manteiga.

Preparo: Bater bem a manteiga e o mel. Colocar uma gema por vez. Bater bem. Peneirar a farinha com o fermento. Mexer. Colocar as claras batidas em neve. Misturar bem. Assar em forma untada e enfarinhada. Deixar esfriar. Tirar da forma. Cortar as bordas e dividir o bolo em partes iguais. Rechear as duas partes com os ingredientes bem misturados. Cobertura com glacê ou se preferir, a mesma massa do recheio.

X

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 1/2 xícara (chá) de caldo de laranja; 1 xícara (chá) de açúcar; 1 xícara e meia (chá) de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de maisena; 1 colher (sopa) de fermento em pó; 2 colheres (chá) de casca ralada de laranja; 3 colheres (chá) de manteiga; 5 ovos.

Preparo: Bater o açúcar com as gemas e a manteiga até conseguir uma massa cremosa. Colocar o mel e continuar batendo. Juntar o caldo e as cascas de laranja. Bater bem. Peneirar junto a maisena, a farinha e o fermento, na massa. Colocar as claras batidas em neve. Misturar bem, sem bater. Assar em forma untada.

BOMBOM

Ingredientes: 1 copo de mel; 2 latas de leite condensado; 2 latas de leite ninho, pequenas; 13 colheres de chocolate.

Preparo: Amassar todos os ingredientes. Enrolar e rechear com amendoim.

BRIGADEIRO

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1 colher (sopa) de manteiga; 2 colheres (sopa) de chocolate em pó; 1 lata de leite condensado; chocolate granulado.

Preparo: Misturar os quatro ingredientes e colocar ao fogo até aparecer o fundo da panela. Deixar esfriar. Enrolar as bolinhas e passar no chocolate granulado.

CARAMELOS

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de mel; 3 colheres (sopa) de açúcar; 1 colher (sopa) de manteiga; 1 copo de leite de vaca; 1 lata de leite condensado.

Preparo: Misturar tudo e levar ao fogo brando. Mexer com colher de pau, até obter o ponto de bala, não muito dura. Despejar em pedra untada. Deixar esfriar. Cortar. Enrolar em papel celofane.

Observação: Caso queira obter caramelos de chocolate, adicionar uma barra de chocolate, pequena e ralada.

CHAMPANHE DE MEL

Ingredientes: 1 litro de mel; 10 litros de água; levedura de cerveja (um pouco); aroma que pretender.

Preparo: Misturar os ingredientes à água fervendo. Depois de dois dias, engarrafar.

COCADA

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de mel; 2 colheres (sopa) de queijo ralado; 2 colheres (sopa) de manteiga; 1/2 quilo de açúcar; 1 coco ralado, grande; 6 ovos.

Preparo: Bater as claras separadamente. Bater os outros ingredientes separadamente. Misturar as claras. Bater novamente. Colocar em forma untada. Assar.

COQUETEL

I

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1 copo de caldo de caju; 1 copo de caldo de laranja; 1/2 copo de caldo de abacaxi; 1/2 copo de água filtrada; gelo picado.

Preparo: Misturar, bater e servir gelado.

Observação: Pode acrescentar aguardente, caso goste. Também pode substituir as frutas, conforme goste.

II

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1 xícara (chá) de gelo picado; 1 copo de pinga (ou rum, ou gim, etc.); suco de 1 limão.

Preparo: Bater tudo junto, muito bem e servir.

III

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1 gema de ovo; 1 copo de gelo picado; 1 copo de vinho de ótima qualidade.

Preparo: Bater bem e servir.

CUCA DE MEL

Ingredientes: 1 copo de mel; 2 colheres (sopa) de açúcar; 3 colheres (sopa) de manteiga; 2 xícaras e meia (chá) de farinha de trigo; 1/2 xícara (chá) de leite de vaca; 1 colher (chá) de fermento em pó; 1 pitada de cravo moído.

Preparo: Peneirar os ingredientes secos e juntar ao mel derretido com manteiga e leite. Mexer até a massa ficar bem unida. Colocar em assadeira untada e polvilhada com farinha. Assar em forno quente. Ao retirar, polvilhar açúcar.

DOCE DE LEITE COM MEL

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 4 litros de leite; 2 litros de açúcar; 2 colheres (sopa) de manteiga; 1 pitada de bicarbonato.

Preparo: Misturar os ingredientes e ferver, em panela grande. Quando engrossar, mexer sem parar, mas devagar, até dar ponto de bala mole. Tirar do fogo. Bater com colher de pau até açucarar. Despejar em assadeira untada. Quando esfriar, cortar.

ESTRELINHAS DE MEL

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel quente; 1/2 xícara (chá) de amendoim bem picado; 1 lata de leite condensado; 1 colher (sopa) de açúcar; 1 colher (chá) de canela em pó; 1 colher (chá) de baunilha; 1 colher (chá) de raspas de limão; 1/2 colher (chá) de cravo torrado e moído; 1 xícara (chá) de frutas cristalizadas, picadas; 5 xícaras (chá) de farinha de trigo; 2 colheres (chá) de bicarbonato.

Preparo: Misturar o fermento e o açúcar, amassando bem até dissolver completamente o fermento que ficará líquido. Adicionar os demais ingredientes e aos poucos, a farinha, amassando e sovando bem a massa. Levar à geladeira por duas horas. Abrir a massa com um rolo, numa espessura grossa, e cortar em formato de estrelas (com forma). Assar em forma untada. Forno moderado.

GROGUE

I

Ingredientes: 1 colher (chá) de mel; 1 xícara (chá) de rum (ou pinga); Casca de um limão; Água fervente.

Preparo: Misturar o mel com a bebida alcoólica, juntando a casca e completando o copo com água fervendo.

II

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de mel; 2 gemas de ovo; 1 xícara (chá) de rum (ou pinga); Água fervendo.

Preparo: Bater as gemas. Adicionar o açúcar e bater novamente. Juntar a bebida alcoólica e a água até completar a quantidade de 2 copos.

III

Ingredientes: 1/2 colher (sopa) de mel; 1/2 xícara (chá) de rum (ou conhaque, ou pinga); 1 rodela de limão; água quente.

Preparo: Misturar os ingredientes, completando o copo com água quente. Servir de imediato.

Grogue é uma bebida em que entra na composição, necessariamente, certa quantidade de álcool.

LUA DE MEL

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 pitada de sal; 1/2 quilo de manteiga; 2 copos de açúcar; 4 copos de farinha de trigo.

Preparo: Juntar o mel e a manteiga com o açúcar, misturando bem. Adicionar o sal e a farinha. Amassar bem. Assar em forma untada.

PÃO DE MEL

I

Ingredientes: 1 copo de mel; 1 copo de açúcar; 1 copo de água; 3 copos de farinha de trigo; 1 colher (sopa) de fermento em pó; 4 ovos; cravo e canela em pó.

Preparo: Queimar o açúcar com água, lentamente. Acrescentar o mel. Ao derreter retire-o do fogo. Depois de esfriar junte as claras em neve, a farinha, cravo, canela e o fermento. Amassar. Assar. Cortar em pedaços.

II

Ingredientes: 1 copo de mel; 1 copo de leite; 2 ovos; 1 colher (chá) de bicarbonato; farinha de trigo para dar consistência; canela e erva-doce à vontade.

Preparo: Bater bem os ovos. Juntar o mel e o leite. Misturar. Adicionar o bicarbonato, a farinha até dar consistência. Amassar. Polvilhar canela moída e erva-doce e levar para assar em forno quente.

III

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de mel; 2 xícaras (chá) de açúcar; 5 colheres (sopa), rasas de manteiga; 1 colher (chá) de canela em pó; 1 colher (chá) de cravo-da-índia, moído; 1 colher (sopa) de bicarbonato de sódio; 1 xícara (café) de conhaque; 1 xícara e meia (chá) de leite; 5 xícaras (chá), rasas de farinha de trigo; 2 tabletes de chocolate, meio amargo.

Preparo: Bater em creme o mel com a manteiga. Juntar o açúcar, a canela, o cravo, o bicarbonato dissolvido no leite e no conhaque. Misturar bem. Aos poucos adicionar a farinha mexendo com colher de pau. Bater bem até abrir bolhas. Levar ao forno quente em forma untada e enfarinhada. Depois de assado, retirar do fogo e espalhar chocolate picado sobre a superfície que se derrete com o calor. Espalhar com uma espátula, alisando a superfície. Deixar esfriar até que o chocolate esteja bem firme. Cortar.

IV

Ingredientes: 1 litro de mel; 1 quilo de açúcar; 9 ovos; 3 colheres (sopa) de canela em pó; 2 colheres (sopa) de cravo moído; 3 colheres (sopa) de bicarbonato; farinha de trigo para dar consistência.

Preparo: Bater os ovos, o bicarbonato, a canela, o cravo, o açúcar e o mel. Adicionar a farinha até dar ponto de enrolar. Fazer bolinhas e assar em forma untada. Assar.

Calda: Preparar uma calda com 1 xícara (chá) de mel, 2 xícaras (chá) de água e 2 xícaras (chá) de açúcar. Quando a calda estiver pronta, colocar sobre as bolinhas.

V

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de leite; 2 xícaras (chá) de farinha de trigo; 1 colher (chá) de fermento em pó; 1 colher (chá) de bicarbonato; 1/2 colher (chá) de canela em pó; 1 pitada de sal; 1 ovo.

Preparo: Peneirar os ingredientes secos. Bater o ovo com o leite. Juntar aos ingredientes secos, alternando com o mel. Bater um pouco e colocar em forma untada. Deixar descansar por alguns minutos. Assar. Forno moderado.

VI

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de leite de vaca; 1 xícara (chá) de açúcar; 3 xícaras (chá) de

farinha de trigo; 1 colher (café) de cravo socado; 1 colher (café) de canela em pó; 1 colher (sopa) de manteiga; 2 colheres (chá) de bicarbonato.

Preparo: Colocar os ingredientes numa vasilha e mexer sem bater. Colocar em forma untada.

Glacê: Quando estiver quase assado, despejar sobre a cobertura feita com 3 colheres (sopa) de chocolate, 3 colheres (sopa) de leite, 3 colheres (sopa) de mel e 3 colheres (sopa) de água. Depois de alguns minutos, retirar. Deixar esfriar e cortar.

PASTA DE MEL

I

Ingredientes: 15 colheres (sopa) de mel; 1/2 quilo de queijo ralado.

Preparo: Bater tudo até a massa ficar leve e fofa.

Observação: Utilizar para preparar sanduíches.

II

Ingredientes: 5 colheres (sopa) de mel; 5 colheres (sopa) de manteiga.

Preparo: Misturar bem até formar uma massa uniforme.

III

Ingredientes: 6 colheres (sopa) de mel; 6 colheres (sopa) de manteiga; 6 colheres (sopa) de creme de amendoim.

Preparo: Bater bem até conseguir massa homogênea.

IV

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de manteiga; 1 xícara (chá) de creme de leite.

Preparo: Misturar os três ingredientes e bater para ficar com aparência de única massa.

V

Ingredientes: 1 copo de mel; 1 copo de nata; 1 copo de manteiga.

Preparo: Os ingredientes devem ser bem misturados para formar uma massa uniforme.

A pasta de mel é utilizada para preparar sanduíches ou passar em bolo, bolacha ou biscoito.

PÉ-DE-MOLEQUE

I

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 2 xícaras de amendoim cru; 1 xícara (chá) de açúcar; 1 colher (café) de bicarbonato.

Preparo: Juntar o mel, o amendoim, o açúcar e levar ao fogo. Quando o açúcar amarelar e começar a se desprender da panela, tire do fogo e, de imediato, acrescentar o bicarbonato, batendo bem. Derramar em pedra untada, espalhando com faca. Cortar em pequenos pedaços.

II

Ingredientes: 1 copo de mel; 2 copos de açúcar; 1/2 quilo de amendoim cru; 3 colheres (sopa) de água; 2 colheres (chá) de bicarbonato.

Preparo: Misturar todos os ingredientes, menos a água e o bicarbonato. Colocar em forno brando, até o amendoim estalar. Adicionar a água e o bicarbonato e bater. Despejar em pedra untada. Deixar esfriar e cortar.

III

Ingredientes: 1 copo de mel; 2 copos de açúcar; 3 colheres (sopa) de água; 2 colheres (chá) de bicarbonato; 1/2 quilo de amendoim cru.

Preparo: Misturar os ingredientes, deixando de lado o bicarbonato. Colocar em forno brando até o amendoim estalar. Adicionar o bicarbonato. Bater e despejar em pedra untada. Deixar esfriar. Cortar.

IV

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1/2 xícara (chá) de água; 3 xícaras (chá) de amendoim; 2 xícaras (chá) de açúcar; 2 colheres (café) de bicarbonato.

Preparo: Colocar o amendoim no fogo e mexer até estalar. Adicionar o restante dos ingredientes. Mexer. Retirar do fogo. Despejar em assadeira. Cortar depois de frio.

PONCHE

I

Ingredientes: 1 colher (chá) de mel; 1 xícara (chá) de leite de coco; 1 xícara (chá) de rum (ou pinga, ou gim, etc.); 1 xícara (chá) de gelo picado; suco de meio limão.

Preparo: Reunir tudo. Bater bem e servir.

II

Ingredientes: 2 xícaras (chá) de mel; 2 xícaras (chá) de chá preto, bem forte; 1 litro de água mineral, gasosa; 1 litro de pinga (ou rum); suco de 3 laranjas; suco de 12 limões; gelo picado, à vontade; 3 maçãs (em pedacinhos).

Preparo: Misturar tudo. Juntar os cubinhos de maçã e servir bem gelado.

III

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 2 gemas de ovos; 1/2 litro de leite (ou mais, se preferir mais fraco); 2 colheres (sopa) de conhaque (ou rum, ou gim, ou pinga, etc.).

Preparo: Bater bem as gemas, adicionando à bebida alcoólica, o mel e o leite fervendo. Bater muito bem.

IV

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 1/2 xícara (chá) de caldo de laranja; 1/2 xícara (chá) de caldo de limão; 2 xícaras (chá) de água fria; 1 colher (sopa) de gelatina de limão; 1 colher (chá) de casca de limão, raspada.

Beterraba, cenoura, espinafre ou gema de ovo, opcionalmente para colorir.

Preparo: Dissolver a gelatina em um pouco de água. Adicionar o caldo de limão, o açúcar, a raspa, o restante da água, o caldo de laranja e levar ao fogo, mexendo até formar um mingau. Coar e colocar no congelador. Bater quando estiver gelando, adicionando o mel. Colocar na forma de gelo, até endurecer. Retirar e servir em copos com água gelada. Se quiser dar cor ao gelo, utilize beterraba (vermelho); ou, cenoura (alaranjado); ou gema de ovo (amarelo); ou, ainda, suco de espinafre (verde).

PONCHE: é uma bebida alcoólica formada pela mistura de chá ou café forte, aguardente, mel e/ou açúcar, com suco de fruta.

REFRESCO

I

Ingredientes: 1/2 xícara (chá) de mel; 1/2 litro de café; 1 gema de ovo.

Preparo: Bater a gema e o mel, adicionando o café. Servir gelado.

II

Ingredientes: 2 colheres (chá) de mel; 1 xícara (chá) de gelo picado; 2 litros de água; caldo de 6 cajus.

Preparo: Juntar o caldo e o mel batendo bem. Adicionar o gelo e a água. Servir.

III

Ingredientes: 3 colheres (sopa) de mel; 1 vidro de leite de coco; 1 litro de leite de vaca, gelado.

Preparo: Juntar tudo e bater. Servir de imediato, ainda espumoso.

IV

Ingredientes: 2 colheres (sopa) de mel; 1 copo de leite; 1 copo de suco de laranja (ou outra fruta).

Preparo: Misturar o suco com o leite e o mel. Bater bem. Servir gelado.

V

Ingredientes: 1 colher (sopa) de mel; 1/2 copo de água; gotas de limão; 1 pitada de bicarbonato de sódio.

Preparo: Dissolver tudo muito bem. Juntar meia pitada de ácido tartárico, em pó.

SORVETE

Ingredientes: 1 xícara (chá) de mel; 1 xícara (chá) de leite; 1 xícara (chá) de creme de leite; 2 ovos; essência de baunilha.

Preparo: Bater os ovos. Juntar o leite fervido, o creme e a essência. Adicionar o mel e colocar no congelador. Depois de gelar, bater e servir.

CONCLUSÃO

O mel é um dos subprodutos da abelha *Apis mellifera*. Produzido a partir do néctar das flores, é um produto milenar. De fácil digestão e rico em vitaminas, minerais, substâncias bactericidas e aromáticas, sem conter ácido e aminoácidos não precisa ser guardado em refrigerador para conservar. É ótimo para o equilíbrio biológico do corpo humano, traz longevidade e transmite ao homem os princípios ativos da beleza das flores. Quer como alimento, quer como medicamento, o mel é muito saudável aos seres animais, sobretudo ao homem, graças ao uso da razão.

Infelizmente, o uso desenfreado dos defensivos agrícolas, nos últimos lustros, forçaram a diminuição de colmeias itinerantes. Por outro lado, este fato reforçou a ampliação da Apicultura Racional.



Anjo Custódio e a Origem de sua Oração

VICTÓRIO SGORLON

(Departamento de Folclore — Olímpia)

Era uma vez um homem pobre que tinha oito filhos e andava triste, porque o que ganhava não dava para o sustento da filharada.

Um dia resolveu sair de casa e foi andando, andando até à beira de uma estrada e ali ficou pensando:

— Se o Demônio prometer que eu fique rico, darei minha melhor “prenda” (1) para ele.

Nisso surgiu em sua frente um homem montado numa bela besta que pingava ouro e prata. Então o pobre lhe disse:

— Está certo! Amanhã, às dez horas, eu estarei em sua casa. Dizendo isso, sumiu.

Assim que o Diabo se foi, apareceu o Anjo Custódio e falou ao pobre homem:

— Você sabe com que falou?

— Não, respondeu o homem.

Retrucou o Anjo Custódio:

— Com o Satanás!

O homem ficou todo trêmulo, mas o Anjo Custódio lhe disse:

— Não tema, não há perigo algum. Eu estarei na sua casa, na hora, para salvá-lo. Vamos ver quem pode mais. Eu ou ele?

À hora marcada chegou e o Capeta disse:

— Estou aqui, conforme combinamos.

Mas quando ele chegou, o Anjo Custódio já se encontrava à espera dele, conforme havia prometido ao po-

bre, sentado à cabeceira da cama do casal, onde a mulher estava para dar à luz. O Anjo Custódio prolongou um pouco mais a hora do nascimento da criança, para resolver a situação.

Nisto, entra no quarto o Diabo e diz:

— Bom dia, amigo!

Respondeu o Anjo Custódio:

— Custódio amigo não, Custódio sim!

Ouvindo tal resposta, o Diabo já desconfiado da presença do Anjo Custódio, disse, dirigindo-se a ele:

— Vamos a um desafio para sabermos com quem ficará a “prenda”?

Respondeu-lhe o Anjo Custódio: Vamos!

Surgiu, assim, dessa discussão, a Oração que se segue: (2).

— Custódio, amigo meu!

— Custódio amigo não, Custódio sim!

— Peço a vós me dizer

Qual é a uma?

— A uma é a casa onde nasceu Jesus Cristo, filho da Virgem Maria.

— Custódio, amigo meu!

— Custódio amigo não, Custódio sim!

— Peço a vós me dizer

Da uma qual são as duas?

— As duas são as duas tabuinhas de Moisés onde Deus pôs os pés.

— Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das duas qual são as três?
 — As três são as três pessoas da Santíssima Trindade.

— Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das três qual são as quatro?
 — As quatro são os quatro anjos evangelistas.
 — Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das quatro qual são as cinco?
 — As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das cinco qual são as seis?
 — As seis são as seis velinhas que iluminou Jesus Cristo, filho da Virgem Maria.
 — Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das seis qual são as sete?
 — As sete são as sete coroas de Nossa Senhora.
 — Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das sete qual são as oito?
 — As oito são os oito cálix bento e a hóstia consagrada.

— Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das oito qual são as nove?
 — As nove são os nove meses que Jesus andou escondido no ventre da Virgem Maria.
 — Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das nove qual são as dez?
 — As dez são os dez mandamentos da Lei de Deus.
 — Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das dez qual são as onze?
 — As onze são as onze mil virgens que acompanharam Jesus Cristo, filho da Virgem Maria.

— Custódio, amigo meu!
 — Custódio amigo não, Custódio sim!
 — Peço a vós me dizer
 Das onze qual são as doze?
 — As doze são os doze apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando terminaram o diálogo, houve um grande estouro. Um forte cheiro de enxofre inundou todo o quarto, desaparecendo o Diabo vencido pelo Anjo Custódio. Então nasceu a criancinha e o pobre homem arrependido ficou com a sua “prenda” livre da condenação eterna.

ORAÇÃO:

A oração do Anjo Custódio consiste na recitação individual ou por duas pessoas (em voz baixa ou alta) do diálogo havido entre ele e o Demônio, concluído com o pedido:

Glorioso Anjo Custódio, amigo meu! Assim como vós livrou o pobre menino inocente da unha do Inferno, livrai-me do Malino (3).

Assim como vós livrou o pobre inocente, acompanhai-me neste mundo e no outro, dia e noite. Amém.

Narrado por Josefa Cerino de Azevedo, viúva, católica, analfabeta, 65 anos (1967), residente do distrito de Ribeiro dos Santos, Município de Olímpia. Aprendeu-a ainda criança, com a mãe.

1 — Prenda: Presente. No conto está empregada em lugar do filho que está para nascer.

2 — Este conto doutrinal, empregado como oração forte é muito conhecido em todo o território brasileiro com o nome de **As Doze Palavras Ditas e Retornadas ou Oração do Anjo Custódio**. É conto em que o Demônio é logrado, por haver o tentado respondido todas as suas perguntas.

Apresenta muitas variantes e é conhecido ainda sob os nomes de **As Treze (ou Quinze) Palavras Ditas e Reperguntadas**. É um pequeno diálogo entre o Anjo e o Demônio, representado pelo curador e o paciente.

Largamente empregado para curar picada de cobra e como esconjuro para agonizantes.

No final o Demônio é arrebatado, porque não consegue a alma da pessoa para ele.

Theo Brandão, folclorista alagoano, em estudo prolongado sobre este conto doutrinal folclórico antigo e espalhado pelo mundo afirma que Aurélio Espinosa (1947) faz um exaustivo estudo da narração através de 217 versões europeias, americanas e asiáticas.

Assinala muito bem que “o mistério dos números é tão antigo como os próprios números e deu origem em todos os países do mundo a jogos, enigmas, orações, contos e cantos de forma e caráter muito diversos.

Jaime L. Dias (português) registrou-o como sendo recitado à cabeceira dos moribundos, na agonia ou à hora da morte.

3 — Malino — Forma arcaica de Maligno, o Diabo.



Brinquedos Tradicionais Infantis

AFONSO CALIXTRO

(Departamento de Folclore — Olímpia)

“Vaga-lume, tem, tem
 Teu pai tá aqui,
 Tua mãe também”...

Era justamente sob este pretexto (apanhar vaga-lumes) que nós, crianças da época, saíamos às ruas, ainda desnudas, de Olímpia, quase todas as tardes. Era precisamente nesse horário, ao crepúsculo, quando os vaga-lumes começam a “pirilamppear”, locomovendo-se no espaço,

de um lado para o outro, enfeitando o início da noite com suas luminárias, que principiávamos as brincadeiras. E, às vezes, eram tantos pirilampos que chamavam a atenção pelos pontos claros que contrastavam com o negrume das noites. Sob a desculpa de apanhá-los, íamos ao encontro das outras crianças e sempre entoando esta estrofe em alto e bom som, que a molecada começava a se reunir.

Não havia criança que suportasse quieta ou ficasse indiferente, dentro de casa, ao ouvir esse autêntico grito de guerra.

Corríamos de um lado para o outro tentando apanhá-los para os mais variados usos. Uns arrancavam as cabeças, cortando-os ao meio, para aproveitar somente a parte luminosa e fixá-los nas roupas. Outros, os empregavam como faróis nos caminhões de brinquedo. E outros, ainda, para guardá-los em vidros claros para exibição à hora em que a noite estivesse mais escura.

E nessa correria pelas ruas olímpias mais desertas, lá pelos idos de 50 e 60, não durava mais de uma hora. E isto porque ao cair da noite, no horário propício, encerrava-se essa brincadeira, considerada preliminar e começava-se outra. Os cafés-com-leite iam dormir e os meninos maiores iam até as dez ou onze horas da noite brincando de **rico-trico-pé-na-lata**.

Rico-Trico-Pé-Na-Lata

Depois de já estar reunido um número suficiente de crianças (de 8 a 16 anos, mais ou menos), fazia-se um sorteio (par ou ímpar) para decidir quem ficaria no pique.

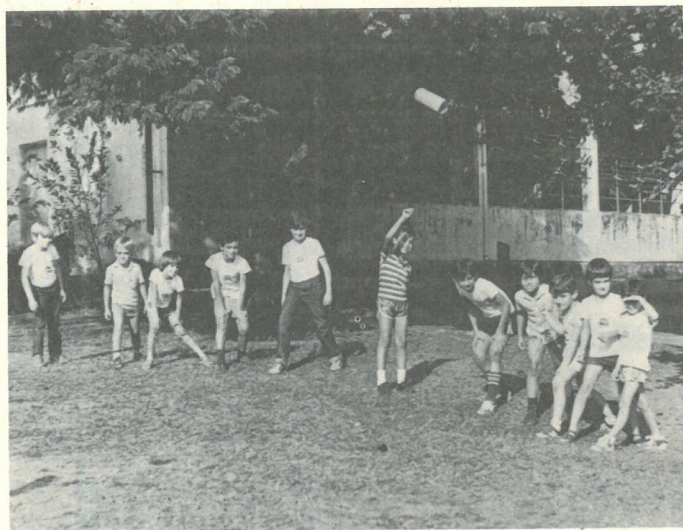
Feito o sorteio, alguém do grupo era incumbido de atirar a lata para um lugar da rua. Nesse momento todos ficavam em posição de partida para se esconderem nas proximidades do pique (não mais que 30 ou 40 metros).

Enquanto o piqueiro ia buscar a lata, todos já tinham conseguido suas posições, isto é, já estavam escondidos.

A obrigação do piqueiro era descobrir primeiramente, um a um, todos os participantes da brincadeira e quando avistava alguém, dizia:

— **UM, dois, três, rito-trico, Miguel atrás do poste.**

Era necessário identificar a pessoa e o local onde ela estava escondida. Dito isto, o piqueiro devia correr para o pique, repetindo a frase bem alto, para que as outras crianças ficassem sabendo que alguém já estava pegado.



Momento do brinquedo Rico-trico-pé-na-lata (também conhecido por Pé-na-lata ou Um, dois, três. É conhecido em todo o Estado de São Paulo. É própria de meninos. Foto colhida no Jardim Silva Melo, de Olímpia, em 1982.

A criança localizada, se tivesse a oportunidade de alcançar o pique antes que o piqueiro tocasse a lata (objeto que estava sempre junto ao pique), poderia apanhá-la e atirá-la para bem longe (sempre em lugar visível), para dar tempo de esconder-se novamente e ficar salvo.

Mas enquanto o piqueiro se afastava do seu posto para procurar os outros, alguém poderia surpreendê-lo isto é, chegava ao pique e atirava a lata para outro lugar para salvar alguns companheiros ou simplesmente para

testar a sua esperteza. Assim, cautelosamente, sem que se afastasse muito do pique, o piqueiro ia localizando todos os componentes da brincadeira e quanto mais rápido isto ocorresse, melhor, porque a sensação maior estava em esconder-se e não em ficar no pique. Sempre os últimos elementos a serem localizados eram os melhores, os mais espertos, porque aguardavam sempre o momento exato para poder salvar os companheiros, se não fossem surpreendidos antes pelo piqueiro. Depois de realizada toda a busca e pegadas todas as crianças, um novo processo se iniciaria, ficando no pique aquele que foi localizado pela primeira vez da série contínua (quando não havia nenhum salvamento).

Feito isto, começava uma nova etapa. Cada busca ou seja, cada fase de um piqueiro, dependia de sua esperteza e demorava, mais ou menos, de vinte a trinta minutos.

Geralmente as crianças respeitavam o líder do grupo e procuravam fazer tudo da melhor maneira possível, porque poderiam ficar de fora da brincadeira da próxima vez, se não agissem corretamente.

O encerramento do brinquedo era natural, não importando o estágio em que se encontrava. Dava-se mais ou menos quando as mães começavam a chamar os filhos para de deitarem...

Esta brincadeira estava classificada entre as brincadeiras noturnas de rua. Não é sempre que se brinca de **Rico-trico-pé-na-lata**, porque este brinquedo obedece também às chamadas brincadeiras de temporadas, quer dizer, não tem época fixa. Quando alguém do bairro, ou da esquina, ou de alguma rua começa a brincar dele, dentro de pouco tempo a cidade inteira está brincando. Interessante também notar que ninguém se preocupava em querer ser o primeiro. Tudo é natural entre as crianças, como elas realmente são. E, graças a Deus, ainda hoje as crianças de Olímpia brincam o **rico-trico**.

ORDEM

A mulher, ultimamente, tem vivido sob um tenso clima de conquistas. Tenso, porque não se sabem ao certo, ainda, os resultados desta experiência. E não poderia ser diferente entre as crianças.

Não faz muito tempo, o trabalho caseiro, o doméstico, para as meninas era uma constante, pois toda donzela deveria tornar-se uma mulher prendada, preparada para o casamento, qualidade esta que todo homem esperava encontrar. Era muito comum as meninas saberem varrer a casa, limpá-la e arrumar a cozinha ("arrumar os trem") e, nos intervalos, entre o "almoço e o jantar", principalmente nas férias, este período era reservado para as brincadeiras femininas.

Sempre havia alguém disposto a sediar alguma brincadeira, ou algum local qualquer da rua, mas as mulheres eram mais reservadas que os homens, quase sempre suas brincadeiras se desenvolviam nos quintais.

Vamos a uma delas, a **Ordem**.

É uma brincadeira bastante comum em todo o Estado de São Paulo, divergindo apenas em alguns lances, de região para região, mas bastante uniforme em seu todo.

Seus participantes nunca têm mais que doze anos. O número de meninas varia entre cinco e dez anos, mais ou menos.

A bola para esta brincadeira poderá ser de borracha, de plástico ou de meia (meias velhas, sobrepostas umas às outras) e deverá ter uns trinta centímetros de raio mais ou menos.

O início do brinquedo dá-se através do par ou ímpar, ou poderá ser seguida a ordem de tamanho.

Não pode haver erro. Quem erra, vai ocupar o último lugar da fila e começa tudo outra vez. Aquelas que

não erram vão formando outra fila ao lado para disputar ao final quem será a melhor.

É uma brincadeira bem mais para o lazer do que esportiva, isto é, sem aquela gana natural dos homens de quererem ser os melhores, ou campeões.

As jogadas são simples e variadas.



Ordem, também, conhecida por bola-na-parede. É uma brincadeira divulgada em todo o território paulista. É próprio de meninas.

A garota fica, mais ou menos, uns dois metros distante da parede e atira a bola. Nos espaços em que a menina atira a bola contra a parede e a apanha novamente, ela vai cantando no mesmo ritmo da palavra inicial, **ORDEM**. . . , as jogadas que ela irá realizar.

Normalmente é tratado anteriormente a quantidade de jogadas, porque, dependendo do número de crianças, as jogadas poderão ser reduzidas.

Ordem. . .

No seu lugar,

Sem rir,

Sem falar,

Um pé,

Ao outro,

Uma mão,

A outra,

Trás-pra-frente (joga a bola, bate as mãos e apanha a bola novamente),

Bate palma,

Piruleta (pirueta) (fazer movimento com as mãos, simbolizando uma pirueta),

Sete quedas (cruza os braços junto ao tórax, bate palma e as mãos nas coxas),

Mãos em cruz (cruza as mãos junto ao tórax),

Meia-volta (gira o corpo como se fosse dar meia volta).

Todos estes lances constituem uma passagem (do ordem ao meia-volta), exemplo:

Ordem,

No seu lugar.

A participante deverá realizar toda a passagem sem sair do lugar, e depois de completada toda a passagem, anuncia a próxima.

Sem rir agora.

Ordem,

No seu lugar,

Sem rir.

A participante deverá realizar toda a passagem sem rir. Mas acontece que as outras crianças ficam fazendo palhaçadas ou piadinhas para que a participante ria ou se atrapalhe, a fim de fazê-la errar.

Sem falar agora

Ordem,

No seu lugar,

Sem rir,

Sem falar.

A participante deverá realizar toda a passagem sem falar, apenas fazendo gestos. Mas as outras participantes ficam fazendo perguntas cretinas para que aquela que está realizando as jogadas responda, para errar.

E assim por diante, todos os lances serão seguidos de brincadeiras próprias para aquele momento, e os erros poderão ser de seqüência ou quando fugirem à exatidão dos lances, ou deixarem que a bola caia.

Um momento muito esperado para o erro é o lance "uma mão a outra", quando se sabe que a maioria das crianças são destrás. E, quando são obrigadas a apanhar a bola com a mão esquerda as coisas se complicam, e elas normalmente erram. Portanto, disputarão as finais quem não errar ou quem errar menos.

Quando a brincadeira vai ficando animada, todas as crianças começam a cantar em coro todas as jogadas. E, não se preocupem, porque todas as crianças funcionam como árbitros, não permitindo o menor erro, a não ser para os cafés-com-leite, a quem sempre são suportadas alguma falha.

É interessante notar também como as crianças aprendem a brincar. Nenhuma sabe explicar como, o porquê e nem mesmo a época explica, mas é evidente que elas aprendem pela observação.

Estas brincadeiras distraem as crianças por horas e horas, ou distraíam pelo menos antes da era da televisão, instrumento este que, desgraçadamente, pouco a pouco, está tirando a criatividade das nossas crianças, o que está muito íntimo com os Brinquedos Tradicionais Infantis.

VOCABULÁRIO

Cafés-com-leite: são as crianças principiantes em todos os brinquedos, as menores.

Lata: é realmente uma lata, que deverá estar vazia e (geralmente) poderá ser de óleo, manteiga, massa de tomate.

Meninos maiores: aqueles que dominam bem os brinquedos.

Pegar: localizar alguém da brincadeira e trazer para junto do pique.

Pique: lugar básico do brinquedo, onde deverá ficar o piqueiro, a lata e as crianças que vão sendo pegadas.

Piqueiro: menino que fica no pique e é responsável pela localização dos outros.

Rico-trico-pé-na-lata: Desconhece-se a origem do nome e a origem do brinquedo, no entanto, sabe-se que é semelhante ao "Salva" e à "Cruzada" (Brinquedos Tradicionais Infantis), e que é conhecido em todo o Estado de São Paulo, quer seja por **Rico-trico-pé-na-lata; Um, dois, três ou Latinha.**

Salvar: quando uma ou várias crianças estão pegadas junto ao pique e aparece alguém, de surpresa, antes que o piqueiro, para atirar a lata para longe, porém, em lugar visível.

Ordem: Desconhece-se a origem do nome do brinquedo. No entanto, sabe-se que é conhecido em todo o Estado de São Paulo. A criança ao pronunciar esta palavra desloca-lhe o acento para a última sílaba, tornando-a oxítona: ordém.

ADIVINHAS

MEIRE IRÁNI

(Departamento de Folclore — Olímpia)

A adivinhação bem feita e bem imaginada contém sempre um artifício capaz de iludir o mais arguto solucionista, inspirando, pela forma obscura do enunciado, uma solução falsa ou sugerindo uma resposta que muito difere da verdadeira.

Observemos, por exemplo, o seguinte: O que é que as mulheres procuram sem nenhuma vontade de encontrar?

É possível que este problema do ponto de vista social, tenha uma infinidade de soluções. Trata-se de uma adivinha sobre assunto feminino e todo complexo feminino é delicado e transcendente. A resposta mais adequada, porém, é a seguinte: buraco nas meias, não têm menor desejo de os encontrar.

As Adivinhas (ou o Vamos Brincar de Fazer Perguntas) não só distraem e divertem como funcionam como verdadeiros testes de inteligência, levando-nos a um raciocínio rápido para as respostas. E são muito instrutivas, pois, nos obrigam a ter bom conhecimento de História, Geografia, Matemática, Religião, Gramática, etc., que nos são apresentados, muitas vezes, em forma de simples "pegas". Iniciadas com as tradicionais formas interrogativas: O que é?, O que é que?, O que é o que é?, Qual?, Qual a coisa?, Qual é?, Que é que?, Quem é que?, Qual a diferença?, Qual a semelhança?, O que disse? e outras mais, resistem ao tempo e se apresentam tão atualizadas no campo da Literatura Oral como passatempo preferido de velhos e crianças. Em 1982, quando foi lançado o Anuário do Folclore, tive a oportunidade de observar que o artigo Cem Adivinhações, de Antônio Clemêncio da Silva, foi um dos que mais agradaram o público leitor, principalmente estudantes. E foi daí que resolvi coletar um outro tanto de Adivinhações (**Jinongonongo**, como nos informou o angolano, Reverendo Santos Matoso, pastor da Igreja Metodista de Olímpia) para o entretenimento de nossos leitores.

FAUNA

- 1) O que é, o que é: pula, mas não é bola; Tem bolsa, mas não é mulher?
— Canguru.
- 2) O que é, o que é: tem armadura, mas não é militar?
— Tatu.
- 3) Qual o animal que não trabalha e está sempre cansado?
— Bicho preguiça.
- 4) O que é, o que é: mamífero e voa, mas não é ave.
— Morcego.
- 5) O que é, o que é: casinha branquinha, sem porta e sem janela. Para sair dela terá que quebrá-la todinha.
— Pintinho dentro do ovo.
- 6) O que é, o que é: tem cintura fina, perna alongada, toca corneta e sempre leva bofetada.
— Pernilongo.
- 7) O que a coruja tem e nenhuma outra ave pode ter?
— Corujinhas.
- 8) Quem é que come com pena?
— Todas as aves.
- 9) O que é que tem rabo de gato, olhos de gato, orelhas de gato, mas não é gato?
— Gata.
- 10) O que é, o que é: branco quando nasce; preto por natureza. Vida para ele é morte, morte para ele é vida.
— Urubu.
- 11) O que é que anda com os pés na cabeça?
— Piolho.
- 12) Qual a ave que está no cinema?
— Ema.
- 13) Por que vaca pintada não dá leite?
— Porque é apenas um desenho ou pintura.
- 14) O que é menor do que a boca da formiga?
— Comida de formiga.
- 15) Quando é que o patinho aprende a nadar?
— Quando entra na água.
- 16) Qual o vivente que para nascer, primeiro trabalha?
— O pintinho.
- 17) Qual o vivente que só tem uma banda?
— Caranguejo.
- 18) O que é, o que é: São quatro esteios e uma telha só.
— Tatu.
- 19) No alto está e no alto mora, quando nos vê finca a espora.
— Maribondo.
- 20) Que animal carrega na frente uma fruta?
— Jacaré.

GEOGRÁFICAS

- 1) Quais as três capitais de Estados brasileiros mais pronunciadas no mês de dezembro?
— Belém, Natal e Salvador.
- 2) Qual o nome do Estado brasileiro que se escreve com dez letras diferentes?
— Pernambuco.
- 3) Que país promete salvação no seu nome?
— El Salvador.
- 4) Que país tem o nome de uma ave?
— Peru
- 5) Trocando-se a primeira letra do nome de um certo país, obtém-se o nome de um instrumento musical. Qual é esse país?
— Cuba (tuba).
- 6) Qual o país da América do Sul que, tirando-se a primeira letra, fica um nome de mulher?
— Bolívia.
- 7) Qual o Estado brasileiro composto de cinco letras, sendo uma só consoante.
— Piauí.
- 8) Sou fruta, sou instrumento para amolar e ainda sou capital sul-americana. Quem sou?
— Lima.
- 9) Qual o Estado brasileiro que é azedo?
— Acre.
- 10) Quem é que vai do Estado de São Paulo ao Estado do Paraná, não volta a São Paulo, mas não sai de lá.
— Rio Tietê.
- 11) Qual a ilha que nos faz lembrar o Pai, o Filho e o Espírito Santo?
— Ilha Trindade.
- 12) Qual a cidade paulista mais sincera?
— Franca.
- 13) Qual a cidade paulista que oferece mais segurança?
— Amparo.

GRAMATICAIS

- 1) Antigamente se escrevia farmácia com ph. Hoje, como se escreve?
— Com h.
- 2) Mais de vinte senhoritas são mudas quando isoladas, mas dizem todas as coisas se acaso estão de mãos dadas. Quem são?
— As letras do alfabeto.
- 3) Qual o animal marinho que sem a primeira sílaba manda ler?
— Baleia.
- 4) O que é que tem quatro sílabas, mas se escreve com três letras?
— Etc.
- 5) Qual o verbo que lido às avessas é o mesmo?
— Reviver.
- 6) Ela é formiga, mas se tirarmos a primeira sílaba do seu nome, torna-se uma fruta. Quem é?
— Saúva.
- 7) Qual a árvore que se lhe trocarmos a primeira letra, fica valendo riqueza?
— Pinheiro (dinheiro).
- 8) Que advérbio juntando a um alimento forma o nome de um país oriental?
— Já e pão = Japão.
- 9) Sou feito de taquara, meu nome é formado de dois advérbios: um de tempo e outro de lugar.
— Jacá.
- 10) Qual apelido de homem que estando com as sílabas trocadas torna-se uma excelente fruta?
— Juca (caju).
- 11) Qual é a fruta que com acento agudo é um cesto e com cedilha é mancha?
Jaca (jacá e jaça).

LETRAS

- 1) Onde está o centro da gravidade?
— Na letra i.
- 2) O que está no meio do ovo?
— A letra v.
- 3) O que é que começa com a mulher e termina com o homem?
— A letra m.
- 4) O que está no meio da rua, no meio da lua e no fim do céu?
— A letra u.
- 5) O que está no começo do amor e no fim da rosa?
— A letra a.
- 6) O que está aqui, está ali e não está acolá?
— A letra i.
- 7) O que existe no meio da Lua?
— A letra u.
- 8) O que se diz uma vez num minuto e duas num momento?
— A letra m.
- 9) O que é pequeno em São Paulo e grande em Lisboa?
— A letra L.
- 10) O que é que está sempre no meio do mar?
— A letra a.
- 11) O que está no meio do sol?
— A letra o.
- 12) O que está de pernas para o ar, no meio da rua?
— A letra u.

Nota:

ADIÇÃO, INVERSÃO, SUBSTITUIÇÃO OU SUBTRAÇÃO DE LETRAS

- 1) Antepondo-se um C ao nome de mulher torna-se o nome de uma planta.
— Ana, cana.
- 2) Com T estou na farmácia e com P estou no cinema.
— Talco, palco.
- 3) Com R sou nome de mulher e com F estou no cinema.
— Rita, fita.
- 4) Com M é indispensável ao ferreiro, com G faz parte da árvore e com T é um golpe.
— Malho, galho, talho.
- 5) Com B sou saborosa, com M guardo a roupa, com G estou nas festas e com S sou acolhedora.
— Bala, mala, gala, sala.
- 6) Qual o objeto escolar que sem a consoante inicial é um animal quadrúpede?
— Régua, égua.
- 7) Com M não tem nada e com P está nas casas.
— Morta, porta.
- 8) Com M não é duro, com F produz vento e com G é uma tragada.
— Mole, fole, gole.
- 9) Qual o móvel que sem a última letra fica no Calendário?
— Mesa, mês.
- 10) O que é que visto de frente é um bicho e por trás é parte de uma faca?
— Animal, lâmina.
- 11) Qual o nome de madeira que diminuída a quarta letra diz que não é tarde?
— Cedro, cedo.
- 12) Qual a fruta que trocando a primeira letra passa a ser produto das abelhas?
— Pêra, cera.
- 13) Com F sou pacote, com P estou no rio.
— Feixe, peixe.
- 14) Com B é embarcação, com L é área de terreno, com P é vasilha e com Z é idiota?
— Bote, lote, pote, zote.
- 15) O que é que com B é valente e com C é flor?
— Bravo, cravo.
- 16) Qual o calçado que para servir de brinquedo basta trocar-lhe a penúltima letra?
— Bota, bola.
- 17) Qual a cidade europeia que se transforma num cereal, se tirarmos uma letra?
— Servilha, ervilha.
- 18) Com R estou na cidade, com L fico nas alturas, com S estou a transpirar e com P sou ferramenta.
— Rua, lua, sua, pua.
- 19) Qual a ferramenta de carpinteiro que tem sete letras, mas tirando quatro fica uma?
— Verruma.
- 20) Que palavra lida de trás para a frente é o nome de uma capital estrangeira?
— Amor, Roma.

HISTÓRICAS

- 1) Qual o nome de família de uma pessoa célebre da História do Brasil que sem a última letra é nome de um animal útil?
— Cabral, cabra.

- 2) Por que no Brasil faz frio depois que o descobriram?
— Porque não o cobriram mais.
- 3) O que aconteceu a Portugal depois que D. Pedro bradou: "Independência ou Morte"?
— Ficou sem o Brasil.
- 4) Por que D. Pedro I usava suspensórios verde-amarelo?
— Para segurar as calças.
- 5) Em que Museu está a cama em que morreu Tiradentes?
— Em nenhum, pois ele morreu na forca.
- 6) Como chegou o primeiro escravo no Brasil?
— Preto.
- 7) O que aconteceu a Santos Dumont quando completou vinte anos?
— Entrou nos vinte e um.
- 8) Qual o cara mais antigo da História do Brasil?
— Caramuru.

MATEMÁTICAS

- 1) Se dois é bom, três é demais, o que são quatro e cinco?
— Nove.
- 2) Quando é que 10 e 10 não são 20 e faltam 50 para fazer 11?
— Quando são dez horas e dez minutos.
- 3) O que é que sozinho já é um par?
— O número 2.
- 4) Uma sala tem quatro cantos. Cada canto tem um gato. Cada gato vê três gatos. Quantos gatos são?
— Quatro.
- 5) Quantos lados tem uma árvore?
— Dois: o da frente e o de trás.
- 6) De que número você pode tirar a metade e ele passa a não valer nada?
— Do número 8.
- 7) Como é que um estrangeiro, entre 20 estrangeiros, pode somar 19 em vez de 21?
— Quando representados em algarismos romanos: XIX.
- 8) De que palavra, ao se tirar quatro letras, restam oito?
— Biscoito.
- 9) O que vem a ser: Dois viram, dez tiraram, trinta e dois dividiram e um só comeu.
— 2 olhos viram, 10 dedos tiraram, 32 dentes dividiram e uma só pessoa comeu.
- 10) Uma pessoa vai fazer uma viagem de 200 léguas, caminha 160. Quantas léguas faltam?
— Cem.
- 11) Quando é que 4 menos 1 são 5?
— Em algarismos romanos: IV
- 12) Há sete velas acesas em uma fileira. Se apagarmos duas velas, quantas sobrarão?
— Somente as 2 que foram apagadas, pois as demais se consumirão.

RELIGIOSAS

- 1) O que é que tem cabeça, tem pé, tem braço, mas não tem mão?
— A cruz.
- 2) Qual foi o vivente que andou em dois ventres?
— O profeta Jonas.
- 3) O que o rei vê uma vez, os homens todos os dias e Deus nunca vê?
— Seu semelhante.

- 4) Qual a coisa mais alta do que Cristo?
— A coroa que está sobre Sua cabeça.

ELE E ELA

- 1) O marido é rico e a mulher é pobre.
— Tesouro e tesoura.
- 2) Come-se o macho e rola-se a fêmea.
— Bolo e bola.
- 3) Uma está nas prisões e nos conventos, outra é peça de montaria.
— Cela e sela.
- 4) Ele é comida, ela é medida.
— Milho e milha.
- 5) Ela está sempre nos sítios, nas fazendas; ele na cidade e nos palácios.
— Porteira e porteiro.
- 6) Ele é parte dos vegetais e ela serve aos cavaleiros.
— Taló e tala.
- 7) Ele é fúnebre e ela é peleja.
— Luto e luta.
- 8) Ele morre queimado e ela morre cantando.
— Cigarro e cigarra.
- 9) Ele é tecido e ela serve para cosê-lo.
— Linho e linha.
- 10) Ele está nas aves e ela é comida de criança.
— Papo e papa.
- 11) Ele está nos limoeiros e ela está no rosto.
— Espinho e espinha.
- 12) Ele conduz água para o reservatório e ela adoça a boca.
— Cano e cana.
- 13) Ele serve para matar e ela para amarrar.
— Tiro e tira.
- 14) Ele vive no pasto e ela está no cemitério.
— Carneiro e carneira.
- 15) Ele molha e ela embriaga.
— Pingo e pinga.
- 16) Ele é apoio de corpo e ela está no sapato.
— Solo e sola.
- 17) Ele tem cabo e ela é peça circular das máquinas.
— Rodo e roda.
- 18) Ele está na barriga e ela na cozinha.
— Bucho e buxa.
- 19) Ele é lugar de ração, ela é parte do corpo.
— Cocho e coxa.

O QUE DISSE?

- 1) O que a chave disse para a fechadura?
— Vamos dar uma voltinha?
- 2) O que o chão disse para a mesa?
— Fecha as pernas que eu estou vendo tudo.
- 3) O que a máquina de somar disse para o contador?
— Você pode contar comigo.
- 4) O que o coador disse ao café?
— Pode queimar bandido, o saco não é seu.
- 5) O que o pires disse à xícara?
— Puxa, que bunda quente!
- 6) O que a panela disse à pipoca?
— Eu que levo fogo e você é que pula.
- 7) Que o pirex disse à gelatina?
— Não rebole tanto, porque eu não dou bola.
- 8) O que a banana disse ao tomate?
— Tiram-me a roupa e você é que fica vermelho.

QUAL A DIFERENÇA?

- 1) Qual a diferença entre um padre e um bule?
— O padre é de muita fé e o bule de pôr (pô) café.
- 2) Qual a diferença entre uma confeitaria e um leque fechado?
— Na confeitaria tem bananada e um leque fechado não abana nada.
- 3) Qual a diferença entre o sapo e o sapato?
— No sapo o salto é para frente e no sapato o salto é atrás.
- 4) Qual a diferença entre um gato e um tijolo?
— Basta atirá-los, com força, num muro. O que miar é o gato.
- 5) Qual a diferença entre a morte e o sapato?
— A morte vem com tristeza e o sapato com sola.
- 6) Qual a diferença entre o cedro e a parreira?
— O cedro dá caixão e a parreira dá cachinho.
- 7) Qual a diferença entre o poço e o soldado?
— O poço é fundo e o soldado é raso.
- 8) Qual a diferença entre o soldado e o purgante?
— O soldado prende e o purgante solta.
- 9) Qual a diferença entre o forno e o lago?
— No forno assa pão e no lago há sapinho.
- 10) Qual a diferença entre o sábio e o padeiro?
— O sábio tem massas de conhecimento e o padeiro tem conhecimento de massas.
- 11) Qual a diferença entre a mulher e o leão?
— A mulher usa batom e o leão ruge.
- 12) Qual a diferença entre o médico e o soldado?
— O médico dá alta e o soldado dá baixa.
- 13) Qual a diferença entre aurora e pôr-do-sol?
— Um dia.

QUAL A SEMELHANÇA

- 1) Qual a semelhança entre uma padaria e uma lagoa?
— Na padaria assa pão (há sapão) e na lagoa há sapinho.
- 2) Qual a semelhança entre uma locomotiva e uma pessoa direita?
— As duas andam sempre na linha.
- 3) Qual a semelhança entre a letra "a" e a morte?
— É que ambas estão no fim da vida.
- 4) Qual a semelhança entre um hospital e uma aula de matemática?
— Nos dois se fazem operações.
- 5) Qual a semelhança entre o dinheiro e um segredo?
— Ambos são difíceis de serem guardados.
- 6) Qual a semelhança entre a galinha e o avião?
— A galinha choca no chão e o avião choca no ar.

GOGAS

(gíria de malícia)

De gogas são as adivinhas que insinuam malícia, pornografia. Por isso as respostas apresentam cuidado, imaginação, para que o respondedor não caia no ridículo.

- 1) O que a mulher tem no meio das pernas?
— Os joelhos.
- 2) Onde a mulher tem o cabelo mais enrolado?
— Na África.
- 3) O que é que endurece quando quer, amolece quando quer, ergue como quer, abaixa como quer e tem um punhadinho de cabelo no pé?
— O braço.

- 4) O que é que quanto mais peludo, melhor para a sua bunda?
— Pelego sobre o arreio.
- 5) Lambi, lambi e na bunda meti.
— Enfiei a linha na agulha.
- 6) O que é que se põe duro quebrando e tira mole pingando?
— Macarrão.
- 7) Qual o lugar que mais coça no corpo?
— A unha.
- 8) O que é que o homem mostra mais e a mulher esconde mais?
— As calças.
- 9) O que é: pêlo com pêlo, pelado no meio?
— Pestanas e o olho.
- 10) Quando ele fala, ela ri. Quando ele tira, ela chora. Quando ele põe, ela gosta. O que é?
— Aliança.
- 11) Quando uma moça se deita, onde ela dorme com as mãos?
— Nos braços.
- 12) Tem a cabeça careca com um racho no meio e entra fazendo buraco. O que é.
— Parafuso.
- 13) O que é que fica para cima do joelho e para baixo do umbigo. Quando anda, balança.
— Os braços.
- 14) Tem um palmo, mais ou menos. Não é de carne nem de osso. Tem a cabeça vermelha e corre um caldo grosso no pescoço.
— Vela.
- 15) Eu pedi pra ela, ela me deu. Eu pus, ela gemeu. Saiu sangue e eu limpei. O que é?
— Injeção.

ASSUNTOS DIVERSOS

- 1) O que é que de manhã é ouro, à tarde é prata e à noite mata?
— Banana.
- 2) O que é que jogando para cima é prata e caindo no chão é ouro.
— Ovo.
- 3) O que é que não se quebra no chão, mas se quebra na água?
— Papel.
- 4) O que é que tem corrente e não é relógio, tem rosca e não é parafuso?
— Lâmpada.
- 5) O que é que você deve guardar depois de haver prometido a alguém?
— Uma promessa.
- 6) O que é que quanto mais velho mais bonito fica?
— O amor verdadeiro.
- 7) O que é que temos em casa e vamos comprar na venda?
— Canela.
- 8) O que é que não tem dedos, mas tem anéis e corre sem ter pés.
— A cortina da janela.
- 9) Quem matou o lampeão?
— A luz elétrica.
- 10) Qual é o cachorro que não ladra?
— Cachorro quente.
- 11) Qual o primeiro satélite a andar em volta da terra?
— A lua.

- 12) O que é que é que a mulher sempre deveu ao homem e nunca pagou?
— A costela.
- 13) Quais são as construções mais fantásticas do mundo?
— Castelos no ar.
- 14) O que é, o que é: mulher feia, arma perigosa?
— Canhão.
- 15) O que é que tem duas cabeças, seis pés, um rabo e quatro orelhas?
— Um homem a cavalo.
- 16) Quais são as duas coisas que você nunca pode comer no lanche?
— O almoço e o jantar.
- 17) Qual o banco que não tem dinheiro?
— O banco de areia.
- 18) O que é que aumenta à medida que se dá aos outros?
— A felicidade.
- 19) O que é que todo mundo precisa, todo mundo dá, todo mundo pede, mas poucas pessoas aceitam?
— Conselho.
- 20) O que é que entra na igreja de cabeça para baixo?
— O prego do sapato.
- 21) O que é que nunca sai de casa, mas vive sempre molhada?
— A língua.
- 22) Por que o cachorro entra na igreja?
— Porque encontra a porta aberta.
- 23) Por que é que não chove dois dias seguidos?
— Porque há uma noite entre os dois.
- 24) O que é, o que é: dois pés redondos que deixam um rasto bem comprido.
— A bicicleta.
- 25) O que é que não está dentro nem fora de casa, mas a casa não estaria completa sem ela?
— A janela.
- 26) Qual foi o primeiro bicho a sair da Arca de Noé?
— O que estava mais perto da porta.
- 27) Como é que se retira uma pessoa que cai num poço?
— Completamente molhada.
- 28) O que é que corre em volta do pasto inteiro sem se mexer?
— A cerca.
- 29) O que é que está sempre de olho aberto, mas não enxerga nada?
— A agulha.
- 30) O que é que tem orelhas, mas não é animal?
— O caderno.
- 31) O que é que tem ponteiros que ficam sempre rodando, mas não é relógio?
— A bússola.
- 32) O que é que quem compra não usa e quem usa não vê?
— Caixão mortuário.
- 33) O que é uma bela janela que abre e fecha sem que se coloque a mão nela?
— O olho.
- 34) Por que você faz suas lições com lápis?
— Porque o lápis não pode fazê-las por você.
- 35) Quando um homem doente é contradição?
— Quando é um paciente impaciente.
- 36) Que lençol você não pode dobrar?
— O lençol d'água.
- 37) Quem o tem não o corta, quem o recebe não sabe, quem sabe não o quer. O que é?
— Dinheiro falso.
- 38) Por que os gatos vêm no escuro?
— Porque têm olhos de gato.
- 39) O que tem cabeça, mas não pode pensar?
— Alho.

- 40) A lei permite que um homem se case com a irmã de sua própria viúva?
— Não. Ele está morto.
- 41) Qual a palavra que nunca diz a verdade?
— Somente.
- 42) O que é que não tem pés, mas nunca está descalça?
— A calçada.
- 43) Que número não tem algarismos?
— O número de circo.
- 44) Onde é que a morte vem antes da vida?
— No dicionário.
- 45) O que é que passa diante do Sol sem fazer sombra?
— O vento.
- 46) Se você rolar de uma escada, contra o que vai cair?
— Contra sua vontade.
- 47) O que é que em pé está deitado e deitado está em pé?
— O pé.
- 48) Um vai, o outro vem, um passa pelo outro e quando pára, o outro pára também.
— Os pés.
- 49) Qual a primeira coisa que o jardineiro põe no jardim?
— Os pés.
- 50) Qual a maior boca do mundo?
— A boca da noite.
- 51) Quem é que quando trabalha está com o chapéu na cabeça e quando descansa está com o chapéu no pé?
— A caneta.
- 52) O que é que tem escamas, mas não é peixe; tem coroa, mas não é rei?
— Abacaxi.
- 53) O que é que se planta com as mãos e colhe-se com os olhos?
— A carta.
- 54) Qual é o legume formado pela parte mais baixa e pela parte mais alta?
— Pepino.
- 55) Qual a coisa tão frágil que se quebra só em pronunciar-lhe o nome?
— O silêncio.
- 56) Qual o empregado que começa a trabalhar quando é posto na rua?
— O guarda de trânsito.
- 57) O que é que recebe comida todos os dias, mas não come nada?
— A mesa.
- 58) O que é que para estar certa tem que estar parada?
— Balança.
- 59) O que é pior que achar um bicho numa maçã?
— É achar meio bicho.
- 60) Toda casa tem, mas quando não tem, ninguém passa sem ele.
— O ferro de passar.
- 61) O que é que é muito bonita, mas não tem cor, é saborosa e não tem sabor?
— A água.
- 62) Qual o melhor amigo do cachorro?
— O osso.
- 63) O que é que desce dançando e sobe chorando?
— O balde de cisterna.
- 64) Um prédio tem dez andares, está pintado de amarelo e tem um elevador. Como se chama o ascensorista?
— Apertando a campainha.
- 65) O que é que sempre sobe e nunca desce?
— A idade.
- 66) Qual o objeto com o qual se trabalha com o dedo no olho?
— A tesoura.

- 67) O que é que tem pé, mas sem a perna não anda?
— A bota.
- 68) O que é que tem casa, mas mora do lado de fora?
— O botão.
- 69) O que é que tem coroa, mas não é rainha; tem cara, mas não é gente?
— Moeda.
- 70) O que é que na estrada é um perigo, no mato é um inseto e na cidade é um profissional?
— Barbeiro.
- 71) Qual o homem que faz mais de dez barbas por dia?
— O barbeiro.
- 72) O que é que nos tiram antes de recebermos?
— Fotografia.
- 73) O que é que tem olho que não enxerga e nó que não se desata?
— Cana.
- 74) O que é que tem pé, mas não anda; tem olho, mas não enxerga?
— Cana.
- 75) Qual a coisa mais dura quando se aprende a andar de bicicleta?
— O chão.
- 76) O que é que gasta sapatos sem ter pés?
— O chão.
- 77) O que é que trabalha como um relógio, não tem corda e nem motor?
— O coração.
- 78) O que é que tem raízes e não é vegetal e move-se sem ninguém mexer. Seu dono nunca o viu e não o verá.
— O coração.
- 79) Qual a flor que as mulheres mais apreciam?
— A flor da idade.
- 80) O que é que cru não existe e cozido não se come?
— Sabão.
- 81) O que é que crua não existe e cozida não se come?
— Pipoca.
- 82) Qual o veículo que em vez de andar na rua, a rua vai dentro dele?
— Carruagem.
- 83) Por que o marido da viúva não pode casar com a cunhada?
— Porque está morto.
- 84) Qual a flor que o burro usa?
— Cravo.
- 85) O que é que tem quartos e não tem salas, tem meias e não tem pés?
— O relógio.
- 86) O que é que trabalha só com dois dedos, anda e não sai do lugar, usa corda muito embora não pretenda se enforcar?
— O relógio.
- 87) O que é, o que é: Um fazendeiro tem doze fazendas e passeia em todas elas sem sair do lugar.
— O relógio.
- 88) Qual a bebida que nos dá um mau conselho.
— Mate.
- 89) Qual a voz que ninguém gosta de ouvir?
— Voz de prisão.
- 90) O que é que só quando se mata é que se fica contente?
— A fome.
- 91) O que é que fica em cima de sua cabeça e embaixo do seu chapéu?
— O cabelo.
- 92) Qual o ponto que todos apreciam?
— O ponto facultativo.

- 93) Dizem que sou torto. Sou torto mesmo, fingindo de morto para apanhar um vivo.
— O anzol.
- 94) O que dura mais: uma vela vermelha ou uma verde?
— A duração da vela não depende da cor, mas sim do tamanho.
- 95) O que é que tem orelhas, mas não pode ouvir?
— O livro.
- 96) O que é mudo e surdo, mas nos pode dizer muito?
— O livro.
- 97) O que é preciso para apagar uma vela?
— Que ela esteja acesa.
- 98) O que é escuro, mas feito pela luz?
— Sombra.
- 99) O que é que o boi faz quando o sol aparece?
— Sombra.
- 100) O que um gato faz à meia-noite, sobre um telhado, numa noite de luar?
— Sombra.
- 101) O que é que atravessa um rio e não se molha?
— A sombra.
- 102) Ao sol não se queima e na água não se molha?
— A sombra.
- 103) Em que lugar está o burro ao meio-dia?
— Em cima da própria sombra.
- 104) Qual a planta que não pode tomar chuva, nem sol?
— A planta de construção.
- 105) O que é que quanto mais enxuga mais molhada fica?
— Toalha.
- 106) Que é cheio de buracos, mas segura muita água?
— Esponja.
- 107) O que anda a cavalo, mas anda a pé?
— Ferradura.
- 108) O que é hoje, foi ontem e será amanhã?
— O dia.
- 109) O que é feita para andar, mas não anda?
— A rua.
- 110) Quem tem a mão separada do corpo?
— Pilão.

VERSIFICADAS

- 1) Não me procure na palha,
Pois estou sempre no **trigo**
Presente eu estou na **lista**
E sempre estou entre **amigos**,
Eu sou da **realidade**
Entre **reis** e entre **rainhas**,
Mas faço parte da **mentira**
E não gosto da verdade.
Quem sou?
— A letra i.
- 2) Tem folhas, mas não tem galhos,
Capa, mas não sai na chuva
Aberto é um saber,
Fechado de nada vale.
Tem forma de rapadura,
Mas rapadura não é.
Pode ser grande ou pequeno,
Do tamanho que se quiser.
Quem sou?
— O livro.
- 3) Em campos ou verdes prados,
Passeia dama formosa,
Com suas cores douradas,
Obra muito curiosa,
Não mostra a ponta do pé,

Não veste saia, nem manto.
Sua aparência é.
De sempre causar espanto
A quem de repente a vê.
O que é?
— Cobra.

- 4) Juntos vivemos e andamos,
vestindo trajes iguais,
e, sendo amigos, jamais
ver um ao outro estimamos
Inda que mui longe vamos
por solitário caminho,
nenhum sai do pátrio ninho.
Por úteis ambos nos temos,
mas o que juntos fazemos,
faz qualquer de nós sozinho.
Quem somos?
— Os olhos.
- 5) Torto sou e assim torto
roubo a vida ao mais direito.
Sem ser de veneno feito,
quem me engole fica morto.
Dou de sustento e conforto
com mortífero aparato,
dos mortos faço o meu fato,
é minha condição tal,
que, solto, não faço mal,
mas quando estou preso, mato.
Quem sou?
— O anzol.
- 6) Eu tenho cabeça,
mas corpo não tenho;
As pernas me afanam,
Sem pés vou e venho,

Eu ave não sou,
Mas tenho dois bicos
E sirvo com eles
A pobres e ricos;
Com meus passos curtos
Cidade abranjo;
No mar e na terra
Mil coisas arranjo.
Quem sou?
— O vento.

- 7) Sou cortês, atencioso,
Sujeito muito decente:
Vou ao salão, ao palácio
Pela mão de muita gente,
Não porque seja acanhado,
Mas por certa conveniência,
Pois nasci para andar
Em lugar de evidência,
Presto ótimos serviços
A quem passeia comigo
De coração orgulhoso
A todos concedo abrigo.
Quem sou?
— O chapéu.

- 8) **Quem sou:** Passo a vida viajando,
Incomodo muita gente,
Mal desempenho a função
Se eu não for bem diligente.

Se você dividir em duas partes desiguais a palavra que dá nome a minha profissão, verá que a primeira parte é nome de um animal indesejável e que a maior parte das pessoas o temem. A segunda parte é nome menos desejável ainda, pois é sofrimento que muito incomoda. Quem sou?
— Cobrador.



BATUQUE

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Batuque é dança que tem como característica a **umbigada** — batida de ventre que os dançadores dão entre si, no desenvolvimento da coreografia.

Acredita-se que seja uma expressão banto, aculturada no Brasil, em época que não se pode precisar.

A referência mais antiga parece ser a constante das Cartas Chilenas de Tritilo, obra do século XVIII. No entanto, o primeiro estudo só foi realizado em 1950, pela equipe de pesquisadores do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade".

Os batuqueiros apresentam-se em qualquer época do ano, mas mais intensamente no dia 13 de maio e nas festas juninas.

Outrora denominado **Caimba**, o Batuque ou **Tambu** é dança de terreiro, isto é, realiza-se ao ar livre, em terrenos ligeiramente inclinados.

No ponto mais elevado deste dispõem-se as batuqueiras em fila horizontal, defrontando-se a alguns metros de distância com a fila horizontal dos batuqueiros que se forma junto aos instrumentos musicais e à fogueira para o aquecimento deles. A fogueira será tanto maior quanto mais prolongada for a duração da dança.

Os participantes, de número ilimitado, geralmente trajam-se com roupas especiais em razão da importância atribuída à dança. Somente as batuqueiras usam saias compridas, turbantes, lenços ou chapéus e enfeitam-se com brincos, pulseiras e colares, rememorando o traje da época da escravidão, o que confere aos movimentos maior beleza.

Fazem parte da marcação rítmica (bastante complexa), os instrumentos musicais em número de 4 (quatro):

Guaiá, gueiá, chiquio — **chocalho** composto de dois cones de folha-de-flandres, unidos pela base. Pode ser indiferentemente usado por batuqueiros ou batuqueiras.

Tambu, tronco de árvore (geralmente cabriúva, escavada a formão, tendo nas extremidades um couro de boi, burro ou cavalo). Mede, aproximadamente, um metro e meio de comprimento por sessenta centímetros de diâmetro. Tocado pelo **madeireiro** que fica a cavalo sobre o tronco, perto do couro, defrontando-se também com as damas. Por vezes o madeireiro faz malabarismos durante a execução, sem a interromper. **Tambu** é instrumento que também dá nome à dança, como acontece no caso de outras danças de procedência africana.

Quinjengue, quijenho, mulemba, mulamba é outro instrumento que mede cerca de um metro de comprimento

por sessenta centímetros de diâmetro. Assemelha-se à mão de pilão e tem sua parte superior de tronco de árvore (preferentemente cabriúva), é parcialmente escavado. O suporte é de madeira maciça e repousa sobre o tambu. O tocador fica à direita do madeireiro, assim como no tambu. O **quinjengue** necessita de aquecimento ao fogo para que "cante mais fino e mais alto", isto é, para que tenha melhor sonoridade. Para isto é trazido próximo à fogueira, tendo o couro já preparado pela aplicação de pano úmido, pinga ou sebo.

Matraca ou **mitraba** são dois pedaços de madeira de mais ou menos sessenta centímetros de comprimento. Para construí-la são aproveitados cabos de vassoura. O tocador bate-os sobre o tambu, entre o suporte do quinjengue e à extremidade oposta à do couro daquele.

A melodia entoada recebe o nome de moda ou toada. Costuma ser improvisada, o que não impede a repetição de modas tradicionais. A improvisação pode ser individual ou coletiva e se faz ao som do guaiá. Improvisada a moda, os batuqueiros a ensaiam. Somente depois de terem firmada a improvisação, poderão ser ouvidos os demais instrumentos, na seguinte ordem: matraca, quinjengue e tambu. Ainda em fileira horizontal, os batuqueiros vão à fila das batuqueiras a fim de ensinar-lhes a moda. A dança só será iniciada quando todos estiverem cantando.

Um batuqueiro dá umbigada na batuqueira, nunca excedendo ao número três, que é o limite estabelecido, retornando, a seguir, ao seu lugar, no terreiro. A batuqueira escolhida deverá ir à fila dos batuqueiros para dar não mais que três umbigadas em qualquer dos participantes, também retornando a sua fileira.

Assim a dança prossegue até interromper-se para um intervalo reservado à ingestão de comidas (sanduíches, bolo, cozido, sopas) e bebidas (pinga, conhaque, quentão, café).

Para reinício da dança tudo se faz de maneira idêntica à primeira parte.



Batuque de Piracicaba — 17.º FEFOL (1981) — Olímpia

Se as carreiras (versos) da moda anterior tinham fundamento, isto é, encerravam uma adivinha, a moda deverá respondê-la.

O batuque dura 8 (oito) horas ou mais. Quase sempre a dança começa por volta das 23 (vinte e três) horas e termina com o clarear do dia, quando se faz o figurado final: **leva-e-traz** ou **sobe-e-desce**, em que as umbigadas são sucessivas, portanto de número não mais limitado. Apenas o compadre não pode dar umbigada na comadre, nem o padrinho na afilhada.

Fará, então, uma "mistura" em sinal de respeito.

Finalizando, resta-nos fazer uma pequena observação a respeito da moralidade da dança. Somente participando de um batuque, verifica-se a seriedade e respeito dos dançadores.

Aliás, como os batuqueiros sugerem, é de se confrontar com o baile, que não se resume somente a três umbigadas.

Embora considerada pelos batuqueiros uma dança de respeito, religiosa até, já dissemos que pai não dança com filha, padrinho não dança com afilhada, compadre não dança com comadre, nem avô dança com neta, porque é falta de respeito dar umbigadas entre si. Nota-se, então, que se trata de dança do ritual de procriação (dos escravos, nas senzalas) e foi por esta razão que chegou até nós.

Atualmente, no Estado de São Paulo, temos dançadores de batuque em Botucatu, Capivari, Itu, Laranjal, Limeira, Pereiras, **Piracicaba**, Porto Feliz, Rio Claro, São Pedro, Tatuí e Tietê.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

"FEMO"

(Criada pela Lei n.º 1310, de 6 de outubro de 1977)

OLÍMPIA — ESTADO DE SÃO PAULO

EM BUSCA DA CRIAÇÃO DE UMA FACULDADE DE FOLCLORE (II) PROJETO PARA CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DA FACULDADE DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

Departamento de Ciências Humanas
(18 cadeiras)

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA I
(Conceitos Fundamentais)

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Conceitos e postulados fundamentais da antropologia, nomenclatura específica, método e técnicas empregados.

Objetivos:

- 1.º) contribuir para a formação do folclorista e proporcionar-lhe os meios científicos necessários à análise e interpretação de material demológico;
- 2.º) fornecer ao aluno de Folclore o embasamento necessário no que se refere à cultura;

3.º) dar uma visão de antropologia, definindo seu campo de estudos e tendências.

Programa:

A cultura como fenômeno humano, sua gênese e dinâmica. Enculturação. Aculturação. Assimilação. Difusão. Tradição. Sincretismo.

Estrutura e organização da cultura. Níveis: adaptativo, associativo e ideativo. Elemento e traço cultural.

Conceituação de modelo, "status" e papel. Padrões ideais de humanidade.

Universais da cultura. O museu como centro para análise de cultura comparada e laboratório do etnógrafo. Cultura e "habitat". Fatores ecológicos.

Origem e forma das raças humanas. Distinção entre raça e cultura.

O estudo do parentesco ou sistemas de relações. Regras de residências. Ancestral mítico. Parentela consanguínea, afim, espiritual e social.

Bibliografia:

- 1 — Antropologia Cultural, de Melville Herskovits.
- 2 — História da Cultura, de Birket, Smith, Kaj.
- 3 — História de la Etnologia, de Robert Harry Lowie.
- 4 — Iniciação ao Estudo da Antropologia, de Pertti J. Pelto.
- 5 — O Homem, de Ralph Linton.

DISCIPLINA: ANTROPOLOGIA II

(Desenvolvimento de pensamento antropológico)

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

As grandes linhas do pensamento antropológico, relações da antropologia com outras ciências e dinâmica cultural.

Objetivos:

- 1.º) análise e crítica da antropologia enquanto ciência;
- 2.º) interpretação dos processos sócio-culturais;
- 3.º) conhecimento de como o grupo responde a estados de tensão.

Programa:

A evolução da teoria antropológica.

Os estágios da evolução biológica. Origem e evolução do homem. Ontogênese e filogênese.

Idéias antigas sobre o aparecimento do homem.

Explicações de Lamarck e de Darwin.

Teorias sobre o homem americano.

Escolas e tendências: a) evolucionismo cultural; b) difusionismo; c) historicismo; d) funcionalismo; e) configuracionismo; f) estruturalismo.

Etnocentrismo e relativismo cultural. Preconceitos raciais, políticos, religiosos e sociais. Procura da objetividade. Técnicas empregadas na pesquisa antropológica.

A observação participante.

Sociedade camponesa e cultura rústica.

Mudanças culturais. Categorias. Conceito de evolução.

Processos de mudança: descoberta, invenção, inovação e difusão. Fatores que aceleram as mudanças e barreiras que bloqueiam sua aceitação e diminuem o ritmo delas.

Sociedade moderna e cultura de massa.

Bibliografia:

- 1 — Antropologia Cultural, de Félix M. Keesing.
- 2 — História de la Antropologia, de Paul Mercier.
- 3 — Introdução à Antropologia Cultural, de Mischa Titiev.
- 4 — Padrões de Cultura, de Ruth Benedict.
- 5 — Panorama da Antropologia, de vários autores.
- 6 — Uma Teoria Científica da Cultura, de B. Malinowski.

DISCIPLINA: CULTURA BRASILEIRA

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Conhecer as origens da cultura brasileira, sua formação, desenvolvimento e principais características.

Objetivos:

- 1.º) Identificar as origens formadoras de nossa cultura, a diversificação cultural no Brasil conforme os elementos doados;
- 2.º) Examinar os aspectos mais relevantes da evolução da sociedade brasileira;
- 3.º) Conhecer as dificuldades e aspirações nacionais.

Programa:

Principais vertentes doadoras da cultura brasileira: considerações gerais.

A transculturação européia-asiática: a) o legado português, suporte de nossa formação étnica e cultural; b) outros grupos doadores, principalmente: alemães, italianos, judeus, franceses, holandeses, árabes, suíços, eslavos, castelhanos, ciganos, japoneses.

Contribuição ameríndia. Análise da Carta de Pero Vaz de Caminha, do ponto de vista etnográfico, histórico, paleográfico e geográfico.

A Política Indigenista Brasileira. Dados históricos. Denúncias contra atrocidades, a partir do final do século passado.

Causas do extermínio populacional indígena. Graus de integração. A campanha de Cândido Mariano da Silva Rondon. O Serviço de Proteção aos Índios.

A FUNAI. Soluções.

Aspectos da Arqueologia no Brasil: a) as explorações de Peter Lund; b) o homem de Lagoa Santa; c) os achados pré-históricos:

- restos humanos fósseis (crânios, sepultamentos);
- objetos líticos;
- objetos cerâmicos;
- inscrições rupestres;
- palafitas ou estearias;
- sambaquis; d) áreas de pesquisas realizadas.

Subsídios cultural negro, principalmente: a) doações verbais; b) técnicas artesanais; c) influência malê em nosso vestuário e adornos para o corpo; d) a música e o folclore.

Bibliografia:

- 1 — A Cultura Brasileira, de Fernando de Azevedo.
- 2 — A Política Indigenista Brasileira, de Darcy Ribeiro.
- 3 — Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire.
- 4 — Etnias e Culturas no Brasil, de Manuel Diegues Júnior.

- 5 — Contribuições ao Estudo do Homem de Lagoa Santa, de Tarcísio Gomes Messias e Marília Carvalho de Mello Alvim.
- 6 — História da Cultura Brasileira do MEC, de vários autores.
- 7 — Imigração, Urbanização, Industrialização, de Manuel Diegues Júnior.
- 8 — Os Dois Brasis, de Jacques Lambert.
- 9 — O Sábio Dr. Lund e Estudos Sobre Pré-História Brasileira, de Aníbal Mattos.
- 10 — Problemas Brasileiros de Antropologia, de Gilberto Freire.
- 11 — Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda.
- 12 — Regiões Culturais no Brasil, de Manuel Diegues Júnior.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA ARTE

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Conhecimento das diferentes fases da Evolução das Artes, da pré-história até nossos dias, destacando-se as características de cada período.

Objetivos:

- 1.º) Analisar os diferentes estágios significativos da História da Arte.
- 2.º) Compreender a evolução da arte até nossos dias, relacionada com as ciências sociais.
- 3.º) Analisar a situação atual da arte brasileira.

Programa:

Introdução Geral — *Tércica e Estética*

- a) Instrumental da Arte;
- b) Cronologia Artística;
- c) Divisão das Artes:
A Constituição dos Estilos
Leis Gerais da Composição.

Os primórdios da Arte:

- a) A Pré-História;
- b) As Artes no Egito;
- c) As Artes na Mesopotâmia.

A Antigüidade Clássica:

- a) As Artes na Grécia (Arquitetura, Escultura, Pintura, Epopéia, Tragédia e Comédia);
- b) As Artes em Roma (Arquitetura, Escultura, Pintura, Oratória).

A época Medieval:

- a) A Arte Românica;
- b) A Arte Gótica;
- c) A Arte Árabe.

O Renascimento e o Humanismo:

- a) Artes Plásticas;
- b) Música;
- c) Literatura.

O Barroco Europeu:

- a) Artes Plásticas;
- b) Música;
- c) Literatura.

O Barroco Luso-Brasileiro:

- a) As Origens;
- b) O Barroco Litorâneo;
- c) O Barroco Mineiro e o Aleijadinho;
- d) O Arcadismo.

O Neoclassicismo, o Romantismo e o Realismo:

- a) Artes Plásticas;
- b) Música;
- c) Literatura.

A Arte Moderna:

- a) Escolas Francesas;
- b) Escola Inglesa.

A Vanguarda atual:

- a) Artes Plásticas;
- b) Música;
- c) Literatura.

A Arte Brasileira na atualidade.

Bibliografia:

- 1 — História Crítica da Arte, de Flexa Ribeiro.
- 2 — História das Artes, de Carlos Cavalcanti.
- 3 — História de la Estética, de Raymond Bayer.
- 4 — Tentativa de uma Pequena História da Arte no Brasil, de Manuel Gismondí e Pedro Caminada.

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Análise das conquistas culturais do homem no espaço e no tempo.

Objetivos:

- 1.º) Conhecer as experiências culturais do Oriente e o papel que estas desempenham na civilização ocidental.
- 2.º) A importância cultural da expansão grega e romana.
- 3.º) O papel da Igreja na Europa medieval.

Programa:

- 1 — Introdução ao Estudo da História:
— Conceito, definição, evolução, ciências auxiliares, filosofia da História.
— Cultura e civilização — os estágios da evolução.
- 2 — As civilizações antigas do Oriente:
— Organização econômica, social, política e religiosa.
— Desenvolvimento cultural.
- 3 — A Civilização helênica:
— Economia, governo, sociedade e religião.
— A cultura grega.
- 4 — A civilização romana:
— Economia, governo, sociedade e religião.
— A cultura romana.
- 5 — O Mundo Medieval:
— O feudalismo.
— A burguesia e o renascimento comercial.
— Formação do Estado Nacional.
— A Igreja e a Cultura Medieval.

- 6 — A expansão marítima, comercial e colonial da Idade Moderna:
 - Os descobrimentos.
 - A colonização.
 - O mercantilismo.
- 7 — Renascimento e Reforma:
 - A cultura renascentista.
 - Reforma Protestante e Contra-Reforma.

Bibliografia:

- 1 — Grécia Clássica, de C. M. Bowa.
- 2 — História Antiga e Medieval, de José Jobson de A. Arruda.
- 3 — História da Antigüidade Oriental, de Mário Curtis Giordani.
- 4 — História da Civilização, de Oliveira Lisua.
- 5 — História da Civilização Ocidental, de Edwar Mac Hall Burns.
- 6 — História Geral, de Paulo Miranda Gomes.
- 7 — História Geral, de Heródoto Barbeiro.
- 8 — História Moderna e Contemporânea, de José Jobson de A. Arruda.
- 9 — Roma Imperial, de Moisés Hadas.

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Réexaminar em seus aspectos gerais os fatos que se consideram relevantes da pátria brasileira e expliquem o estilo de vida de nosso povo.

Objetivos:

- 1.º) Identificar a terminologia e os conceitos básicos referentes à História do Brasil Colonial e à organização e desenvolvimento do Estado Brasileiro.
- 2.º) Perceber o desenvolvimento da sociedade brasileira através do tempo.
- 3.º) Compreender o papel desempenhado pelos elementos que contribuíram na nossa formação étnica e cultural.

Programa:

- 1 — Descobrimto do Brasil:
 - Expansão marítima de Portugal.
 - O descobrimento.
 - Primeiras explorações do litoral brasileiro.
- 2 — A organização política e social da colônia:
 - A administração colonial — Capitânias Hereditárias, Governo Geral, Câmaras Municipais.
 - A sociedade colonial — Etnia Brasileira, as classes e a vida social.
- 3 — Formação econômica da Colônia:
 - Sistema colonial.
 - Ciclos econômicos.
- 4 — A Conquista do Território:
 - Conquista do Norte e Nordeste.
 - Tratados e Limites.
- 5 — Imigração e colonização no período monárquico:
 - A imigração e a abolição.
 - Transformações sociais na segunda metade do século XIX.

Bibliografia:

- 1 — Formação Histórica do Brasil, de Nelson Werneck.
- 2 — História do Brasil, de Hélio Vianna.
- 3 — História do Brasil, de Pedro Calmon.
- 4 — História do Brasil, de Pedro Ivo de Assis Bastos e Francisco de Assis Silva.
- 5 — História Econômica do Brasil, de Caio Prado Júnior.
- 6 — História Geral da Civilização Brasileira, de Paulo Miranda Gomes e outros.
- 7 — História Geral da Civilização Brasileira, de Roberto B. Accioli e Alfredo D'e Taunay.
- 8 — História Geral da Civilização Brasileira, de Sérgio Buarque de Holanda.

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Familiaridade com a língua visando ao emprego elevado e escoreito da linguagem em suas variadas formas de comunicação e expressão.

Objetivos:

Ensino da estruturação do pensamento e da sua estilização: como criar idéias, concatená-las de maneira eficaz, isto é, clara, coerente e adequada às diferentes situações de comunicação.

Programa:

- 1 — Desenvolvimento da expressão escrita: a) As funções da linguagem; b) Vocabulário: generalização e especificação. Denotação e conotação: figuras; c) Planejamento: como ordenar e coordenar idéias.
- 2 — Técnicas de composição: Como introduzir, desenvolver e concluir na elaboração de qualquer tipo de composição. Os princípios básicos da expressão escrita. Recursos sintáticos e estilísticos. a) Redação criativa: a descrição, a narração, a dissertação e a argumentação; b) Redação técnica: estrutura e características formais dos relatórios, dissertações científicas e monográficas em geral.

Bibliografia:

- 1 — Comunicação em Prosa Moderna, de Othon M. Garcia.
- 2 — Estilística da Língua Portuguesa, de M. Rodrigues Lapa.

DISCIPLINA: SOCIOLOGIA GERAL

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Conceitos fundamentais da Sociologia, terminologia específica, fatos sociais básicos.

Objetivos:

- 1.º) Ensejar o conhecimento e correta utilização dos conceitos básicos em Sociologia.
- 2.º) Levar à compreensão da dinâmica da vida social.
- 3.º) Incentivar o estudo da comunidade e grupos sociais como elementos indispensáveis ao conhecimento do seu folclore.
- 4.º) Conduzir à sistematização de conhecimentos pertinentes à vida social.

Programa:

Gênese e precursores da Sociologia: os pensadores da Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea.

Socialização.

Comunidade e Sociedade.

Interação Social: contatos sociais, isolamento, processos sociais, fundamentais.

Controle social.

Símbolos e sanções.

Posições sociais e estratificação.

Grupos primários e secundários.

A família.

A ordem política.

Bibliografia:

- 1 — Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada, de Florestan Fernandes.
- 2 — Introdução à Sociologia, de T. B. Bottomore.
- 3 — Sociedade: Uma Introdução à Sociologia, de Ely Chinoy.
- 4 — Sociologia Geral, de Rudolf Lenhard.
- 5 — Teoria e Pesquisa em Sociologia, de Donald Pierson.

DISCIPLINA: ESTUDOS DE PROBLEMAS BRASILEIROS

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Estudos da disciplina considerada de interesse para o esclarecimento de questões nacionais.

Objetivos:

- 1.º) Identificação das condições sócio-econômicas, políticas e geográficas brasileiras;
- 2.º) Conhecimento dos problemas brasileiros, objetivando uma feita e eficiente participação na solução dos mesmos.

Programa:

PANORAMA GERAL DA REALIDADE BRASILEIRA:

- 1 — O Brasil: a Divisão e Integração Regional;
- 2 — O homem brasileiro: formação étnica e cultural, traços característicos;
- 3 — As instituições sociais, políticas e econômicas;
- 4 — O comportamento social, estratificação, mobilidade e adaptação social.

PROBLEMAS MORFOLÓGICOS:

- 1 — As estruturas econômicas — análise do sistema econômico brasileiro;
- 2 — As estruturas sociais;
- 3 — As estruturas políticas e as características demográficas no Brasil;
- 4 — As estruturas dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

PROBLEMAS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO:

- 1 — Desenvolvimento e subdesenvolvimento — conceito. Riqueza nacional do solo, subsolo e fundo do mar;
- 2 — Povoamento e preservação do solo;
- 3 — O desenvolvimento e planejamento econômico;

- 4 — O desenvolvimento industrial;
- 5 — O Comércio interno e internacional;
- 6 — Política monetária, creditícia e fiscal;
- 7 — Trabalho e Previdência Social;
- 8 — Mercado de capitais.

PROBLEMAS SÓCIO-ECONÔMICO:

- 1 — Habitação;
- 2 — Saúde: prevenção, assistência médica e reabilitação — Saneamento básico e erradicação das endemias;
- 3 — Educação no Brasil — diagnóstico e solução;
- 4 — Comunicação social e difusão cultural;
- 5 — A ciência, a tecnologia e seu papel no desenvolvimento;
- 6 — Urbanização;
- 7 — Empresa — sua função social e sua participação no desenvolvimento;
- 8 — As Forças Armadas no processo sócio-econômico do Brasil;
- 9 — Poluição — principais tipos e aspectos.

PROBLEMAS POLÍTICOS:

- 1 — O Poder Nacional;
- 2 — Representação popular;
- 3 — Partidos políticos: organização e funcionamento;
- 4 — Evolução política nacional;
- 5 — Problemas geopolíticos: a ocupação do solo e os limites territoriais.

SEGURANÇA NACIONAL:

- 1 — Segurança externa e interna — Responsabilidade do cidadão;
- 2 — Guerra revolucionária;
- 3 — As forças armadas — Marinha, Exército e Aeronáutica;
- 4 — Formulação de uma doutrina e execução de uma política de segurança nacional — Conselho Nacional de Segurança — Estado Maior das Forças Armadas — Escola Superior de Guerra.

TEMAS PARA SEMINÁRIOS DE ESTUDOS:

- 1 — Amazonas e seus problemas;
- 2 — O Nordeste e seus problemas;
- 3 — Os transportes e a economia;
- 4 — Desenvolvimento agrícola e pecuário — Reforma Agrária;
- 5 — Problema energético;
- 6 — Disparidades regionais e desequilíbrios sócio-econômicos; Organismos regionais.
- 7 — Problemas geopolíticos: a ocupação do solo e os limites territoriais;
- 8 — Política econômica;
- 9 — Política social;
- 10 — Política externa;
- 11 — ONU e OEA.

Bibliografia:

- 1 — Estudos de Moral e Civismo e Problemas Brasileiros, de Nelci Silvério.
- 2 — Estudos de Problemas Brasileiros, de Alfredo Palermo.
- 3 — Estudos de Problemas Brasileiros, de Francisco L. Lopes e outros.
- 4 — Tratado Geral do Brasil, de João Scatimburgo.

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA

Carga horária: 60 h/a → Créditos: 4

Ementa:

Origens do pensamento filosófico, conceito de filosofia, o problema do conhecimento.

Objetivos:

- 1.º) Levar o aluno à diferenciação entre as explicações míticas, filosóficas e científicas da realidade;
- 2.º) Ensejar o conhecimento das origens do pensamento filosófico;
- 3.º) Ensejar a reflexão sobre a verdade, relacionando-a, no que couber, com o fato folclórico.

Programa:

Introdução à Filosofia: o Mito, a Filosofia e a Ciência; Formação da Filosofia na Grécia: as primeiras escolas filosóficas, a época clássica e a helenística; A Antiguidade Cristã e a Idade Média Ocidental: a patristica e a Escolástica; A capacidade e os limites do conhecimento: ceticismo, dogmatismo, idealismo, materialismo, realismo crítico.

Bibliografia:

- 1 — Diretrizes do Pensamento Filosófico, de J. M. Bochenski.
- 2 — Fundamentos de Filosofia, de M. G. Morente.
- 3 — Introdução à Filosofia, de J. Maritain.
- 4 — Introdução à Filosofia, de Luís de Raeymaeker.

DISCIPLINA: ÉTICA

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

O campo da Ética, a essência da Moral, os valores e a avaliação moral.

Objetivos:

- 1.º) Delimitar o campo da Ética relacionando-a com a Filosofia e outras ciências;
- 2.º) Levar o aluno à compreensão do fato moral;
- 3.º) Orientar a reflexão, sobre os valores e a definição de critérios para a avaliação moral.

Programa:

Objeto da Ética; O Campo da Ética. Definição da Ética. Ética e Filosofia. A Ética e outras ciências. A essência da Moral. O Normativo e o Fatural; Moral e Moralidade. Caráter social da Moral. O individual e o Coletivo na Moral. Estrutura do Ato Moral. Singularidade do ato moral.

Os valores. Definição do valor. A objetividade dos valores. Valores morais e não morais.

A avaliação moral. O Bom como valor. O Eudemonismo. O hedonismo. O Formalismo Kantiano. O utilitarismo. Conclusões.

Bibliografia:

- 1 — A Filosofia Moral, de J. Maritain;
- 2 — As Grandes Linhas da Filosofia Moral, de Jacques Leclercq.
- 3 — Ética, de A. S. Vasquez.
- 4 — Trabalho Dirigido de Filosofia, de G. Cotrim e Parisi.

DISCIPLINA: METODOLOGIA CIENTÍFICA

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Noções de método e seus procedimentos, o método científico em geral e das ciências morais em particular.

Objetivos:

- 1.º) Iniciar o aluno no conhecimento do método científico e seus procedimentos;
- 2.º) Levar o aluno à compreensão e valorização do método como instrumento de trabalho do pesquisador;
- 3.º) Ensejar a percepção de relações entre a natureza do campo de conhecimento e o método para sua investigação.

Programa:

O método em geral. Método científico, racional e argumento de autoridade. Procedimentos gerais do método: a demonstração, a análise e a síntese.

A ciência e as ciências. Noção da ciência. Origem e fim da ciência. O espírito científico. Classificação das ciências.

Os diferentes métodos. O método das matemáticas. O método das ciências da natureza. O método das ciências morais: noção de ciências morais, método da História, método da Sociologia.

Bibliografia:

- 1 — Elementos de Metodologia Filosófica, de Euryalo Cannabrava.
- 2 — Filosofia Elementar, de Balmes.
- 3 — Introduction à la Logique Contemporaine, de R. Blanché.
- 4 — Metodologia Científica, de A. Luiz Cervo e P. Alcino Bervian.
- 5 — Traité de Philosophie — Logique, Cosmologie, de Regis Jolivet.

DISCIPLINA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISAS EM FOLCLORE I

Carga horária: 30 h/a — Créditos: 2

Ementa:

Localizar os fatos, indicar os caminhos através dos quais se difundem para conhecer o imenso acervo da cultura folclórica brasileira.

Objetivos:

- 1.º) Verificar os fenômenos de aculturação, assimilação, empréstimos e reinterpretação;
- 2.º) Coletar dados para uma documentação que permita a pesquisa, análise e exegese;
- 3.º) Preparar pesquisadores que contribuam eficazmente para o conhecimento da ciência folclórica.

Programa:

Instrumentos para conhecimento da realidade. Maneiras de conhecer: definir, analisar e argumentar.

Formas de raciocínio: indutivo e dedutivo. Critérios de pesquisa folclórica. A observação participante. Organização e planejamento da pesquisa.

Estudo prévio da realidade cultural em que se pretende trabalhar. Unidade de análise. Elementos básicos de indagação. Qualidades do pesquisador. Delimitação da área a ser pesquisada e estudo preliminar sobre as condições de acesso, hospedagem e apoio.

A recolha de dados em primeira mão.

Técnicas de entrevista e questionário.

Ilustrações: desenhos, fotografias, filmagem, registros musicais e sonoros.

Listagem dos dados.

Análise e exegese. Redação.

Publicação da monografia.

Bibliografia:

- 1 — A Técnica da Pesquisa Folclórica, de Alceu Maynard Araújo.
- 2 — Cultura e Folclore, de Osvaldo Rodrigues Cabral.
- 3 — Manual de Coleta Folclórica, de Renato Almeida.
- 4 — O Ensino e a Pesquisa Folclórica no Brasil, de Roger Bastide.
- 5 — O Museu e a Pesquisa Artesanais, de Saul Martins.
- 6 — Pesquisa de Folclore, de Édison Carneiro.

DISCIPLINA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISAS EM FOLCLORE II

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Cadeira em que o estudante terá oportunidade de usar em pesquisas próprias, o que aprendeu em Metodologia Científica e em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore I, bem como em Estatística e nas disciplinas substantivas do curso; não tem conteúdo definido, na medida em que depende dos projetos apresentados pelos alunos.

Objetivos:

Fornecer subsídios no referente à área de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore de modo a que os estudantes possam desenvolver pesquisas de seu interesse, sejam elas empíricas ou teóricas. Elaboração de um projeto de pesquisa, prático e viável. Desenvolvimento do projeto e da pesquisa pelos alunos, individualmente ou em grupo.

Programa:

Será desenvolvido e apresentado por partes, a partir do encaminhamento dos projetos.

Bibliografia:

A mesma bibliografia indicada para Métodos e Técnicas de Pesquisas em Folclore I.

DISCIPLINA: NOÇÕES DE MUSEOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E ARQUIVÍSTICA

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Assuntos demasiadamente amplos, com implicações técnicas e teóricas. Os programas destas áreas: MUSEOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA e ARQUIVÍSTICA, implicam numa variedade de assuntos, sendo que através de uma síntese geral destas, há possibilidades dos alunos firmarem bases sobre os mesmos.

Objetivos:

1.º) Divulgação das áreas, suas finalidades, seus aproveitamentos, nível técnico dos profissionais, e seus campos de ação;

2.º) Dar uma visão panorâmica das diversas disciplinas técnicas que abrangem as áreas: classificação, organização, administração, referência, etc.;

3.º) Dar noções básicas sobre a utilização das bibliotecas, arquivos, museus a fim de tornar mais fácil a busca da informação;

4.º) Fornecer noções básicas aos alunos e introduzir a técnica bibliográfica, tendo em vista suas atividades e futuras pesquisas.

Programa:

MUSEOLOGIA

Conceito. Histórico. Finalidades. Relações com o público: Pesquisa e divulgação. Organização. Arrumação. Conservação e restauração. Conselho Internacional de Museus (ICOM): Comentários.

BIBLIOTECONOMIA

Conceito. Histórico.

Técnicas para organização de bibliotecas:

Aquisição e seleção, Carimbagem, Tombamento, Classificação, Catalogação, Preparo mecânico do livro, Circulação.

Periódicos:

Indexação dos artigos.

Materiais diversos:

Mapas, Estampas, Audiovisuais.

Tipos de bibliotecas:

Escolar, Universitária, Pública, Especial, Industrial, Nacional.

Referência:

Referências bibliográficas.

Restauração:

Encadernação.

ARQUIVÍSTICA

Arquivo: Conceito. Termos derivados.

Arquivoconomia: Arquivologia. Arquivística.

Sistema e métodos do arquivamento.

Tipos de arquivos — Histórico. Acessórios para arquivamento de papéis e fichas. Método alfabético.

Método numérico simples. Método alfabético numérico.

Método geográfico. Método específico ou por assunto.

Método automático moderno. Método unitermo. Arquivamento de recortes, impressos, folhetos, catálogos.

Centralização e descentralização dos arquivos. Controle de empréstimo de documentos — Organização. Transferência dos documentos: Arquivo ativo; Arquivo inativo; Arquivo morto. Microfilmes e serviço do arquivo.

Bibliografia:

- 1 — A Biblioteca, de Wanda Ferraz.
- 2 — Administração de Arquivos e Documentação, de S. Haig Jamenson.
- 3 — Arquivos Modernos: Princípios e Técnicas, de T. Roosevelt Schellenberg.
- 4 — Arte e Ciência de Biblioteconomia, de Gaston Litton.
- 5 — A Técnica de Arquivar, de Heloisa A. Prado.
- 6 — Bibliotecas como Organizar, Pesquisas como Orientar, Leituras como Selecionar, de Jessie Boyd et alii.
- 7 — Como Usar Livros e Bibliotecas, de Jean Key Gates.
- 8 — Elementos de Bibliotecologia, de Domingo Buonocore.

- 9 — Introdução à Ciência da Biblioteconomia, de Pierce Butler.
- 10 — Manual de Arquivos, de T. Roosevelt Schellenberg.
- 11 — Museu e Educação, de F. dos Santos Trigueiros.
- 12 — Organize Sua Biblioteca, de Heloisa A. Prado.
- 13 — Revista Cultura (Departamento de Documentação e Divulgação) — MEC (1971).

DISCIPLINA: GEOGRAFIA DO BRASIL

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

Conceitos, postulados fundamentais, métodos, nomenclatura específica, evolução.

Objetivos:

- 1.º) Entender a Geografia como uma ciência de síntese; como estudo das relações espaciais dos fenômenos; como ciência da organização do espaço;
- 2.º) Fornecer informação e colaborar para a formação necessária ao desenvolvimento das potencialidades do educando, como elemento de auto-realização, tanto no campo profissional, como no da preparação do cidadão;
- 3.º) Contribuir para o desenvolvimento de espírito de observação, reflexão, análise e crítica, que lhe possibilite a aplicação prática dos fatos estudados.

Programa:

Posição geográfica do Brasil: localização, extensão territorial, situação na América e no Globo.

As diferentes paisagens brasileiras e os fatores físicos de sua formação. O relevo: características gerais, as grandes unidades. Estrutura geológica. Hidrografia: características, as bacias hidrográficas. O litoral: características, tipos de costa.

O clima e seus fatores. Os diferentes tipos de clima. A vegetação: caracterização das diferentes formações vegetais. As paisagens climático-botânicas.

A população brasileira: características gerais do povoamento e ocupação do solo. Formação da população, os tipos étnicos. As minorias étnicas e os tipos humanos regionais: usos, costumes, tradições.

Crescimento e distribuição da população: densidade, crescimento diferencial. Migrações (internas e externas). Aspectos da economia: características gerais. Atividades extrativas. A agricultura: sistemas de exploração, principais produtos. A pecuária.

A industrialização: origem e desenvolvimento do processo industrial. As fontes de energia e matéria-prima. As concentrações industriais. O comércio: características gerais. As regiões geo-econômicas do Brasil. Disparidades regionais e desequilíbrio sócio-econômico.

Geografia urbana. A evolução industrial e a urbanização. As cidades brasileiras: origens, fatores de localização, estrutura. Concentrações urbanas: hierarquia das cidades sobre as regiões rurais. Metrôpoles e capitais regionais.

Sistemas de transportes e comunicações: rede e distribuição. O problema das grandes distâncias no planejamento dos sistemas de transporte. Características dos transportes terrestres, aéreos e marítimo-fluviais. Os sistemas de comunicações e utilização das técnicas modernas.

Estudo analítico e comparativo das Unidades Regionais.

Bibliografia:

- 1 — A Agricultura Subdesenvolvida, de Caio Prado Júnior.
- 2 — Brasil, Terra de Contrastes, de Roger Bastide.
- 3 — Climatologia, de Wilhelm Köppen.
- 4 — Ensaios de Geografia Humana, de Josué de Castro.
- 5 — Evolução da Rede Urbana do Brasil, de Pedro Geiger.
- 6 — Formação Econômica do Brasil, de Celso Furtado.
- 7 — Geografia Econômica, de Pierre George.
- 8 — Geografia Humana, de Igor A. G. Moreira.
- 9 — Iniciação ao Estudo da Geografia, de Jan O. M. Broek.
- 10 — O Brasil, a Terra e o Homem, de Aroldo de Azevedo.
- 11 — O Continente Brasileiro, de Jean Demangeot.
- 12 — O Espaço Geográfico, de Igor A. G. Moreira.
- 13 — Recursos Naturais de Fatores Determinantes na Ocupação do Território Brasileiro, de Décio Rufino de Oliveira.
- 14 — Regiões e Paisagens do Brasil, de Aroldo de Azevedo.
- 15 — Tratado de Geografia Física, de Emmanuel de Martonne.

DISCIPLINA: GEOGRAFIA TURÍSTICA

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Localizar, descrever, explicar e comparar as diferentes paisagens da superfície terrestre e as atividades dos homens que as integram.

Objetivos:

- 1.º) Contribuir para a formação e desenvolvimento da mentalidade turística do aluno, levando-o a identificar a atividade turística como fator de desenvolvimento econômico, social e cultural;
- 2.º) Proporcionar ao aluno toda informação possível sobre outras terras e outros povos, despertando-o para a importância da interrelação e cooperação entre os homens, a nível internacional;
- 3.º) Conhecer e identificar as características naturais e os recursos das diferentes regiões e os processos de sua utilização como produtos de aproveitamento turístico.

Programa:

À guisa de sugestão, recomenda-se uma breve análise introdutória sobre as características do Turismo atual, que se apresenta bem definido em grandes zonas emissoras e receptoras e, em correntes turísticas. Em função desse fato, a Geografia Turística deve desenvolver uma programação que tenha como base, o estudo dos mercados, dos núcleos receptores e da circulação ou tráfego turísticos.

Geografia Geral dos Continentes: distribuição dos continentes e oceanos. Divisões político-administrativas. Fusos horários.

As grandes Unidades Regionais do Globo: América Latina, América Anglo-Saxônica, o Mundo Mediterrâneo, Oriente Próximo e a Ásia do Sudeste. Disparidades regionais e desequilíbrios sócio-econômicos.

O Homem e o Espaço. O meio natural. As paisagens naturais e humanizadas. Os diferentes tipos de paisa-

gens e recursos naturais e seu valor como oferta turística (relevo, litoral, clima, vegetação, etc.).

Geografia da População: distribuição, densidade, raças, línguas, religiões. Movimentos populacionais: crescimento, superpopulação, migrações.

Urbanização e industrialização. O fenômeno da urbanização no mundo contemporâneo. Origem e evolução do processo industrial. As grandes concentrações industriais e urbanas no espaço geográfico. Estrutura urbana: as grandes metrópoles, capitais regionais, conurbações.

Os Grandes Eixos de Circulação Mundial. Meios de circulação terrestre: principais rotas, centros de circulação, intensidade e fluxos. A circulação marítima: rotas, canais inter-oceânicos. Navegação fluvial.

Circulação aérea: as grandes rotas domésticas e internacionais, capacidade operacional, terminais aéreos.

Os meios modernos de circulação: "Chartes", cruzeiros, "tours" de Agências.

Os grandes fluxos turísticos. As principais correntes turísticas: origem, direcionalidade (preferências), composição (nacionalidade, faixa etária e sócio-econômica), épocas.

Os grandes centros emissores e suas características políticas, econômicas e sociais e culturais.

Os grandes centros receptores, suas características e seus fatores de atração (naturais, culturais).

Estudo comparativo da atividade turística no mundo moderno: as regiões temperadas e desenvolvidas e seu equipamento turístico. A Europa, berço da civilização ocidental e sua força de atração. A América do Norte como exemplo de desenvolvimento tecnológico. As regiões tropicais como oferta do EXÓTICO representada pelos quadros da natureza.

Elementos essenciais de Cartografia: leitura e interpretação de mapas, cartas e plantas. Tipos de projeção e escalas. Símbolos, figuras, cores e curvas. Fotografias, etc.

Bibliografia:

- 1 — Brasil, A Terra e o Homem, de Aroldo de Azevedo.
- 2 — Climatologia, de Wilhelm Köppen.
- 3 — Climatologia Turística de Espanha, de Manuel Palomares Casado.
- 4 — Geografia do Espaço, de J. Beaujeu-Garnier.
- 5 — Geografia Turística de Espanha, de Maria Isabel Garcia Campos.
- 6 — Iniciação ao Estudo da Geografia, de Jan O. M. Broek.
- 7 — Introdução à Administração do Turismo, de Salah-Eldin Abdel Wahab.
- 8 — O Espaço Geográfico, de Igor A. G. Moreira.
- 9 — Teoría Y Técnica del Turismo, de Luis Fernandes Fuster.

DISCIPLINA: ESTATÍSTICA APLICADA À PESQUISA FOLCLÓRICA

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Construção de Questionários, Execução de Entrevistas, Amostragem, Métodos de Estatística Descritiva e Inferência Estatística.

Objetivos:

Fornecer ao aluno conhecimentos de métodos Estatísticos Qualitativos e Quantitativos aplicados às disci-

plinas do currículo, tais como: Antropologia, Sociologia, Metodologia Científica, Metodologia e Técnica de Pesquisas Folclóricas e Psicologia Educacional. Tornar o aluno apto e planejar experimentos, coletar e analisar dados em Pesquisas Folclóricas.

Programa:

- 1 — Definição dos Objetivos de uma Pesquisa.
- 2 — Definição da População ou Universo da Pesquisa.
- 3 — Preparação do Instrumento para Coleta de Dados: a) Elaboração de um Questionário, b) Execução de uma Entrevista.
- 4 — Técnica de Amostragem: a) Determinação do Tamanho da Mostra, b) Uso da Tábua de números Aleatórios.
- 5 — Coleta de Dados.
- 6 — Construção do Rol.
- 7 — Elaboração de Tabelas de Frequência.
- 8 — Gráficos e seus empregos.
- 9 — Medidas de Tendência Central: a) Médias, b) Mediana, c) Moda, d) Quartis, decis e percentis.
- 10 — Medidas de Dispersão: Amplitude total, Desvio médio, Desvio Quartílico, Desvio Percentílico, Variância e Desvio Padrão.
- 11 — Momentos, Assimetria e Curtose.
- 12 — Probabilidade: a) Conceito Matemático, b) Conceito Estatístico, c) Eventos Simples, d) Eventos Compostos, e) Probabilidade Condicional, f) Teorema de Bayes e suas aplicações.
- 13 — Distribuições: a) Distribuição Binomial, b) Distribuição Normal, c) Distribuição de Poisson, etc.
- 14 — Teoria da Amostragem: a) Amostras e números Aleatórios, b) Amostras com e sem reposição, c) Distribuições amostrais, d) Distribuição das médias, e) Distribuição amostral das proporções, f) Distribuição amostral das diferenças e somas, g) Erros padrões.
- 15 — Teoria Estatística da Estimção: a) Estimção de parâmetros, b) Estimativas parciais, c) Estimativas eficientes, d) Estimativas por pontos e por intervalos, e) Estimativas do intervalo de confiança dos parâmetros populacionais, f) Estimativas do intervalo de confiança das médias, g) intervalo de confiança das proporções, h) intervalo de confiança das diferenças e somas, i) Intervalos de confianças dos desvios padrões.
- 16 — Teoria da Decisão Estatística. Testes de Hipóteses e Significância: a) Decisões estatísticas, b) Hipóteses estatísticas, c) Testes da Hipóteses e significância, d) Erros do Tipo I e II, e) Nível de significância, f) Testes que envolvem distribuição normal, g) Testes unilaterais e bilaterais, h) Testes de Médias, i) Testes de Proporções, j) Testes de Diferença de Média, l) Testes de Diferença de Proporções.
- 17 — Teoria das Pequenas Amostras: a) Distribuição de "Student", b) Distribuição de x^2 (qui-quadrado).
- 18 — Teste do Qui-Quadrado.
- 19 — Ajustamento de Curvas e Métodos dos Mínimos Quadrados.
- 20 — Teoria da Correlação.
- 21 — Séries temporais.

Bibliografia:

- 1 — Aprenda Sozinho Estatística, de Richard Goodman.

- 2 — Curso de Estatística, de W. Allen Wallis e Harry V. Roberts.
- 3 — Curso de Estatística Elementar, de Ruy Aguiar Silva Leme.
- 4 — Estatística, de E. A. Grancer.
- 5 — Estatística, de Fausto I. Toranzos.
- 6 — Estatística, de L. H. C. Tippett.
- 7 — Estatística, Coleção Schaum e Murray R. Spiegel.
- 8 — Estatística — Teoria e Exercícios, de Edmundo Eboli Bonnini.
- 9 — Exercícios de Estatística, de Lauro Sodré Viveiros de Castro.
- 10 — Fundamentos Estatísticos da Inspeção por Amostragem, de S. K. Ekambaram.
- 11 — Probabilidade — Coleção Schaum de Seymour Lipschutz.
- 12 — Probabilidade — Aplicações à Estatística, de Paul L. Meyer.
- 13 — Probabilidade e Processos Estatísticos, de José de Jesus da Serra Costa.
- 14 — Teoria sobre Conceito e Modelo, de Alais Badiou.
- 15 — Técnica de Amostragem, de William G. Cochran.

Departamento de Educação

(6 cadeiras)

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA

Carga horária: 180 h/a — Créditos: 12

Ementa:

Conhecimento das técnicas de manter o vigor físico e destreza motora, e proporcionar aquisição de bons hábitos de sociabilidade.

Objetivos:

- 1.º) Conduzir o aluno à manutenção e aprimoramento de aptidão física e à conservação da saúde;
- 2.º) Integrar o estudante no meio universitário;
- 3.º) Consolidar o sentimento comunitário e de nacionalidade.

Programa:

Exame médico-biométrico. Condicionamento físico. Aplicação de testes. Sessões de ginástica. Sessões de andebol. Sessões de futebol de salão. Sessões de vólibol. Sessões de basquetebol.

Bibliografia:

- 1 — Basquetebol, Metodologia do Ensino, de Moacir Daiuto.
- 2 — Condição Física: Planejamento Geral e Específico, de Luís R. Zuliani.
- 3 — Vólibol: Fundamentos — Aulas — Circuitos, de José Roberto Borsari e João Bosco da Silva.

DISCIPLINA: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Carga horária: 60 h/a — Créditos: 4

Ementa:

O conhecimento do educando desde a vida pré-natal à maturidade, levando-se em consideração os vários as-

pectos de crescimento e desenvolvimento resultantes da interação meio-hereditariedade. O conhecimento total do crescimento do educando, levando-se em consideração que aprendizagem se aplica a emoções, ajustamento pessoal e social e demais aspectos do comportamento.

Objetivos:

- 1.º) Identificação das principais fases do desenvolvimento humano e as diferentes formas de comportamento que as acompanham;
- 2.º) Identificação dos princípios que constituem a base para a realização de mudanças desejáveis no comportamento do educando;
- 3.º) Determinação do grau de importância das diferenças individuais no processo evolutivo em geral;
- 4.º) Reconhecimento dos princípios vigentes sobre desenvolvimento e aprendizagem;
- 5.º) Aplicação adequada da teoria adquirida em situações reais;
- 6.º) Formação de atitudes desejáveis para o trato com o educando.

Programa:

I — Introdução

- 1) A Psicologia e sua conceituação.
- 2) Principais métodos em Psicologia.
- 3) Importância da Psicologia na atualidade.
- 4) O professor moderno e a Psicologia.
- 5) A Psicologia evolutiva e a Aprendizagem.

II — O Desenvolvimento Humano

- 1) Conceitos básicos sobre desenvolvimento:
 - a) crescimento;
 - b) desenvolvimento;
 - c) maturação;
 - d) fatos que influenciam o desenvolvimento do indivíduo.
- 2) Desenvolvimento físico e motor:
 - a) natureza do crescimento físico;
 - b) relacionamento, crescimento físico e desenvolvimento motor;
 - c) o desenvolvimento pré-natal;
 - d) o desenvolvimento infantil;
 - e) o desenvolvimento na adolescência.
- 3) Desenvolvimento emocional:
 - a) estudo das emoções — bases psicológicas;
 - b) o comportamento emocional
 - na infância
 - na puberdade
 - na idade adulta.
- 4) Desenvolvimento social:
 - a) processos de socialização;
 - b) o comportamento social e sua evolução;
 - c) o papel da liderança.
- 5) Desenvolvimento intelectual:
 - a) etapas do crescimento mental;
 - b) a inteligência e sua conceituação;
 - c) medidas de inteligência;
 - d) estudo de testes de inteligência.

III — Estudo da Aprendizagem

- 1) Conceito de Aprendizagem.
- 2) Natureza da Aprendizagem.
- 3) Etapas no processo de Aprendizagem.

- 4) Elementos do processo da Aprendizagem:
 - a) o aprendiz;
 - b) objetivos a serem alcançados;
 - c) meios para alcançar objetivos visados;
 - d) inteligência do aprendiz;
 - e) motivação;
 - f) comportamento;
 - g) fatores: ambientais, hereditários e sócio-econômicos;
 - h) estímulo e resposta.
- 5) Aprendizagem e instrução.
- 6) Retenção e transferência da Aprendizagem:
 - a) retenção e esquecimento;
 - b) fatores que influenciam;
 - c) conseqüências educacionais.
- 7) A disciplina e a aprendizagem.
- 8) Importância do educador e seu papel na aprendizagem.

Bibliografia:

- 1 — A Criança, o Lar e a Escola, de Pierre Weill.
- 2 — A Escola Sob Medida, de Claparède.
- 3 — A Professora, o Aluno e seus Problemas, de Charlotte Bühler.
- 4 — Como Pensamos, de John Dewey.
- 5 — Diagnostico del Desarrollo, de A. Gesell.
- 6 — Didática Psicológica, de Hans Aelbi.
- 7 — Educational Psychology, de G. M. Blair.
- 8 — Elementos de Psicologia, de David Hrech.
- 9 — Introdução à Psicologia das Relações Humanas, de Irene Mello Carvalho.
- 10 — Manual de Evolución del Rendimiento Escolar, de Luís Arturo Lemus.
- 11 — Os Meios de Comunicação, de Marshall McLunhan.
- 12 — O Teste Sociométrico, de Danny José Alves.
- 13 — Pedagogia da Aprendizagem, R. Cousinet.
- 14 — Psicologia da Adolescência, de Pfromm Netto.
- 15 — Psicologia Diferencial, de A. Anastasi.
- 16 — Psicologia Educacional, de George J. Mouly.
- 17 — Psicologia e Pedagogia, de Jean Piaget.
- 18 — Psicologia Social, de David Hrech.
- 19 — Relações Humanas na Escola, de Agostinho Minicucci.
- 20 — Técnicas Projectivas, de John E. Bell.
- 21 — Teorías Contemporaneas de Aprendizaje, de Winfred Hill.
- 22 — Testes, Medidas de Avaliações, de Oyara Petersen Esteves.
- 23 — Uma Nova Teoria da Aprendizagem, de J. S. Bruner.

DISCIPLINA: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1.º E 2.º GRAUS

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Fundamentos, finalidades e estruturas do ensino de 1.º e 2.º graus e os princípios orientadores da Lei 5692.

Objetivos:

- 1.º) Compreender os fundamentos e objetivos do Ensino de 1.º e 2.º graus;

- 2.º) Enumerar as finalidades da Educação;
- 3.º) Diferenciar os princípios orientadores do Ensino de 1.º e 2.º graus;
- 4.º) Identificar os princípios orientadores da Lei 5692;
- 5.º) Identificar as forças internas e externas que atuam sobre o sistema de ensino;
- 6.º) Diferenciar a estrutura didática e administrativa do sistema de ensino;
- 7.º) Compreender a importância das relações humanas e públicas na Escola.

Programa:

- 1 — Fundamentos do Ensino de 1.º e 2.º Graus: A Estrutura escolar. Importância da direção. Função do diretor escolar. A administração como responsabilidade de lados.
- 2 — O Sistema Escolar Brasileiro: Conceito de Sistema Escolar. Estrutura do Sistema Escolar. Histórico e situação atual. Características da escola de 1.º e 2.º graus: aspectos legais.
- 3 — Finalidades da Educação Brasileira: Objetivos da Escola de 1.º e 2.º Graus sendo os gerais e os específicos. Definição e papel dos objetivos no planejamento escolar. Determinação dos objetivos. Objetivos e planejamento de currículos.
- 4 — Princípios Orientadores do Sistema Escolar: O novo conceito de sistema escolar; Lei 4024/61; Lei 5692; Inovações. A reforma e o ensino. Descentralização e diversificação. Elasticidade, flexibilidade. Integração.
- 5 — Currículos Escolares: Conceito de currículo. Currículo mínimo e pleno. Núcleo comum e parte diversificada. Categorias curriculares. Formação geral e educação especial. Aprendizagem: motivação. Integração e ordenação das atividades de aprendizagem.
- 6 — Estrutura Administrativa do Ensino de 1.º e 2.º Graus: Níveis de administração educacional: Federal, Estadual, Municipal e Escolar.
- 7 — Estrutura Didática do Ensino de 1.º e 2.º Graus: Organização dos trabalhos de base de escola.
- 8 — Relações Humanas e Relações Públicas na Escola: O programa de relações humanas na escola. O programa de relações públicas na escola. Fases do Programa. Dificuldades de Aplicação do Programa de Relações Humanas e Relações Públicas no Campo Escolar. O estudo da Lei 5692. Princípios básicos. Objetivos gerais e específicos. Estrutura do Ensino de 1.º e 2.º Graus. Organização e funcionamento. Professores e Especialistas. O ensino supletivo. Disposições Gerais. Disposições Transitórias.

Bibliografia:

- 1 — Reforma e o Ensino, de Jorge Naglé.
- 2 — Diretrizes e Bases para o Ensino de 1.º e 2.º Graus (Lei n.º 5692).
- 3 — Estrutura e Funcionamento de 1.º e 2.º Graus, de Moysés Brejon.

DISCIPLINA: APROVEITAMENTO DO FOLCLORE NA EDUCAÇÃO

Carga horária: 120 h/a — Créditos: 8

Ementa:

Enfocar o conteúdo do programa do ponto de vista sócio-cultural, recreativo e artístico.

Objetivos:

- 1.º) Informar os fatos folclóricos tradicionais ou não, que possam dar subsídios à formação dos alunos;
- 2.º) Aproveitar o projeto Folclore Nacional como fonte de inspiração nas artes e técnicas, nos meios de comunicação mais diversos e no intercâmbio cultural e artístico.
- 3.º) Dar condições para a compreensão do valor das manifestações folclóricas através das formas audiovisuais de comunicação, ou mesmo assistindo às representações.

Programa:

Folclore: a ciência. A Formação Folclórica do Professor. O Folclore como Informação e como Formação. O Folclore Aproveitável. O Folclore Não-aproveitável. O Folclore Educacional Aplicado. História do Folclore Educacional. O Folclore e a Educação Artística. Levantamento de Dados. O Movimento Folclórico no Brasil. Artes e Técnicas. Lúdica. Crenças e Superstições. Folclore Infantil. Usos e Costumes. Música. Folcomunicação. Artes Visuais. Danças. Folguedos. Autos, Cortejos. Linguagem Folclórica. Literatura Oral. Folclore no Currículo das Escolas Brasileiras. Projeção do Folclore: Parafolclore.

Bibliografia:

- 1 — Anuários de Folclore, da cidade de Olímpia.
- 2 — Bandinha Rítmica, de Naide J. de Alencar Sá Ribeiro.
- 3 — Danças Folclóricas Brasileiras, de Maria Amália Correia Giffoni.
- 4 — Danças Miúdas do Folclore Paulista, de Maria Amália Correia Giffoni.
- 5 — Dicionário do Folclore Brasileiro (2 volumes), de Luís da Câmara Cascudo.
- 6 — Inteligência do Folclore, de Renato Almeida.
- 7 — Lendas e Mitos do Brasil, de Teobaldo Miranda Santos.
- 8 — Manual de Danças Gaúchas, de Paixão Cortes e Barbosa Lessa.
- 9 — Manual de Folclore, de Laura Della Mônica.
- 10 — Música na Escola Primária (Programa de Emergência) — MEC.
- 11 — O Folclore na Escola, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro.
- 12 — O que é Folclore?, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro.
- 13 — Rosa Amarela, de Laura Della Mônica.

DISCIPLINA: DIDÁTICA

Carga horária: 90 h/a — Créditos: 6

Ementa:

Libertar e treinar as potencialidades da tomada de posição, de decisão e da ação através de uma aprendizagem na iniciativa que induza a uma participação criadora na construção da história.

Objetivos:

- 1.º) Proporcionar fundamentação psico-pedagógica com relação a conceitos básicos dentro da Didática;
- 2.º) Desenvolver atitudes científicas com relação à educação;
- 3.º) Desenvolver elementos do pensamento reflexivo e a criatividade relacionada com o problema da situação ensino-aprendizagem.

Programa:

- 1 — Fundamentos Psicológicos da Didática: A Didática tradicional e a Didática moderna. Fundamentação psicogenética da Didática. Piaget e a Didática.
- 2 — A Aprendizagem e Ensino do Ponto de Vista Piagetiano: Assimilação — acomodação: aprendizagem e ensino. Aprendizagem como conceito pedagógico. Problemas didáticos na perspectiva piagetiana.
- 3 — Orientação da Aprendizagem: Motivação: A motivação para aprendizagem. A medida da motivação. Variáveis que influem na motivação. Fontes redutoras da motivação. Apresentação da Matéria: O processo de comunicação. A linguagem do ensino.
Direção da Aprendizagem: Tipos. Formas. Leis da aprendizagem.
A Assimilação na Aprendizagem: O processo de assimilação: definição geral. O problema da aquisição do conhecimento e a assimilação. A assimilação do conteúdo significativo.
Integração e fixação do conteúdo da aprendizagem. Avaliação da aprendizagem: conceitos gerais.
- 4 — Planejamento do Ensino: Importância, características e conceitos de planejamento. Estágios desenvolvimentais piagetianos e o planejamento de ensino. Diretrizes que influenciam o planejamento. Tipos de planejamento.

Bibliografia:

- 1 — A Reforma e o Ensino, de Jorge Naglé.
- 2 — Diretrizes e Bases para o Ensino de 1.º e 2.º Graus — Lei 5692.
- 3 — Estrutura e Funcionamento de 1.º e 2.º Graus, de Moisés Brejon.

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO

Carga horária: 120 h/a — Créditos: 8

Ementa:

Aulas a nível de 1.º e 2.º graus ministradas pelos alunos, estágios supervisionados, realizados sob forma de observação e documentados em fichas de controle.

Objetivos:

- 1.º) Oferecer um embasamento teórico e prático para o trabalho com alunos de 1.º e 2.º graus;
- 2.º) Proporcionar a oportunidade de vivenciar as condições surgidas em sala de aula;
- 3.º) Possibilitar a realização de estágios em escolas de 1.º e 2.º graus.

Programa:

Parte teórica: Planejamento de currículo. Programas e subprogramas. Projetos e subprojetos. O Plano Escolar. Os guias curriculares propostos: as categorias curriculares, o núcleo comum (Comunicação e Expressão — Língua Portuguesa, Educação Artística e Educação Física, Estudos Sociais, Ciências Físicas e Biológicas, Programas de Saúde e Matemática). A renovação metodológica. A recuperação. Como ensinar. A motivação da aprendizagem. O aluno e o ambiente escolar.

Bibliografia:

- 1 — Guias Curriculares, CERHUE da Secretaria de Estado da Educação do Governo de São Paulo.
- 2 — Prática de Ensino, de Hans Helbi.

Instituto Nacional do Folclore

Ofício n.º 403/82

Em 10.9.1982

Da: Diretora do Instituto Nacional do Folclore
Ao: Senhor Presidente da Comissão de Folclore do Conselho Municipal da Cultura/Olímpia/SP

Agradeço sensibilizada a Vossa Senhoria o Certificado e o Diploma de Louvor ao Mérito conferidos ao Instituto Nacional do Folclore e o Diploma de Louvor ao Mérito generosamente a mim outorgado.

O cognome de "Capital do Folclore" à cidade de Olímpia, oficializado pela Lei 1272, outras leis e decretos relativos à Semana do Folclore, ao Festival, ao Troféu Curupira, à Bandeira do Folclore e tantos mais e a publicação do Anuário são marcos do mérito de Vossa Senhoria e assinalam seu labor profícuo e inteligente.

Parabéns, Professor Sant'anna, e aceite, com os nossos cumprimentos, o apoio do Instituto Nacional do Folclore e a nossa admiração.

Atenciosamente,

a) Lélia Gontijo Soares
Diretora

Ao Professor
José Sant'anna
Presidente da Comissão de Folclore do Conselho Municipal da Cultura
Prefeitura Municipal de Olímpia
15400 — Olímpia — SP



AGRADECENDO

Bem sucedido homem de negócios, mas avesso à publicidade e aos embates da política, a maior aspiração do Sr. Wilson Zangirolami, sempre foi a de dirigir os destinos do Município de Olímpia. Este objetivo, ele o alcançou, no pleito memorável de 15 de novembro de 1982. Empossado a 1.º de fevereiro do corrente ano, logo se mostrou o administrador consciente e dinâmico que nele se adivinhava. Desprendido como poucos, sem nenhum orgulho, de trato afável e de simplicidade encantadora, goza o nosso prefeito de muita simpatia e de admiração geral. Estas qualidades, entretanto, não o impedem de exercer o cargo para o qual foi eleito, com pulso firme e decisão, doutro modo não conseguiria vencer as dificuldades de toda ordem dos dias atuais. Felizmente, para melhor desempenho das suas funções, conta ainda com a coadjuvação da esposa D. Zuleica, que, desse modo, se tornou, a sua mais eficiente e entusiasta colaboradora.

Na difícil conjuntura da hora presente, só a boa vontade, o estímulo e os esforços do ilustre casal, tornaram viável a realização das nossas tradicionais festividades de agosto.

A fotografia do Prefeito Wilson Zangirolami e de D. Zuleica Carneiro Zangirolami, que encima estas linhas, serve apenas de pretexto para deixarmos registrado, aqui,



o nosso profundo reconhecimento, por tudo quanto fizeram para o bom êxito do 19.º Festival do Folclore de Olímpia.



ROTHSCHILD MATHIAS NETTO

Os fluminenses têm uma larga tradição na formação histórica do país e distinguem-se pelas suas qualidades de inteligência, de caráter, excepcional capacidade de trabalho e coragem pessoal, bem como fidalguia no trato social e, sobretudo, franqueza e inflexibilidade.

Não podia escapar a essa regra um dos maiores dos seus filhos que, há quase meio século, tornou-se olimpiente: o professor ROTHSCCHILD MATHIAS NETTO.

Os que o conhecem e lhe acompanham a brilhante trajetória na vida, bem podem asseverar se nos excedemos nesta afirmação. É não só um dos maiores de sua terra macaense, mas também de Olímpia, que ele serviu com as mais vivas forças de sua inteligência e a maior espontaneidade do seu coração.

Rothschild Mathias Netto bem sabe compreender que a perfeição humana está antes em trabalhar para o bem da coletividade, cumprir cada um o seu destino, dignificando a vida, sem aspirar recompensas e glórias efêmeras.

Essa perfeição, ele demonstra com espírito excelso, desde a sua juventude, no desabrochar de sua vida preciosa.

Falar de seu trabalho como profissional não é tarefa fácil. Que o digam os que testemunharam a sua ação como professor nos diferentes lugares onde exerceu o seu nobre mister.

Trabalhador, de um temperamento irrequieto, influenciado pelo pendor das múltiplas disposições para outras

atividades, o professor Rothschild fez-se filatelista, literato, historiador e folclorista.

Mestre, as suas lições de Matemática não ficaram perdidas nos meios da coletividade estudantil que alcançaram o contacto de sua experiência. Não trabalha só para seu interesse pessoal. Os seus lazeres não os consome descausando das suas fadigas ou gozando as delícias de longas vilegiaturas.

O trabalho é para ele uma fatalidade imperiosa dos destinos humanos. Descansa da labuta quotidiana, trabalhando pelo bem público. Aceitou por várias vezes o cargo de presidente da Comissão de História do Conselho Municipal de Cultura, da Prefeitura Municipal de Olímpia e todos os problemas que interessam à História deste Município são resolvidos com o concurso de sua operosa capacidade de pesquisador. Deve-lhe muito Olímpia na realização dos descobrimentos dos fatos históricos, aos quais ele deu a colaboração eficaz e oportuna.

Alegre e acolhedor, sua palestra encanta pelo sabor da verve inesgotável e espontaneidade das idéias e das observações expendidas sempre no forte colorido da sua palavra fulgurante. Aborda todos os assuntos com tal facilidade e brilho na exposição, que se figura especializado em cada um deles. Discute política, diplomacia, questões militares, economia e finanças, artes, filosofia e história, como se lhe fossem familiares os mais árduos problemas desses ramos dos conhecimentos humanos.

E com o brilho com que fala, escreve. Seus artigos e memoriais são vazados em forma elegante e límpida. Nada lhe falta em tintas e sobriedade de estilo para atingir os mais finos paladares. A graça borbulha cristalina no fundo de sua pilhéria inofensiva, como a espuma do champanhe mais fino à superfície da taça cintilante.

E não se hão de separar, ligados como se acham em meu coração, o seu nome e os seus atos de mestre, a influência mobilizante de sua amizade através de muitos anos, recebendo quotidianamente o influxo vivificador da sua bondade, dos seus conselhos, dos seus ensinamentos, de sua ajuda na elaboração dos documentários de nosso folclore, dos estímulos de sua palavra generosa e do seu espírito iluminado.

Sem me exceder no culto da admiração a que tem direito este *meu velho mestre*, que passa a vida espalhando o bem, bem posso considerá-lo um santo, porque as virtudes da santidade nem só florescem na solidão humilde das celas, mas também, muitas vezes, no turbilhão do mundo, que é o mais vasto campo dos semeadores de Cristo.

José Sant'anna

Brasília, 1.º de setembro de 1982

Estimado Amigo Prof. José Sant'anna

Mais um Festival do Folclore em Olímpia, mais uma frustração deste seu colega menor, pesquisador de tudo quanto se refere às expressões do sentir e do querer do povo, explodindo nas brincadeiras, nos jogos, nas danças, nos autos, nas vestes, nos objetos, nas comidas e bebidas, nos medos e superstições, nos provérbios, nos desafios e cantorias, em tudo quanto de significativo (e, sobretudo, de *atual*) as mais modestas parcelas da população revelam nessas ocasiões festivas e que guardam consigo, como bem o assinala Rothschild Mathias Netto, "como brasas dormentes à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes". Frustração porque desde há muito tenho vontade de assistir e participar do Festival que transforma a sua Olímpia em Capital Nacional do Folclore, vontade que se tornou aguçada, faminta mesmo, depois do encontro feliz que tivemos em Campinas. Ocorre, porém, que todo um mês, o de agosto, ainda foi pouco para que se processasse a minha aposentadoria (37 anos, 9 meses e 12 dias de serviço!) no ainda burocratizado INPS. Agora, porém, começo a sentir-me livre e já no

dia 3 estarei seguindo para São Paulo, a fim de tomar parte em um "retiro" sobre Folkcomunicação, a que comparecerão "seminaristas" (vai realizar-se no antigo Seminário Anchieta) de várias instituições, dedicadas à interpretação justamente das manifestações da cultura popular, que os "eruditos" costumam considerar simples e ingênuos folguedos.

O Amigo está de parabéns: se pelo menos a metade do que foi programado se realizou, não creio que, em parte alguma do Brasil o Dia do Folclore tenha sido celebrado com tanto brilhantismo e vigor. Vigor que peço à Providência me conceda até o 19.º Festival, quando, desde já, me comprometo a assistir e enriquecer meu espírito no convívio de tanta gente boa que, talvez, com aquela simplicidade característica do paulista rural, esteja oferecendo ao País uma contribuição cultural e artística das mais valiosas e oportunas.

Com o abraço cordial de

a) *Luiz Beltrão*



CIDADÃOS CHÁPRETENSES



No ano passado, a cidade alagoana de Chã-Preta, de que era prefeito, o Sr. Audálio de Vasconcelos Holanda e presidente da Câmara, o Sr. Antônio Manoel de Lima, prestou significativa homenagem a três ilustres cidadãos olimpienses: Álvaro Cassiano Ayusso, prefeito municipal de Olímpia; José Sant'anna, professor e folclorista e Antônio Clemêncio da Silva, secretário do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia", pelo muito que fizeram para a divulgação dos folguedos folclóricos daquele município nordestino.

De fato, por iniciativa do vereador Antônio Teixeira de Vasconcelos, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à cultura popular chãpretense, aqueles conhecidos olimpienses, foram agraciados com títulos de cidadãos honorários de Chã-Preta, pela Lei n.º 131, de 14 de maio de 1982.

Não seria fácil resumir, em poucas palavras, como foram as solenidades e a calorosa acolhida que tiveram os olimpienses, na simpática cidade do nordeste brasileiro.

No dia 1.º de fevereiro, do corrente ano, na cidade de Chã-Preta — AL, realizou-se, na Igreja atriz de Santa Luzia, às 20 horas, a missa solene de ação de graças, com a participação do Coral da Universidade Federal de Ala-



goas, assistida pelas autoridades e muitas outras pessoas daquela localidade, de Viçosa e pela caravana de Olímpia.

Devido ao grande número de fiéis e curiosos presentes, foi solicitada à autoridade eclesiástica competente, permissão para que a entrega dos títulos aos agraciados, fosse realizada na própria igreja, já que o recinto da Câmara Municipal não comportaria tão numeroso público.



Falaram, na ocasião, o Professor Pedro Teixeira de Vasconcelos, sobrinho do autor do projeto de Lei, e o atual prefeito, Dr. José Klinger Soares Teixeira e, a seguir os homenageados. A sessão foi encerrada pelo Sr. Cícero Tenório Florentino, atual presidente da Câmara.

Terminada a solenidade, os chãpretenses, acompanhados pelos olímpenses e grupos folclóricos do município (Reisado, Guerreiro, Coco e Roda, Presépio, Pastoril, Quilombo, Caboclinhas, Chegança, Taieira e Baiana) seguiram para a Câmara Municipal, em cujo pátio espalharam boa quantidade de terra olímpense, com terra de Chã-Preta, numa cerimônia simples, mas de alto significado simbólico.

Inesquecíveis foram também a recepção no Clube de Chã-Preta e a ceia, oferecida aos novos filhos da cidade, à meia-noite, na fazenda do Engenho de Bonsucesso, propriedade do ex-prefeito e esposa, Prof.^a Margarida Maria de Vasconcelos Holanda.

Depois das horas agradáveis passadas na propriedade rural do Sr. Audálio de Vasconcelos Holanda, regressaram a Olímpia, os novos cidadãos chãpretenses, gratos pela homenagem e bastante satisfeitos com as inúmeras demonstrações de apreço e a maneira como foram recebidos e tratados pelas autoridades e a boa gente nordestina de Chã-Preta.



GRUPOS FOLCLÓRICOS DO MUNICÍPIO DE CHÃ-PRETA - ALAGOAS

Os grupos folclóricos de Chã-Preta, Estado de Alagoas, formados com elementos humanos, do "folk" legítimo, têm a participação de alunos da Escola Cenecista "Prof.^a AMÉLIA VASCONCELOS", sob a coordenação do Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos, seu diretor. Alguns componentes são da zona rural do Município.

Chã-Preta localiza-se na região da mata de Alagoas, no vale do Paraíba, conhecida como a zona do folclore.

Aqui surgiram o GUERREIRO, variante do REISADO e o QUILOMBO, folguedos genuinamente alagoanos.

Possuímos em franca atividade os seguintes:

- a) REISADO;
- b) GUERREIRO;
- c) PRESÉPIO;
- d) PASTORIL;
- e) QUILOMBO;
- f) CABOCLINHAS;
- g) CHEGANÇA;
- h) TAIEIRA;
- i) BAIANA;
- j) COCO e RODA.

O *Presépio* é o mais antigo folguedo ou auto brasileiro. É o Pastoril dramatizado, em três atos e dois quadros. Lembra os pastores que foram adorar o Menino Jesus na noite de Natal.

O *Pastoril* é apresentado em jornadas soltas.

O *Reisado* é um dos ramos do Auto dos Congos e lembra as grandes descobertas marítimas com o intercâmbio dos navegadores com os príncipes orientais. Do Reisado surgiu o nosso GUERREIRO, mistura de diversos folguedos como o Pastoril, a Chegança e o auto das Caboclinhas. Foi na década de 20 (vinte), aproximadamente, que o Guerreiro começou a tomar forma até chegar ao que é hoje. Os mestres, achando monótona a coreografia e muito dolente a melodia, resolveram dar mais dinamismo à "fonção". E assim é que foram organizando um novo Reisado com a inclusão de figuras de outros folguedos.

Taieira, dança de origem africana, surgida na Bahia, teve o seu apogeu logo após a libertação dos escravos, quando os negros anistiados pela LEI ÁUREA procuraram homenagear a Princesa Isabel, a Redentora. Com bastante vivência em Alagoas até 1930, está quase a extinguir-se.

Baiana ou *Baianá* — dança de origem africana, surgida no Estado de Pernambuco, é uma variante do MARACATU, entretanto sem o esplendor da roupagem, da coreografia e da melodia. Em ritmo de samba como todas as manifestações negras é apresentada somente por elementos do sexo feminino. O conjunto musical é composto de caixa de guerra, reco-reco, ganzá e o bombo, o principal dos instrumentos. Há verdadeiros desafios das diversas mestras de Baiana, terminando sempre com a vitória de uma delas.

Quilombo — folguedo de origem africana, surgiu em Alagoas, logo após o fracasso dos quilombobolas dos Palmares. Lembra as encarniçadas lutas dos negros fugidos de seus cruéis senhores e dos sanguinários capatazes com os brancos que procuravam rechaçar a colônia dos pobres escravos, fazendo-os voltar aos seus antigos senhores. O conjunto musical é o Terno de Zabumba. A coreografia é única, imitando a dança dos guerreiros e a melodia consta apenas do canto dos negros e dos índios, representando os brancos invasores das aldeias africanas. Há diversas figuras dentro do folguedo como o rei dos Negros, o rei dos Caboclos, a RAINHA, figura principal, o Vigia, a célebre "Catirina" e o Pai João.

Coco e Roda — conforme opinião de ilustres folcloristas como José Aloísio Vilela, o coco é de origem africana e surgiu na região da mata alagoana onde se localizava o Quilombo dos Palmares. Os negros iam procurar o ouricuri, pequeno coco do qual tiravam a polpa doce e a amêndoa que serviam para a alimentação dos mesmos. Ao quebrarem a minúscula semente faziam este mister cantando e num constante ritmado. Assim apareceu a dança que era executada após a colheita do ouricuri. Como agradasse aos senhores, esta modalidade de dança foi a mesma adotada nos salões nobres e mais ricos até que, com o aparecimento de instrumentos musicais convidativos à dança foi o Coco deixando paulatinamente estes salões e voltando ao meio rural de onde saíra. Hoje quase em extinção.

Caboclinhas consta de uma dança de origem indígena. Era a manifestação espontânea dos nossos silvícolas, da sua satisfação e alegria nos momentos mais importantes da sua vida tribal.

A *Chegança* tem nomes diferentes em alguns Estados da Federação como Marujada, Maruja, Barca, Nau Catarineta, Fandango, etc. É de origem ibérica, tendo surgido na Espanha e em Portugal à época das grandes navegações. Ao retornarem das perigosas viagens os pobres homens do mar iam narrando aos seus familiares e amigos as peripécias por que tinham passado durante os tenebrosos dias daquelas fantásticas excursões.

(Texto do Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos)



LITERATURA DE CORDEL N.º 1594

AUTOR: RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Trovador brasileiro

HISTÓRIA DA PRIMEIRA JORNADA DA LITERATURA DE CORDEL EM CAMPINAS — SP

(De 3 a 8 de maio de 1982)

1.ª edição — 1982

Quem afirma que a Poesia
Popular hoje morreu
Não contempla o panorama

Da maneira que cresceu;
Muita gente no presente
Bem sabe, perfeitamente,
Que ela está no apogeu.

Quarenta anos passados
Do Piauí à Bahia
O poeta popular
Que de folhetos vivia
Era igual um animal,
No ambiente social
Quase ninguém o entendia.

Nem os intelectuais
Ligavam pr' o trovador,
Achavam que seus folhetos
Eram de encontro ao pudor,
Pelo versar incorreto
O chamavam analfabeto,
Indivíduo sem valor.

Entretanto, o pobre vate
Seus folhetos escrevia
De tudo que nas cidades
Ou no mundo acontecia,
Fazia sua descrição
Através da rimação
Que o sertanejo entendia.

O tempo foi se passando
E muita gente foi vendo
Que a poesia do povo
Ia se desenvolvendo,
Começou estudá-la
E de muito analisá-la
Aí foram compreendendo.

Começou Leonardo Mota
Fazer rigoroso estudo,
Assistindo cantadores
Tomando nota de tudo,
O Cordel virou Cultura,
Chamado Literatura
Pelo Câmara Cascudo.

Hoje as Universidades
É que dão grande valor
Existindo até Cadeiras
Para formar-se em Doutor,
Hoje os "livros" do sertão
É a Comunicação
Que interessa ao Professor.

Realizou-se em Campinas
Na grande Universidade
Um brilhante Seminário
Pela intelectualidade,
Boas Teses discutidas
Que ao depois de debatidas
Documentou a Cidade.

A PUC convidou sete
Folcloristas brasileiros
Que mostrassem suas teses,
Todos eles prazenteiros
No plenário discutiram
Que os campinenses ouviram
Do primeiro aos derradeiros.

Começou o Seminário
No dia 3, mariano,
Quando Rodolfo Coelho,
Hoje trovador baiano
Foi o primeiro orador
E também declamador
Por ser um cordeliano.

Depois o conferencista
Da noite, grande escritor
Dr. Orígenes Lessa
Que exaltou o Trovador
Popular, no seu papel
Como Vate do Cordel
O chamado Professor.

No dia 4 de maio
Foi Veríssimo de Melo
Que falou sobre a Visita
Do Papa, que dia belo
A nossa Nação vibrou
E o Cordel se propagou
No seu folheto singelo.

Muito mais de cem folhetos
Logo foram publicados.
Nisto o nobre folclorista
Mostrou todos predicados
Que possui o cordelismo,
Como real jornalismo
Dos fatos concretizados.

No dia cinco de maio
Tudo ia muito bem
E Roberto Benjamim
Pela cultura que tem
Honrou o seu Pernambuco,
Terra do Joaquim Nabuco,
Gilberto Freire também.

Seu tema foi "O DR.
DOS FOLHETOS DE CORDEL"
Dizendo que desvirtua
O chamado Bacharel
A popular poesia,
Tirando a fisionomia
Que não é este o seu papel.

O Dr. Franklin Machado
Respondeu ao folclorista
Que daquela acusação
Tirasse ele da lista,
Pois sendo ele um formado
Jornalista e advogado
Há anos que é Cordelista.

No dia seis palestrou
O Ilustre paraibano
Dr. Átila de Almeida
Que disse "não ter engano,
O Cordel está morrendo,
Quase desaparecendo,
Caindo de ano a ano."

O trovador da Bahia
Rodolfo C. Cavalcante
Levantou o seu protesto
Dizendo que vai avante
O Cordel, que é sempre novo,
Por ser a expressão do povo.
Viverá para adiante.

Sete de maio falou
O Dr. Luís Beltrão
Dizendo que o ALMANAQUE
É Cultura do sertão,
Também tem o seu papel
Em formato de Cordel
De bastante aceitação.

No dia do encerramento
Falou Edilene Matos
Pelo CENTRO DE PESQUISAS
DA BAHIA. Pelos fatos

Seu tema foi muito claro:
"Cuíca de Santo Amaro
Jamais versava boatos."

"Sua vida de Poeta
Popular fez Jornalismo,
Era um Repórter do Povo
Mesmo com seu satirismo,
Dizia o que tinha vontade
Mesmo contra a Autoridade
Dentro do seu gregorismo."

Ao depois que a Palestrante
A oratória termina
O professor Joseph Luyten
Viu a terra nordestina
Como mais grande celeiro
Onde o Cordel brasileiro
A toda gente fascina.

O estudioso paulista
Como Comunicador
Mostra pelo QUADRO-NEGRO
Onde atua o trovador,
Citando as regiões
Que os folhetos dos sertões
Inda possui comprador.

Foi Dona Regina Márcia
Educada Professora
Que atuou no Seminário
No papel: Coordenadora;
Della Mônica dirigindo
As Sessões e concluindo
Ser u'a grande Diretora.

Dona Maria Luíza
Pela sua fidalguia
A todos os visitantes
Distintamente atendia;
Exaltar, a mim, compete,
A jovem Lúcia Salvéti
Batendo fotografia.

Professor José Sant'anna
Que é grande Pesquisador
Do Cordel ali estava
No papel Coordenador;
Alma boa, gente fina,
Sua presença ilumina
Seja em qualquer setor.

Ele junto à Della Mônica
Bastantemente ajudava
Com Folcloristas, Poetas,
O Professor dialogava;
Sua Comunicação
É de uma forte expressão
Que a turma o elogiava.

O "CORREIO POPULAR"
De Campinas historiou
Tudo que no SEMINÁRIO
Na semana se passou;
No "CENTRO DE CONVIVÊNCIA"
Teve o Cordel permanência
Que muita gente o comprou.

O "ESTADO DE SÃO PAULO"
Grande Reportagem deu;
Li no "DIÁRIO DA TARDE"
Tudo que aconteceu
Na Jornada da Cultura,
Do Cordel Literatura,
Só não soube quem não leu.

João de Barros, Teo Macedo,
Cantador João Tavares
E Raimundo Santa Helena,
Bons poetas populares
Com Machado Nordestino
Glosaram, cantaram Hino
Nos temas dos seus lugares.

Dr. Alcides Carvalho
Folclorista, de Londrina,
Disse que no Paraná
O Cordel já se ensina
E devido o seu ingresso
Breve terá um Congresso
Da Poesia Nordestina.

Assim versei, em resumo,
O bonito Seminário
Realizado em Campinas
De modo extraordinário.
Peço a todos os brasileiros
Paguem 50 cruzeiros,
Quem dá folheto é "otário".

DEDICO ESTE FOLHETO:

- Ao ilustre folclorista, Dr. Orígenes Lessa, meu grande benfeitor;
- Ao Dr. Veríssimo de Melo, grande pesquisador do Rio Grande do Norte, a quem muito admiro;
- Ao Dr. Átila Augusto F. de Almeida, brilhante inteligência da terra paraibana, que embora discordando do seu ponto de vista que a Literatura de Cordel está morrendo, tive o prazer de conhecê-lo e confirmou-me sua grande capacidade intelectual;
- Ao Dr. Roberto Benjamim, a bondade, em pessoa;
- Ao Dr. Luís Beltrão, personalidade marcante do Folclore brasileiro;
- Ao Prof. Alcides de Carvalho, pela sua cultura e comunicabilidade que sabe conquistar pessoas para se tornarem suas amigas;
- Ao Professor José Sant'anna, homem de percepção admirável e que sabe fazer ambiente;
- Às Professoras: Regina Márcia, Martha, Laura Della Mônica, Maria Luíza e as suas assessoras que muito colaboraram para o êxito da Jornada Cordeliana;
- À linda e atraente fotógrafa Lúcia Helena Salvétti;
- Aos trovadores que comigo conviveram nos sete dias, em Campinas: achado Nordestino, MJ. Barros, Teo Macedo e o cantor pernambucano João Tavares;
- Ao meu muito paternal amigo Dr. Joseph Luyten, que o considero um autêntico folclorista;
- Ao meu muito fraternal amigo, Dr. Joseph Luyten, que "Estado de São Paulo" e "Diário da Tarde", a todos os nossos agradecimentos, em nome da Classe Trovadoresca, que lidero neste País;
- À Prefeitura Municipal de Campinas — SP; ao MEC e à Universidade de Campinas, os mais sinceros parabéns por tão honrosa promoção que colaboraram para a documentação de um feito glorioso da Cultura Popular, na linda Cidade de Carlos Gomes.

O AUTOR



GRUPO FOLCLÓRICO: PARAFUSOS

Os personagens se apresentam com tênis e meias brancos e o rosto lambuzado de tabatinga ou de qualquer tinta branca. Usam turbantes e vestem-se com uma série

de anáguas que dão a idéia de parafuso na ocasião das danças. Há um porta-estandarte fantasiado de índio. Sanfoneiros e diversos instrumentos de batucada fazem parte do grupo Parafusos, de Lagarto. Foto de Antônio José Cury — 18.º FEFOL (1982)



ORIGEM

Existia em Lagarto — SE, no primeiro recenseamento, 298 brancos, para 1880 pretos e índios. Regra geral, fugiam dos engenhos e se embrenhavam nas matas formando Mucambos. Na calada da noite saíam para roubar. Era comum naquela época as sinhazinhas deixarem no coradouro, durante a noite, peças de suas indumentárias: anáguas ricamente bordadas e com aplicação esmerada de rendas francesas. Ali as deixavam, porque o sereno ajudava a alvejar o mais puro linho belga de que eram fabricadas. Tais anáguas, segundo a moda, tinham 9 côvados e formavam uma roda muito grande. Os negros ladrões, delas se apoderavam e durante a Lua-cheia vestiam-nas, fazendo com que todo o corpo ficasse coberto, após colocar uma sobre a outra, até cobrir o pescoço. E assim saíam pelas estradas, dando pulos e fazendo assombração. A superstição da época fazia acreditar em alma-sem-cabeça ou outras visagens. Os moradores se abstinham de sair de casa para proteger aquilo que estava sendo roubado, porque tinham medo. Esta prática levou vários anos, até quando os negros foram libertos. Alforriados, saíram às ruas, vestindo-se tal qual faziam no passado, cantarolando, em chacota, aos seus antigos senhores. Como a poesia e os poetas eram muitos, alguém fez a música para substituir o alarido dos escravos, que somente tinham uma motivação — ironizar seus senhores derrotados. Ficou, então, incluído no Calendário das Festas de Lagarto, onde grupos se constituíram, obedecendo à forma primitiva e até há pouco tempo eram distintos em todo o cenário das festas de São Benedito.

Sílvio Romero, Câmara Cascudo e Afonso Arinos fazem em suas obras, referências aos Parafusos.

CANTIGAS DO GRUPO "PARAFUSOS"

1.º

Quem quiser ver o bonito,
Saíam fora e venham ver.
Venham ver os parafusos
A torcer e destorcer.

Ai, amor,
Meu Serafim.
Meu povo, eu peço:
Tenha dor de mim.

2.º

Parafusos ei, ei,
Parafusos ei, ai.
Parafusos acerte a pisada
No meio da estrada
Não deixe parar.

3.º

Eu não planto flor,
Eu não sei plantar.
O amor dos outros
Eu não sei tomar.

Eu não sei plantar,
Eu nunca plantei.
O amor dos outros,
Eu nunca tomei.

4.º

Manuel, Manuel, Parafusos no cordão,
Manuel, Manuel, Manuel do coração.

5.º

Choveu, choveu,
Choveu ventar.
Nos braços da morena
Onde vou me acalantar.

Chova, chova, chova,
Vente, vente, o que ventar.
É nos braços da morena
Onde vou me acalantar.



BACAMARTEIROS OU BATALHÃO DE BACAMARTES

Conjunto de homens portando armas rudimentares chamadas bacamartes.

Os tiros de festejos acontecem em manifestações populares como procissões, quermesses e outras festas de largo, geralmente de cunho religioso.

O Bacamarte tem como munição a pólvora de fabricação doméstica. Caracterizados com chapéus e lenços, os bacamarteiros são organizados em grupos e a função principal é salvar com os tiros de festa.

O Batalhão de Carmópolis — Sergipe, acontece no ciclo junino, com a inclusão de mulheres que fazem o samba de roda. Nesse grupo, observamos o tirador de versos que, improvisando, louva as pessoas.

ESTATUTOS DO GRUPO FOLCLÓRICO “Batalhão de Bacamartes”

Capítulo I

DA DENOMINAÇÃO, FINALIDADE E SEDE

Artigo 1.º — O grupo de apresentação folclórica “Batalhão de Bacamartes” foi fundado no Povoado Aguada, deste Município de Carmópolis, Estado de Sergipe, pelos anos de 1780, na época do Cativoiro, onde negros



Grupo Folclórico “Batalhão de Bacamartes”, de Carmópolis — SE durante suas apresentações no 18.º Festival do Folclore de Olímpia (15 a 22 de agosto). Foto de Antônio José Cury.

e brancos formaram este folguedo para se divertirem na época das festas juninas. Nessa época toda a comunidade se mobilizava para este tipo de brincadeira, pessoas que trabalhavam em usinas de cana-de-açúcar e no cultivo da mandioca. Nas noites de São João, juntava-se todo o povo na residência de um dos componentes do referido grupo para festejar com o tradicional tiro de “Bacamarte”. Cada componente, em número de (20) vinte, dispõe de um bacamarte.

Artigo 2.º — A sede do Grupo Folclórico “Batalhão de Bacamartes” é no Povoado Aguada, no Município de Carmópolis — SE.

Capítulo II

FUNCIONAMENTO DOS BACAMARTES

Artigo 3.º — Os Bacamartes funcionam com pedras extraídas das matas da região. Estas pedras dar-se-ão do chifre do veado e ainda da pólvora.

Artigo 4.º — “Fabricação da Pólvora” — A Pólvora é feita pelo próprio bacamarteiro. Ele usa uma Árvore do Nordeste que se chama umbaúba, queima e a transforma em carvão muito leve. Para fazer esta pólvora, junta-se a seguinte mistura:

Nitrato de potássio, limão e cachaça do Nordeste, pisados em pilão por várias horas. Depois tira-se, põe-se ao sol para secar. Assim que estiver seca, coloca-se em cabaças e está pronta para o uso.

Artigo 5.º — Da Bateria — A bateria é composta de quatorze componentes: (4) quatro pandeiros construídos pelo próprio grupo com pele de animal da região, (4) quatro ganzás feitos por funileiro, (2) dois reco-recos, (2) duas onças, feitas com peles de animais.

Fazem parte, também, deste Grupo Folclórico (20) vinte mulheres, todas elas com roupas típicas da região e chapéu de palha enfeitado com fitas.” (SIC)



GRUPO FOLCLÓRICO: CANGACEIROS

Assim contou-nos o historiador lagartense, Senhor Adalberto Fonseca:

“Lá pelos anos de 1948, apareceu em nossa Lagarto — SE, um caboclo dizendo-se PADEIRO. Seu andar, suas maneiras de tratar, suas brincadeiras, seu estado de vida, deixavam transparecer o seu verdadeiro feitio. Não revelava nada, temendo represálias que podiam, segundo ele, um dia condená-lo. Casou-se, constituiu família e montou uma pequena padaria. Em 1960, o prefeito Antônio Martins de Meneses, resolveu reviver o folclore lagartense, para mostrar ao povo o que foram as festas do passado, através do folclore. Caiu a sopa no mel.

José Padeiro, como é conhecido, deu vasão às suas intenções. Formou um grupo a quem deu o nome de CANGACEIROS, para reviver o seu passado, quando, no Bando de Lampião, tinha o apelido de AZULÃO. Matou a saudade que morava guardada no peito e agora podia contar a verdadeira epopéia por ele vivida.

Hoje, negro velho, porém, cioso daquilo que foi parte integrante da sua formação de jovem, quando se apresentou a Lampião para ingressar no Bando. Havia exigências a serem cumpridas, sem as quais não podia participar. Primeiro: matar um soldado da polícia, e se possível, um cabo e um sargento. Matar um juiz. Saber rezar o Ofício de Nossa Senhora, para ser recitado todos os dias, às quatro horas da manhã.

Depois, o mais importante: as garantias. De queda de rede e barriga cheia, não morreria, isto porque comia quando podia e dormia no chão. Nosso herói aceitou todos os preceitos, mas acovardou-se de matar um juiz, por ser considerado um justo. Então, foi mandado embora.

Mesmo assim sentia pelo seu chefe o que ainda hoje faz questão de enaltecer. Agora ele cumpre mais uma etapa da sua vida.

Cangaceiros, Coiteiros, Força Volante e Polícia, não se podem qualificar os que eram mais temidos. Se um era perverso, o outro era muito mais.

Este pequeno relato, deixa patenteado, na pessoa de José Padeiro, tudo que a mocidade de hoje ignora, mas que depois de revivido, exclama tal aquele vaqueiro: **COMO SOFREU O NORDESTINO!**”



Grupo Folclórico Cangaceiros de Lagarto — SE — 18.
Festival do Folclore de Olímpia (15 a 22/8/1982). Foto de Antônio José Cury.

Trata-se de uma dança com conotações dramáticas. O enredo é a vida e a luta de Lampião no Cangaço, envolvendo os episódios das volantes. Os personagens são os próprios cangaceiros que atuaram no Nordeste, Maria Bonita e tipos locais complementam o elenco.

As indumentárias procuram caracterizar, através de armas de fogo, armas brancas, detalhes em couro, chapéus e cinturões, os trajés do ciclo do cangaço.

O dirigente do grupo é responsável pela história, contando os acontecimentos. Um conjunto formado de sanfona, triângulo e zabumba acompanha o grupo.

O grupo CANGACEIROS obedece a mais fiel das cópias e mostra em suas cantigas, indumentárias e características fidelíssimas o que representou, para o Nordeste, a era lampionesca.

As cantigas que entoam são as mesmas que os cangaceiros cantavam nos recessos dos seus esconderijos e se valiam da Lua-cheia para o mestre Zabelê fazer música, e recitarem versos alusivos aos momentos inesperados que viviam.

CANTIGAS

Ato n.º 1

Ou alevanta rapaziada
Equipa, equipa e vamos viajar
Só me falta Canário Beja-fulor
Pintassilva e Bananeira
É quem me faz eu demorar.

Lampião tava acoitado.
Na fazenda do algodãozinho (bis)
Mei-noite chegô um dos seus coiteiros
Lampião abra do olho,
Zé Rufino em seu roteiro.

Ai, ai, ai,
Papocou um calderão (bis)
Chorava Ponto-fino
Soluçava Lampião.

Minha mãe me dê dinheiro
Pr'eu comprar um cinturão (bis)
Pra fazer uma cartucheira
Pra andar mais Lampião.

No Raso da Catarina
Sovai quem tem coração (bis)
Pra brigar o ano inteiro
Com os cabras de Lampião.

Ai, ai, ai.
Cochicho era segredo (bis)
Chorava Ponto-fino
Soluçava Luís-pedro.

A mulher de Zé Rufino
Teve um menino chorão (bis)
O povo anda dizendo
Que é filho de Lampião.

Ato n.º 2

Uma vez todos acordados e avisados por Lampião do aviso recebido do Coiteiro, trataram de comer e levantar acampamento. Cantaram:

Acorda Maria Bonita!
Levanta pra fazer café
O dia já vem raiando
E a polícia já tá em pé.

Se eu soubesse que chorando
Acabava tua viagem
Meus olhos eram dois rios
Que não te davam passagem.

Cabelos pretos encaracolados
Olhos castanhos e delicados
Quem não ama a cor morena,
Vive cego e não vê nada.

Ato n.º 3

Daquele esconderijo seguiram, segundo informações do Rastejador, que mandado verificar qual o destino da tropa, seguiram para a localidade de Malhada Nova. Ali deram fogo e dançaram o forró de Mirandela. Cantaram:

As moças de Carira
De chorar já faz horror
Por causa dos Cangaceiros
Que Lampião carregou.

Zé Rufino quando soube
Ficou muito aborrecido
Gritou pra sua volante
Vamos pegá os bandidos.

Ato n.º 4

Saíram cantando MUIÉ RENDEIRA, e andando em busca de outra localidade.

Ato n.º 5

Houve o encontro da Volante de Odilon Flor, onde morreu o Cangaceiro Asa-Branca. CANTA-SE A CANÇÃO FEITA POR ZABELÊ EM HOMENAGEM A ASA-BRANCA.

MORTE DE ASA-BRANCA

Asa-Branca foi embora
Do Sertão e não voltou (bis)
Chora pai, chorava mãe
Por Asa-Branca, meu amor.

Asa-Branca vou te fazer um pedido
Não cante esse ano
Se quer ser o meu amigo. (bis)

Asa-Branca morreu ontem,
Ontem mesmo se enterrou. (bis)
Na cova de Asa-Branca
Nasceu um pé de fulô.

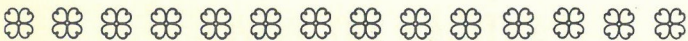
Ato n.º 6

Cai sereno no pendão do milho (bis)
Mataram Curisco na beira do rio. (bis)

Ato n.º 7

Minha Santa Beata mocinha
Eu venho aqui
Vim ver meu padinho
Meu padim fez uma viagem, oi!
Deixou Juazeiro sozinho.

Meu padim Padre Cícero
Foi ao céu ver um povo sem sorte
Foi pedir a Jesus,
Proteção para os romeiros do Norte
Lá, lará, lará, lará,
Lará, lará, lará, larará.



FESTA & CANÇÃO

A Caixa Econômica do Estado de São Paulo S.A., na presidência do Sr. Francisco Roberto, publicou, há algum tempo, a obra "Festa & Canção", inteiramente dedicada à cultura popular bandeirante. Para esse lançamento, a *Nossa Caixa* contou com a coordenação executi-

va de Paulo Lira, pesquisa e texto de Rita Rushel, versão para o inglês de Richard Spock, *lay-out* e *design* de Marta Novo e ilustrações desta última, de Antenor Lago e Loris Graldi. A luxuosa edição bilíngüe foi impressa, em papel couchê, pela Spala Editora Ltda., do Rio de Janeiro.

Profusamente ilustrado, com desenhos e fotos, o livro é ainda mais valorizado por obras de bico-de-pena, feitas por autênticos artistas populares paulistas e pela reprodução de quadros, de conhecidos pintores primitivistas brasileiros, "com seu colorido forte e sua doce ingenuidade", que os fazem muito apreciados.

Rico em informações, as suas páginas registram as diversas formas de expressão da nossa cultura popular. Para redigi-lo — informam os editores — foram necessários a consulta de vasta bibliografia especializada e os dados obtidos em intensas pesquisas realizadas, em todo o território paulista.

No volume há fotografias de grupos folclóricos colhidas em desfiles, nos Festivais do Folclore de Olímpia, como *Caiapó* (página 25), *Congada* (páginas 28, 29, 30, 31 e 32), *Reisado* (página 33), *Moçambique* (página 36) e bem assim o *Auto de Natal* (página 108).

Em "Festa & Canção" aparecem, igualmente, nas páginas 167, 168 e 169, três músicas folclóricas cantadas em nossa região (cantiga de ninar, canto de trabalho e ponto de umbanda), cujas letras, aqui, transcrevemos, com o nome do folclorista olimpiense que as descobriu e aproveitou, bem como a data em que tal ocorreu:

ANJO LINDO

(cantiga de ninar)
(modinha de serenata)

Dorme, ó meu anjo lindo
Vai calma dormindo,
Quem vela sou eu.

Dorme, sem nenhum cuidado
Que estou ao seu lado
E velo por ti.

Sonhar com noites de lua,
Minh'alma é só tua,
Quem vela sou eu.

Coletado por José Sant'anna (1957)
Olímpia, São Paulo.

LOVELY ANGEL

(Lullaby)
(Serenade tune)

Sleep, my lovely angel
Go gently to sleep,
I'm watching o'er you.

Sleep on, worry not
I'm at your side,
And I'm watching o'er you.

Dream of shining moons,
My soul is yours alone,
I'm watching o'er you.

Collected by José Sant'anna (1957)
Olímpia, São Paulo.

PLANTEI MEU MILHO

(canto de trabalho)

Plantei meu milho na beira do mato
Bicho danado é bicho macaco
O milho veio e veio graúdo
Veio o macaco, comeu quase tudo.

Eu fui no mato cajar joó
Matei cutia junto co'a minha avó
Numa caçada, sou bicharedo
Não mato onça, porque tenho medo.

Eu acho graça de ver meu pai
Não mata nada e todo dia vai
A espingarda dele é velha demais
Eu com meu estilingue mato muito mais.

Coletado por José Sant'anna (1958)
Olímpia, São Paulo.

I PLANTED MY CORN

(work song)

I planted my corn at the forest's edge
That damned monke's a crafty animal
My corn sprouted and come up big
But that damned monkey gobbled most of it up.

A went into the woods, a huntin' quail
I killed agouti with my granny
On a hunt, I'm like an animal.
I don't kill wildcats, 'cause I'm afraid.

Sure is funny to see my dad
Huntin'every day without gettin a thing,
His shotgun's just too, too old
Schucks, I get more with my little sling.

Collected by José Sant'anna (1958)
Olímpia, São Paulo.

MÃE SEREIA

(ponto de umbanda)

Eu fiz um pedido
Pra Mãe Sereia
Prá Mãe Iemanjá
Para todo o mal livrar
Foi na areia
Foi numa noite
Na areia branca do mar. (bis)

A Lua brilhou no céu
Iluminou meu caminho
No mar,
Sereia, Rainha do Mar
Sereia, Rainha do Mar
Foi na areia
Foi na areia
Foi na areia
Foi numa noite
Na areia branca do mar.

Coletado por José Sant'anna (1969)
Olímpia, São Paulo.

MOTHER MERMAID

(An umbanda song)

I made a wish
To Mother Mermaid
To Mother Yemanja,
To save me from all evil.
That was on the beach
That was one night
On the ocean's white beach (Twice).

The Moon shone in the sky
Lighting my path
on the Sea.
Mermaid, Queen of the Sea
Mermaid, Queen of the Sea
That was on the beach
That was on the beach
That was on the beach,
That was one night
On the ocean's white beach.

Collected by José Sant'anna (1969)
Olímpia, São Paulo.

No calendário completo das manifestações folclóricas do Estado de São Paulo — parte utilíssima da obra — consta ainda a data da fundação de nossa cidade (2 de março) e a época da realização dos Festivais do Folclore (agosto).

Suas últimas páginas trazem um glossário de expressões folclóricas e o rol de obras, usado na feita da importante publicação, que não é, apenas, para ser lida, mas também preservada.

Rothschild Mathias Netto



LIVRO "MANUAL DO FOLCLORE"

Lançado pelas Edições Didáticas de Artes e Técnicas Ltda. — EDART na série Biblioteca do Folclore, em 2.^a edição, a folclorista Prof.^a Laura Della Mônica, já considerada olimpiense pelas atividades que aqui exerceu e continua exercendo, apresenta ao público estudante e estudioso da Folclorística Nacional, a sua obra didática — "Manual do Folclore", dividida nas seguintes unidades: O Movimento Folclórico, Linguagem Folclórica, Literatura Oral, Artes e Técnicas, Lúdica, Crendices e Superstições, Folclore Infantil, Usos e Costumes, Música, Folc-Comunicação, Folclore Aplicado, O Folclore em São Paulo, Levantamento de Dados, Glossário, além de outros assuntos. A última capa é apresentada pelo Prof. José Sant'anna e, no decorrer de seu trabalho, Della Mônica se refere, repetidas vezes, à cidade de Olímpia e ao trabalho que nela se desenvolve em torno do folclore brasileiro.



CANTIGAS DO POVO

As Edições Paulinas Discos de São Paulo lançou, em junho deste ano, o elepê (EPD 0623) "Cantigas do Povo" Água da Fonte, de Ely Camargo, sobre temas folclóricos recolhidos pela própria cantora e por Frei Francisco Van Der Poel (Ofm):

FACE A: Reisado de Alagoas, Que Noite tão bonita!, Pastorinhas, Bendito de São José, Cantiga de Mendiga, Deus te Salve a Casa Santa.

FACE B: Puxada do Mastro de São Sebastião, Cantos para Pedir Chuva, 25 de Dezembro, Bendito de Santa Luzia, "Incelências", Adeus Minha Lapinha.

Na contracapa está a apresentação do crítico musical José Ramos Tinhorão que finaliza sua redação com este trecho:

"O CANTO SEMPRE UNIVERSAL DO POVO

No Brasil, entre esses raros artistas dedicados à tarefa de levar o canto das grandes camadas à gente tão desinformada das cidades está a cantora Ely Camargo. Desde seu primeiro LP, lançado exatamente há 20 anos — e muito significativamente intitulado Canções de Minha Terra — o que Ely Camargo tem feito, e agora confirma com este novo disco que todos teremos prazer em ouvir, é exatamente isso: Fazer cantar por sua voz, tão cheia de emoção e sonoridade, a voz anônima do povo que — apesar de tudo — canta e traduz no seu canto a alma da própria terra."

Ilustrando a capa aparecem a forma de viola pertencente ao acervo da cultura popular do SESC — SP e o *Terno de Congada "Chapéu de Fitas" do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia*, do capitão José Francisco Ferreira.

Acompanha o Disco um folheto duplo com textos explicativos e a letra das melodias folclóricas interpretadas pela voz ternura do Brasil — Ely Camargo.



RUBENS FALCÃO

Rubens Falcão, cearense de Baturité, fluminense por adoção. Jornalista, escritor. Especializou-se em assuntos pedagógicos. Colaborador de O Globo, do Rio de Janeiro, por longo tempo. Representou aquele Estado em vários Congressos Nacionais e Interamericanos de Educação de Base. Membro das Academias de Letras Petropolitana e Fluminense. Sua obra publicada é vasta, como por exemplo: *Novos Caminhos da Educação Fluminense*; *A Reforma de Ensino do Ceará*; *A Educação de Adultos do Estado do Rio*.

Ocupou o cargo de Secretário da Educação e Cultura do Rio de Janeiro. Preocupou-se com o analfabetismo da zona rural, e daí saiu uma tese aprovada pela III.ª Conferência Nacional de Educação.

No seu olhar, um linco; na sua garra, um falcão; na sua voz, um Anchieta. Modesto, chegando a ser simplório, sempre apreensivo com a cultura e a educação brasileiras. Lutou, ferrenhamente, para que seu ideal fosse atingido.

Presidente da Comissão Fluminense de Folclore, manteve o Boletim Informativo durante longos anos, enaltecendo os outros, dando-lhes oportunidades permanentes.

Escreveu muito sobre Folclore, e me dizia, numa de suas cartas: "... lembre-se que não sou folclorista, um simples curioso, um mero turista no assunto".

Tenho honra de ser sua amiga, desde os velhos tempos do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, Palácio do Itamarati, em 1951, respeitando suas idéias, seus pensamentos. Certa vez ele me escrevia: "desliguei-me da Secretaria-Geral da Comissão Fluminense de Folclore. Enquanto lá permaneci, dei demais tudo o que pude, sem visar interesse de qualquer natureza. Outros virão e farão melhor".

Aproveito a oportunidade para, de público, pedir-lhe que retorne à Comissão Fluminense de Folclore. Precisamos de você, de seu trabalho, da sua fibra, do seu conhecimento e experiência.

Volte a dar oportunidade a todos, em prol da nossa cultura, das nossas raízes, da nossa Pátria.

Laura Della Mônica

DELEGADA REGIONAL DA CULTURA

Em maio de 1982 assumiu a direção da Delegacia Regional da Cultura — 8.ª R. A. — de São José do Rio Preto, órgão da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, a Prof.ª Maria José Aziz. Licenciada em Letras e Pedagogia foi, até recentemente, professora de Língua Portuguesa. Tem muita experiência profissional didático — administrativa. Realizou, durante todo o tempo em que exerceu o magistério, um trabalho respeitável sobre literatura, teatro e música, mas o folclore tem sido o assunto de quase toda a sua atividade intelectual. É admiradora dos festivais do folclore e promete, como delegada regional da cultura, empenhar-se, para que a Secretaria da Cultura, em 1984, responda pela verba destinada à indenização dos grupos folclóricos, que deverão participar do 20.º FEFOL.



ESPAÇO TURÍSTICO

No prédio da Secretaria de Estado dos Esportes e Turismo do Governo de São Paulo, de 27 de junho a 8 de julho deste ano, instalou-se a Exposição Folclórica de Olímpia. Nela estiveram em exibição: as indumentárias (em manequins); instrumentais dos folguedos folclóricos; cartazes de todos os festivais, até hoje realizados em nossa cidade, e mostra do variado artesanato folclórico do Município. A exposição ficou aberta, ao público, das 8 às 22 h, diariamente, e todos os visitantes receberam o convite para o 19.º Festival do Folclore.

No dia da inauguração, presentes muitas autoridades paulistanas, Olímpia apresentou um espetáculo de Danças Parafolclóricas, bastante aplaudido.



TELEVISÃO

O Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja" de Olímpia, dirigido pela Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, apresentou-se, como convidado especial, no Programa "Viola, Minha Viola" da RTC — Canal 2, de São Paulo, nos dias 31 de julho e 6 de agosto deste ano. O espetáculo de projeção folclórica, em que tomaram parte apenas jovens olímpenses, foi apresentado por Moraes Sarmiento e pela folclorista Inesita Barroso, uma das maiores admiradoras de Olímpia e de sua gente.

O grupo participou ainda do Programa Festa Baile, de Agnaldo Rayol e Branca Ribeiro também da RTC, nos dias 23 e 31 de julho.



ADEUS, RUBENS DE MENDONÇA

Filho do grande historiador Estêvão Anastácio de Mendonça. Cuiabano de nascimento. Poeta, precioso ensaísta, fulgurante expressor das letras e pesquisador. Tudo lhe interessava, e seu entusiasmo o levou aos quatro cantos da estória e da História.

Por isso, Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá deve ser lido por todos.

Os tipos populares foram observados por ele, dando um colorido especial a cada um, na forma e no conteúdo. Muitos o consideravam estranho, frio, indiferente, mas em Garimpos do meu Sonho, o versejador se acusa e podemos perceber um pouco dos seus sentimentos. Dedicou-se à história de Mato Grosso, aos bororos — poetas da Casa, da Terra.

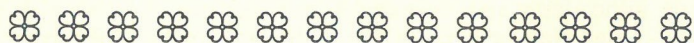
Fundou e dirigiu diversas publicações literárias. Pertenceu à Academia Matogrossense de Letras, ocupando a cadeira n.º 9 (D. José Antônio dos Reis), e a outras entidades culturais. Foi, ainda, Secretário-Geral da Comissão Matogrossense de Folclore.

Assinando seu próprio nome ou usando os pseudônimos de Paulo Ambard, Timon Filho e J. Moleque, escreveu muito: Cascalho da Ilusão; Os Mendonça de Mato Grosso; Aspectos da Literatura Matogrossense; Álvares de Azevedo, o romântico; História da Literatura Matogrossense.

Foi um incansável.

Mendonça possuía, como disse, o dom de expressar literalmente. Cantou nos seus versos e gritou toda uma história. História da nossa História Brasileira que os Bororos remanescentes continuarão a berrar, num eco repetido e cadenciado, o nome do imortal *Rubens de Mendonça*.

Laura Della Mônica



MARIA DE LOURDES BORGES RIBEIRO

Em 11 de junho do corrente ano, faleceu em Aparecida, Maria de Lourdes Borges Ribeiro. Folclorista, professora, poetisa e historiadora, publicou "A Dança do Moçambique", "O Jongô", "Na Trilha da Independência" e muitas monografias. O professor José Sant'anna, que a conhecia de longa data, escreveu para o Anuário, esta página de saudade, sobre a ilustre folclorista, levada pela morte, tão prematuramente:



(a de óculos)

"Vem de longe nossa admiração por D. Maria de Lourdes, pela sua atuação profícua nas atividades exercidas junto à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, hoje Instituto Nacional do Folclore, órgão da FUNARTE (Ministério da Educação e Cultura). Recordamos-nos dos dias felizes da nossa passagem pelas conferências e pelos

cursos, seminários, simpósios e congressos do Folclore Brasileiro. Bastava sua agradável presença, sua palavra oportuna e ponderada para animar-nos no prosseguimento dos Estudos da Folclorística Nacional.

De raro feitio moral e privilegiados dotes de espírito, orientava-nos sempre com sabedoria, e capacidade de quem conhece os segredos da palavra e sabia manejá-la como o esgrimista a espada. Folclorista de elevado quilate, alma cheia de fé, crente nos altos destinos do Brasil tinha consciência de que as crises emergem no curso da história, temporariamente.

Mantinha conosco correspondências telefônicas e escritas.

Louvava-nos pelas realizações das atividades folclóricas. Incentiva-nos. Exaltava-nos. E sentia enorme frustração por nunca ter podido assistir a um dos nossos festivais.

Enviava-nos discos, fotografias, folhetos, revistas e livros sobre folclore e divulgava nossos trabalhos por todos os meios possíveis de comunicação.

Na publicação de seu último livro "Moçambique", lançado pelo M.E.C., há fotos do folguedo folclórico Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia e a transcrição de trechos de nossas pesquisas sobre o assunto. Assim, ela se expressa na dedicatória, escrita no frontispício da obra: "Ao prezado amigo José Sant'anna, a quem tanto deve o folclore brasileiro, agradecimentos pelas fotos e informações. Com a sua ajuda me foi possível estruturar os dois tipos de Moçambique. Abraços de Maria de Lourdes — 2/2/82 — Rio".

Trazemos a alma ainda tocada das alegrias e emoções do nosso último encontro, em Campinas, com presença de folcloristas, na festa comemorativa da Primeira Jornada de Literatura de Cordel, Seminário realizado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas em convênio com a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, em 1982.

O exemplo, bem como o nome de Maria de Lourdes Borges Ribeiro ficam conosco, guardados com carinho, para servirem de lições e estímulos para novas lutas. Bendiremos sempre a companheira de ideais, a mestra admirável e, sobretudo, a amiga cheia de virtudes, que se foi para sempre."



BRDESCO

Poucas pessoas têm conhecimento dos obstáculos que sempre enfrentamos na organização dos festejos de agosto. Não foi diferente no ano de 1982. A difícil situação por que estamos passando tornou inviável, quase impossível, a realização do 18.º Festival do Folclore de Olímpia.

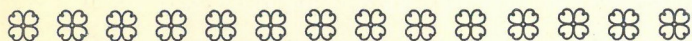
Entretanto, a nossa maior festa não sofreu interrupção, graças ao auxílio de alguns prestantes colaboradores. Entre estes devemos destacar o *BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS* que muito contribuiu também para o bom êxito e todo esplendor daquele Festival do ano que passou.

Para que todos tenham idéia do que foi a generosa ajuda do *BRDESCO*, em 1982, talvez fosse necessário enumerar, apenas, a cópia de impressos que nos forneceu graciosamente: 2000 programas da festa, 2000 números da nossa revista, com farto material folclórico (Anuário do Folclore), 50000 folhetos de propaganda, distribuídos em todo o território nacional, 4000 certificados (para Visitantes Ilustres, de Louvor ao Mérito e de Participação nas atividades), bom número de faixas de saudação, bem como 2000 cartazes ricamente ilustrados.

Além disso, o *BRADESCO* brindou-nos com bem instalado "STAND", que marcando sua presença nos folgedos folclóricos da cidade, fez larga distribuição de brindes, como as 2 000 camisetas que repartiu entre visitantes e pessoas do nosso povo.

Como se tudo isso não fosse suficiente, os bons patrocinadores, enviaram de Osasco, a Banda Marcial da Fundação Bradesco, que emprestou grande imponência e beleza, ao desfile de encerramento das nossas atividades.

Ao *BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS* pelo decisivo apoio que nos deu para a realização dos festejos folclóricos, de 1982, e pela profícua participação no 19.º Festival do Folclore, de 1983, consignamos, aqui, em nome dos olimpienses, das autoridades municipais e dos organizadores, os nossos mais sinceros agradecimentos.



CARTA ABERTA AOS AMIGOS DO FOLCLORE

Acordem! Acendam as lamparinas do espírito, deixem de lado o avesso do mel, arranquem as folhinhas do Calendário cansado e enfeitem as janelas do espírito com jasmim e bandeirolas de papel!

É tempo de visitar Olímpia, viajando num barco de sonhos, ao som de músicas e de esbanjados gestos de bem-querer!

Abram as portas da alma e deixem que a fina sensibilidade mande a sua doce mensagem de brincar de ser feliz!

Nos fios da memória, entre o cravo, a rosa e o orvalho da manhã, correm mil telegramas de aconchego e macios recados, por entre riscos de laranjais floridos e

bailados de abelhas, mestras do trabalho a nos ensinarem a beleza local.

É tempo de Folclore!

Venham ver Olímpia, logo de manhã, bem cedo! Ou à noite. Ou de madrugada mesmo, sem medo! Ela estará vestida de alegria para receber quem chega, que é pra ninguém lhe botar defeito.

Hoje é domingo

(mas pode ser outro dia qualquer)

Pede perfume de rosas

e roupa cheirando a limpo.

Hoje é dia de Folclore e de visitar o Prof. José Sant'anna que compete com o Espírito Santo na difícil arte de estar em todo os bons lugares ao mesmo tempo, tudo fazendo para não deixar a peteca cair...

Mas se não tiverem tempo de vir, mandem, pelo menos, um recado amigo aos cuidados da Estrela Dalva que enfeita, todo o mês de Agosto, as varandas do horizonte de Olímpia.

Prometam não faltar, no próximo ano, à festa que se tornou tradicional. Ela absorveu o gosto do cravo, da canela e do gengibre e outros sabores com que Deus fez os trópicos, em certo dia que decretou feriado no Céu!

Do amigo solidário no amor ao folclore,

a) Ático Vilas-Boas da Mota

(Diretor-executivo da Comissão Nacional de Folclore)
Olímpia — Capital do Folclore — 1983

P.S.: Mas, antes que eu me esqueça: Dona Esperança e a Senhora Paz, juntamente com seu esposo — Senhor Bem-Estar — mandam-lhes dizer que resolveram fixar residência em Olímpia, lugar gostoso de se viver. E antes que o mundo se acabe, não pretendem sair mais daqui, pois acreditam no velho ditado: "Seguro morreu de velho e seu pai ainda vive".



Deixe o Bradesco acertar as contas por você.

Luz?
O Bradesco
fica ligado
no dia
do vencimento.



Telefone?
Dê um alô que
o Bradesco
paga para você.



Água?
Deixe por conta
do Bradesco.



Títulos,
impostos,
carnês?
Deixe o
Bradesco
tomar conta.

Com a Carteira de Pagamentos Bradesco você não precisa se preocupar com impostos, títulos, taxas, carnês, contas de água, luz e telefone.

É só assinar uma autorização que todo mês, no dia certo, o Bradesco debita em sua conta, desde que

tenha saldo.

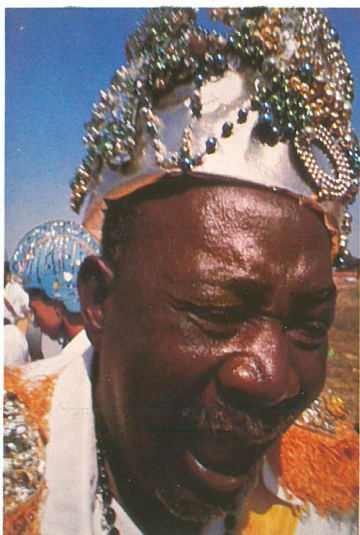
Depois, você recebe em casa o comprovante quitado.

Ponha a mão em nossa carteira para pagar suas contas. Você não paga nada por mais este serviço Bradesco.

CARTEIRA DE PAGAMENTOS

BRADESCO

o banco brasileiro



José Geraldo dos Santos, por muitos anos, primeiro capitão do Terno de Congo de Sainha, de Uberlândia, MG, era filho de "Capitão de Congo".

Conhecido por Capitão José Rafael, desde muito cedo, foi figurante daquele grupo e membro das irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

Participou, pela primeira vez, do Festival do Folclore de Olímpia, em 1.978 e, desde então, temos contado sempre com a presença do importante grupo folclórico mineiro.

O Capitão José Rafael faleceu, na cidade de Uberlândia, a 12 de maio de 1.982, aos 69 anos de idade e foi sepultado no dia seguinte, precisamente na data da celebração da festa dos padroeiros do Congo.

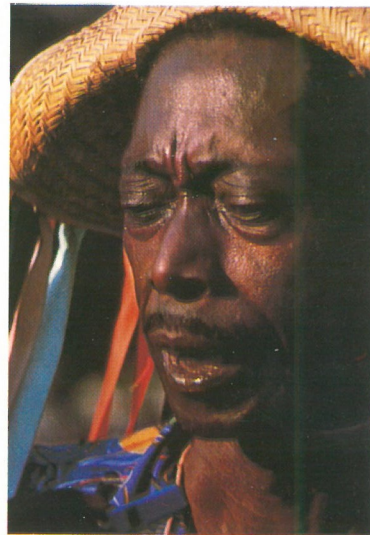
Com o lamentável desaparecimento, coube ao filho adotivo, assumir as responsabilidades de capitão do Terno de Congo de Sainha.

No ano passado, José Geraldo dos Santos, muito doente e já à espera do fim inevitável, reuniu os seus congueiros para fazer-lhes dois pedidos. Primeiramente, que jamais extinguissem o Terno de Congo de Sainha. O segundo desejo, expresso no leito de morte, foi que continuassem a atender os chamados de Olímpia, por ocasião dos famosos festivais.

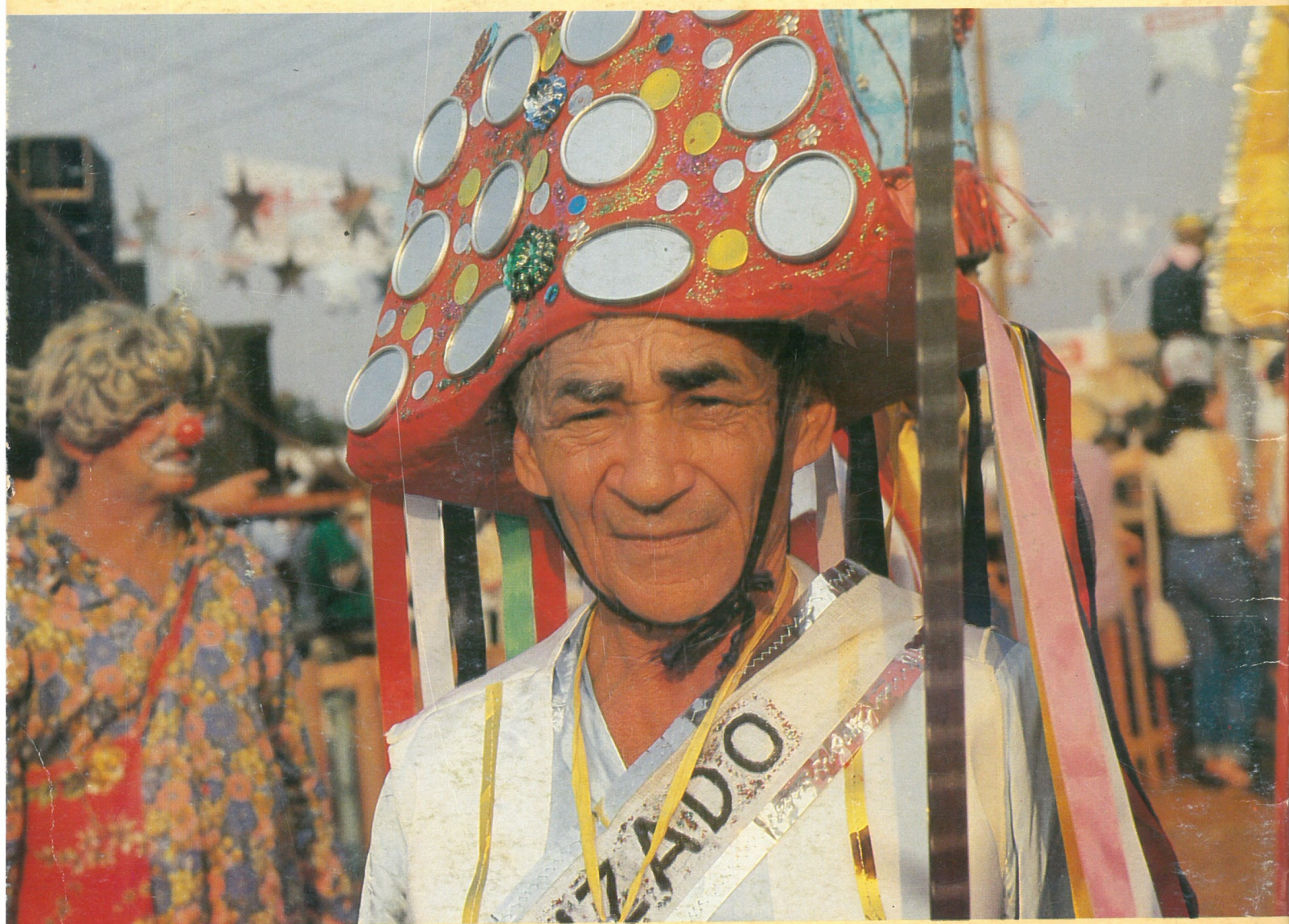
Assim, os olimpienses e visitantes, jamais ficarão privados da participação do grupo folclórico de Uberlândia, que não se trata de "congada de embaixada" e que com suas danças frenéticas e seus ritmos contagiantes emprestam, todos os anos, maior brilho às nossas festividades de agosto.

Dentre os grupos folclóricos que se vêm exibindo, em Olímpia, através dos anos, desde o primeiro Festival, destaca-se o Terno de Congada Chambá, de São Sebastião do Paraíso - MG. Trata-se de congada de desfile, pois não possui embaixada. Os congadeiros dançam em louvor a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, São Domingos, Santa Catarina e São Jerônimo, segundo nos informou o Sr. João Domingos Rodrigues, presidente da Sociedade do Terno de Congada Chambá.

Pertenceu ao grupo, desde criança, o Sr. Felisbino da Silva (Capitão Bino), viúvo, pai de 7 filhos, de 59 anos e descendente da família Chambá. Primeiro capitão da congada de São Sebastião do Paraíso, comunicativo, sempre alegre, dançava com desenvoltura e elegância, a despeito da idade e da altura de 1,95 m. O Capitão Bino faleceu no dia 14 de agosto de 1.982, isto é, uma semana antes do encerramento do 18º FEFOL. Ainda assim o Terno de Congada Chambá, compareceu ao Festival. Tocante homenagem póstuma foi, na ocasião, prestada ao desaparecido: com o primo Fernando Francisco da Silva como capitão do Terno, os elementos do grupo desfilaram e dançaram, de tarja preta no uniforme, sem entoar os cânticos costumeiros, apenas ao som de seus instrumentos...



Folclore: Um pouco
da nossa terra
e nossa gente.



BRADESCO

o banco brasileiro